



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
ANGÉLICA MICHELS MÜLLER

**PERCEPÇÃO E CUIDADO PELO VIÉS SOCIOAMBIENTAL: UM ESTUDO NA
ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL FÁBIO SILVA SOBRE A RELAÇÃO SER
HUMANO – ESCOLA – COMUNIDADE**

Tubarão
2015

ANGÉLICA MICHELS MÜLLER

**PERCEPÇÃO E CUIDADO PELO VIÉS SOCIOAMBIENTAL: UM ESTUDO NA
ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL FÁBIO SILVA SOBRE A RELAÇÃO SER
HUMANO – ESCOLA – COMUNIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, nível Mestrado, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Fátima Elizabeti Marcomin, Dra.

Tubarão

2015

Müller, Angélica Michels, 1986-
M92 Percepção e cuidado pelo viés socioambiental: um estudo na
escola de ensino fundamental Fábio Silva sobre a relação ser humano
– escola - comunidade / Angélica Michels Müller; -- 2015.
153 f.; 30 cm

Orientadora: Fátima Elizabeti Marcomin.
Dissertação (mestrado)–Universidade do Sul de Santa
Catarina, Tubarão, 2015
Inclui bibliografias

1. Educação ambiental. 2. Comunidade e escola. 3. Ensino
fundamental. I. Marcomin, Fátima Elizabeti. II. Universidade do Sul
de Santa Catarina - Mestrado em Educação. III. Título.

CDD (21. ed.) 363.70071

ANGÉLICA MICHELS MÜLLER

**PERCEPÇÃO E CUIDADO PELO VIÉS SOCIOAMBIENTAL: UM ESTUDO NA
ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL FÁBIO SILVA SOBRE A RELAÇÃO SER
HUMANO – ESCOLA – COMUNIDADE**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Educação e aprovada em sua forma final pelo curso de Mestrado em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 26 de fevereiro de 2015.

Prof^a. e Orientadora Fátima Elizabeti Marcomin, Dra.

Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Zysman Neiman, Dr.

Universidade Federal de São Paulo

Prof^a. Josélia Euzébio da Rosa, Dra.

Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Clóvis Nicanor Kassick, Dr.

Universidade do Sul de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Início os meus agradecimentos a Deus, sendo Ele luz que ilumina o meu caminho e que me ajudou a seguir em diversos momentos nestes dois anos de Mestrado, dois anos de estudo intenso e trabalho árduo.

Aos meus pais, Maria e Valter, que neste período tiveram que “aturar” uma filha ausente em muitos momentos. Grata pela paciência!

À minha orientadora, professora Fátima, que nestes dois anos me “adotou” como filha, dando puxões de orelha quando necessário, conselhos e por ter me ensinado muitas coisas, as quais me tornaram uma pessoa melhor.

Aos meus amigos, em especial Daniela Alves, por ter lido meus artigos e trabalhos do Mestrado. A Josiane Anacleto e Eliana Scremin, pela parceria e companheirismo desprendidos durante este curso.

À gestão e funcionários da Escola de Ensino Fundamental Fábio Silva, pelo carinho, paciência e por terem aceitado que esta pesquisa fosse realizada na escola.

Aos participantes da pesquisa: pais, professores e gestora da escola Fábio Silva. Sou imensamente grata a vocês, sem vocês este trabalho não teria sido possível.

Aos meus alunos, agradeço pelo carinho de vocês e por me compreenderem nos momentos de ausência.

À banca examinadora, professora Josélia, professor Kassick e professor Zysman, por não medirem esforços com o intuito de tornar o trabalho melhor.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisul, por auxiliarem, direta ou indiretamente, na construção do conhecimento nestes dois anos de Mestrado.

A Daniela Leandro, por sempre nos tratar com delicadeza e presteza na secretaria do Mestrado.

À CAPES, por ter me concedido bolsa de taxa para a realização deste curso de Mestrado.

A todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram e auxiliaram nesta caminhada.

Muito obrigada!

“Há na vida um momento em que uma voz nos diz que chegou a hora de uma grande metamorfose: é preciso abandonar o que sempre fomos para nos tornarmos uma outra coisa [...]” (ALVES, 2012, p. 13).

RESUMO

Atualmente as questões ambientais estão em alta na mídia em decorrência das consequências advindas da intervenção humana no ambiente, assim como da reflexão gerada a partir dos eventos nacionais e internacionais e da participação de movimentos em defesa do meio ambiente. Frente a tal realidade, a escola pode exercer um papel importantíssimo com vistas a favorecer a construção de processos formativos que almejem a formação de cidadãos éticos, críticos, responsáveis e comprometidos com o exercício da cidadania e com a construção de sociedades sustentáveis. O presente estudo objetivou compreender a percepção socioambiental de pais, professores e gestores da Escola de Ensino Fundamental Fábio Silva, em Tubarão/SC/Brasil, sobre o papel da escola na formação de sujeitos críticos e atuantes na sociedade e da necessidade de relações mais estreitas entre escola-comunidade. A abordagem da pesquisa é qualitativa e fenomenológica à luz da percepção em Merleau-Ponty, pautada na observação da pedagogia Freireana e na ética do cuidado de Leonardo Boff. A busca por informações ocorreu por meio de entrevistas gravadas, transcritas e interpretadas sob a perspectiva fenomenológica. Observou-se que os participantes da pesquisa concebem um sujeito crítico e atuante na sociedade como aquele portador de virtudes; apresentam dificuldades em compreender meio ambiente sob a ótica ambiental, levando este conceito ao âmbito das relações interpessoais; apontam a comunidade como problemática, evidenciando que há pouca relação de pertencimento com o local onde vivem e onde a escola está inserida. A respeito da relação escola-comunidade e vice-versa, declaram-na boa, porém enfatizam a pouca participação dos pais na escola. Consideram a Associação de Pais e Professores da escola como algo distante, mas reconhecem que esta poderia auxiliar a escola e a comunidade. Os pais entendem ser importante o estudo na vida de seus filhos. A educação, para os participantes, é um elemento transformador e de melhoria na qualidade de vida das pessoas. A sustentabilidade é concebida como algo inerente à preservação do meio ambiente. As expressões dos participantes apontam para a necessidade de aproximar a comunidade da escola e vice-versa, estabelecendo laços estreitos e cuidadosos entre ambos. Face ao observado, seria importante a inserção de projetos coletivos integradores entre escola-comunidade e que poderiam ser mediados pela Educação Ambiental crítica, emancipatória e transformadora.

Palavras-chave: Percepção socioambiental. Cuidado. Educação Ambiental.

ABSTRACT

Nowadays, environmental issues are fashionable in the media due to the consequences of human intervention on the environment, as well as the reflections generated from national and international events and the participation of movements for the protection of the environment. Given this scenario, schools can play a very important role with a view to facilitating the construction of training processes that aim to form ethical, critical, responsible and committed citizens in the exercise of citizenship and with the construction of sustainable societies. The present study aimed to understand the socio-environmental perception of parents, teachers and administrators of the Fábio Silva Elementary School, in Tubarão, in the state of Santa Catarina, Brazil concerning the role of the school in the formation of critical and involved subjects in society and the need for closer ties between the school and the community. The research approach is qualitative and phenomenological in the light of perception in Merleau-Ponty, guided by the observations of Freire's pedagogy and ethics of care by Leonardo Boff. The search for information took place through interviews recorded, transcribed and interpreted from a phenomenological perspective. It was observed that the participants in the research conceive an active and critical subject in society as one with the virtues; they have difficulties in understanding the environment from an environmental viewpoint, bringing this concept into the area of interpersonal relationships; they point to the community as being the problem, showing that there is little relationship of belonging to the location where they live and where the school is inserted. With regard to the relationship between school and community and vice-versa, they declare that this relationship is good, although they emphasize the scant participation of the parents in school matters. They consider the Parents and Teachers Association as aloof, but acknowledge that this could aid the school and community. The parents understand the importance of studying in the lives of their children. For the participants, education is a transforming element that improves the quality of people's lives. Sustainability is conceived as something inherent in environmental preservation. The expressions of the participants point to the necessity to bring the community closer to the school and vice-versa, establishing careful and close ties between them. With regard to the above observations, it would be important to introduce collective and integration projects between school and community that could be mediated by a critical, emancipatory and transforming environmental education.

Keywords: Socio-environmental perception. Care. Environmental Education.

LISTA DE SIGLAS

ACT - Admitido em Caráter Temporário

APP - Associação de Pais e Professores

CEDUP - Centro de Educação Profissional

EA - Educação Ambiental

E.E.F. - Escola de Ensino Fundamental

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PENOA - Programa Estadual Novas Oportunidades de Aprendizagem

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PPP - Projeto Político Pedagógico

PROERD - Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

UE - Unidade Escolar

SUMÁRIO

INTRODUZINDO A TEMÁTICA	9
1 O CAMINHO TEÓRICO	14
1.1 NOS CAMINHOS DA FENOMENOLOGIA	14
1.2 CAMINHANDO PELA PERCEPÇÃO E PERCEPÇÃO AMBIENTAL	19
1.3 EDUCAÇÃO COMO UM ELEMENTO TRANSFORMADOR À LUZ DE PAULO FREIRE	23
1.4 O CUIDADO A PARTIR DE LEONARDO BOFF	29
1.5 EDUCAÇÃO AMBIENTAL	33
2 O TRILHAR METODOLÓGICO	41
2.1 ABORDAGEM DA PESQUISA	41
2.2 <i>LÓCUS</i> DA PESQUISA E SEUS ATORES	42
2.3 A BUSCA POR INFORMAÇÕES	45
2.4 O PRIMEIRO CONTATO COM OS SUJEITOS/ATORES	46
3 INTERPRETANDO AS MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES DOS ATORES DA PESQUISA	48
4 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	132
REFERÊNCIAS	136
APÊNDICES	144
APÊNDICE A - Ficha de levantamento dos atores da pesquisa	145
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista para gestores	146
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista para professores	148
APÊNDICE D – Roteiro de entrevista para pais	150
APÊNDICE E – Ficha de observação entrevista	152

INTRODUZINDO A TEMÁTICA

Atualmente vivemos um período em que as questões ambientais estão em alta na mídia em decorrência da consequência advinda da intervenção humana no ambiente, assim como da reflexão gerada a partir dos eventos nacionais e internacionais e da participação de movimentos em defesa do meio ambiente. Qualquer atividade humana causa impacto negativo ou positivo no meio ambiente, contudo algumas temáticas têm gerando uma “maior” repercussão nos meios de comunicação, como: aquecimento global, inundações, desmoronamentos de encostas, desmatamento, poluição, falta de água potável em determinadas regiões do planeta, riscos de escassez de alimentos, dentre outras. Devemos pensar nas consequências de nossas ações para com o ambiente e buscar constituir outro modo de interação com os bens naturais assim como medidas mitigadoras frente aos impactos causados pelo ser humano. Nesse contexto, universidades, escolas, organizações não governamentais, governos e outras entidades devem participar de processos sensibilizadores junto a estudantes e à população para a relação desses com as questões ambientais.

Os problemas ambientais estão relacionados com a sociedade de consumo na qual estamos inseridos, em que percebemos uma superprodução de objetos “novos” que estimulam o consumo desenfreado e, como resultado, o uso irracional dos bens naturais. Isso, segundo Bauman (2012), ocorre por conta da sociedade de consumidores, onde o Estado é capitalista, proporcionando o encontro entre o consumidor e a mercadoria. Além de outras estratégias de mercado, como o agronegócio, que apesar de ter uma lógica um tanto diferente também contribui para a problemática ambiental. Fernandes e Sampaio (2008, p. 89) acreditam que a problemática ambiental “[...] surge da forma como a sociedade se relaciona com a natureza”. Observa-se que a sociedade, ou melhor, o sistema que governa a sociedade vive um período controverso: ao mesmo tempo em que incentiva o consumo exagerado, alguns de seus membros discutem a questão ambiental, apontando, principalmente, as possíveis consequências que podem advir se o ambiente não for preservado. Carvalho (2004, p. 38) ressalta que “para apreender a problemática ambiental, é necessária uma visão complexa do meio ambiente, em que a natureza integra uma rede de relações não apenas naturais, mas também sociais e culturais”. Os problemas ambientais são decorrentes da maneira pela qual o ser humano interage com o meio ambiente, pois ele também é natureza, e sendo um componente da natureza pode transformá-la, tanto de maneira positiva como negativa (TOZONI-REIS, 2004).

Além disso, a sociedade atual vive um momento de mudanças em diversos

âmbitos, como, por exemplo, novas estruturas familiares, acesso mais rápido às informações, estilo de vida agitado em decorrência da carga horária de trabalho, inserção da tecnologia em áreas até então habituadas com o trabalho humano (braçal), dentre outras, e estas podem ser decorrentes, além de outros fatores, do grande avanço tecnológico e da imensa gama de informações disponibilizadas todos os dias pelos veículos de comunicação social.

Em consonância com o exposto, Dias (2004, p. 16) destaca que “em nenhum período conhecido da história humana ela precisou tanto de mudança de paradigma, de uma Educação renovadora e libertadora”. Assim, pode-se afirmar que o ser humano necessita repensar as suas atitudes para com o meio ambiente e com o outro, e a educação é um dos principais mecanismos para a reflexão acerca da problemática ambiental.

Também se faz necessário interpretar as ações dos seres humanos em relação ao meio ambiente, ao próximo e a tudo que nos cerca. Essa interpretação pode ser pautada na percepção, na captura da essência das nossas atitudes para então chegarmos à sensibilização e, por conseguinte, a uma possível mudança nos hábitos e atitudes. Guimarães (2004b, p. 86) afirma que:

Precisamos, também superar a noção de sensibilizar, que na maior parte das vezes é entendida como compreender racionalmente. Sensibilizar envolve também o sentimento, o amar, o ter prazer em cuidar, a forma como cuidamos dos nossos filhos. É o sentido de doação, de integração, de pertencimento à natureza.

Por esse motivo é importante (re)construir a visão que temos do mundo e, em muitas situações, torna-se essencial substituir as lentes com as quais observamos a natureza e olhá-la com outros olhos (CARVALHO, 2004). Com esse “exercício” podemos reconsiderar fatos, rever conceitos e (re)construir ações de intervenção. O estudo da percepção ambiental possibilita a construção do conhecimento e, em consequência, a compreensão em relação ao local onde estamos inseridos. Ademais, conforme Faggionato (2014), conhecer como as pessoas percebem o ambiente no qual estão inseridas, suas angústias, seus medos e também suas perspectivas é crucial para a realização de um trabalho que visa à sensibilização socioambiental.

Nessa direção, a Educação Ambiental (EA) pode contribuir para a sensibilização das pessoas frente às atitudes, aos padrões de consumo ditados pela sociedade atual, como também para a formação de uma ética de cuidado para com os bens naturais e planetários como um todo.

Diante desse contexto, a EA assume papel de suma importância para tal reflexão

(DIAS, 2004). Enfatiza Sato (2004, p. 12) que “a EA, deve buscar sua eterna recriação, avaliando seu próprio caminhar na direção da convivência coletiva e da relação da sociedade diante do mundo”. Pode-se dizer que as diferentes abordagens em EA, em franca expansão no Brasil, têm sinalizado, de forma ainda mais intensiva, o papel desta na formação de educadores que objetivam a transformação dos sujeitos e da realidade socioambiental com vistas à consolidação de sociedades sustentáveis. Os indivíduos – sujeitos têm sido vistos, de forma enfática, como responsáveis por tal transformação na sociedade. Nesse sentido, a escola pode exercer um papel importantíssimo com vistas a favorecer a construção de processos formativos que almejem a formação de cidadãos éticos, responsáveis e comprometidos com o exercício da cidadania e com a construção de sociedades sustentáveis.

A interpretação da percepção ambiental auxilia a compreensão de que o ambiente é carregado de significados e também de interesses. A interpretação da percepção, no entender de Herdt (2013), pode ser realizada através da descrição, e pode ser feita baseando-se na fenomenologia, uma vez que influencia no modo como as pessoas se manifestam no e sobre o ambiente, como afirma Pereira (2014). Para Merleau-Ponty (2011), o sensível é apreendido com os sentidos, e, na concepção de Ferrara (1999), vai além do que se vê, penetrando além dos sentidos e gerando consequências sociais e culturais, sendo esta uma relação complexa que precisa ser explorada em nós mesmos se intencionamos compreender o sentir (MERLEAU-PONTY, 2011). Uma vez que a escola não existe sem uma comunidade, e que a relação entre ambas é de suma importância tanto para o funcionamento da escola como para o desenvolvimento da comunidade, é fundamental conhecer os modos pelos quais são estabelecidas tais relações. Reinhardt (2007) salienta que a escola, ao se abrir à comunidade, atenta para as realidades da vida, contribui para a construção da cidadania e solidariedade no processo educativo.

A realidade da comunidade da E.E.F. Fábio Silva¹ compreende, de acordo com uma pesquisa realizada em 2009 junto aos familiares dos alunos da escola, “questões” como: “problema do desemprego, que acaba gerando sérias complicações sociais e de qualidade de vida, aumentando o índice de violência, desestrutura familiar, incidência do uso de drogas, dentre outros agravantes” (E.E.F. FÁBIO SILVA, 2013b). Tal pesquisa, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola (E.E.F. FÁBIO SILVA, 2013b), foi elaborada visando a

¹ A Escola de Ensino Fundamental Fábio Silva (E. E. F. Fábio Silva) situada no bairro Fábio Silva, nas proximidades da BR-101, no município de Tubarão/SC – Brasil, foi fundada em 1955, na comunidade do Morro da Caixa D’água, em Tubarão/SC. A partir daí o grupo escolar, como era denominado, passou por diversas ampliações e reformas até se estabelecer, em 1970, na Rua Marechal Deodoro, s/no, com a construção do novo prédio da unidade escolar. Em 2010, o atual prédio da escola foi inaugurado, proporcionando aos alunos um melhor ambiente para o processo de ensino aprendizagem (E. E. F. FÁBIO SILVA, 2013b).

identificar o perfil da comunidade escolar, possibilitando verificar as características da comunidade escolar e reflexões acerca da prática pedagógica, intencionando mudanças que possam auxiliar na melhoria da qualidade de ensino.

Nesse sentido, as diferentes concepções de EA podem subsidiar a construção de processos formativos comprometidos com a consolidação de relações mais estreitas entre a escola e a comunidade, contribuindo, dessa forma, com a formação de uma abordagem educativa crítica, que possa repercutir sobre a formação dos “sujeitos ecológicos” (CARVALHO, 2004).

Esta dissertação poderá contribuir para o desenvolvimento futuro de ações envolvendo escola e comunidade, colaborando com o exercício e implantação de uma abordagem educacional de comprometimento socioambiental entre os envolvidos e a comunidade.

O tratamento da EA em sua concepção crítica, emancipatória e transformadora, a exemplo do que propõem Sato (2004), Guimarães (2004a, 2004b, 2006), Carvalho (2004), dentre outros, face à realidade ambiental da região, é fundamental. Além do mais, ao trazer à realidade escolar tal abordagem, amplia não somente o papel de atuação da EA, mas também o compromisso da sociedade e da escola com a formação de cidadãos efetivamente comprometidos com o exercício da cidadania e com a construção de sociedades mais justas, éticas e sustentáveis.

Em virtude desse aspecto, a EA, ao agregar o estudo da percepção ambiental e a ética do cuidado, se fortalece e possibilita que elementos imprescindíveis sejam incorporados aos processos formativos e educativos com vistas à sustentabilidade socioambiental. Contemplar estudos que considerem essas dimensões favorece a reflexão e a necessidade de expandir os níveis e contextos em que a EA se desenvolve. Parte-se do pressuposto de que incorporando a percepção, o cuidado, a integridade e o diálogo como elementos de transformação dos sujeitos e, conseqüentemente, da escola e da comunidade na qual a mesma encontra-se inserida, estreitam-se as relações entre ambas e se contribui para uma formação educativa comprometida com a sustentabilidade socioambiental.

Logo, com vistas a conhecer como se configura essa relação de cuidado entre os seres humanos e o ambiente (escola/comunidade) em que estão inseridos, questiona-se: Como pais, professores e gestores da E.E.F. Fábio Silva percebem o papel da escola na formação de sujeitos críticos e atuantes na sociedade e sobre a necessidade de relações mais estreitas com a escola-comunidade através do viés socioambiental? Essa questão constitui o eixo condutor desta pesquisa. Cabe esclarecer que, à luz da fenomenologia, a percepção em Merleau-Ponty

(2011) tem por intencionalidade, no estudo em questão, compreender a percepção enquanto fenômeno.

A presente pesquisa objetiva compreender a percepção socioambiental de pais, professores e gestores de uma escola da rede pública estadual em Tubarão/SC sobre o papel da escola na formação de sujeitos críticos e atuantes na sociedade e da necessidade de relações mais estreitas entre escola-comunidade.

Para tanto, objetivamos, especificamente:

- a) compreender a concepção que pais, professores e gestores possuem quanto ao papel da escola e da Associação de Pais e Professores (APP) na formação de sujeitos para atuação na sociedade;
- b) discutir a percepção socioambiental que os pais, professores e gestores possuem acerca da relação escola-comunidade;
- c) reconhecer a concepção que os atores da pesquisa possuem acerca de valores e sobre a sustentabilidade, a fim de incorporá-los às práticas escolares e cotidianas.

Cabe ressaltar que, quanto aos verbos empregados na constituição dos objetivos, nos guiamos no fato de este estudo ser de cunho fenomenológico, conforme proposto por Michele Sato em 2013, por ocasião da banca de defesa de dissertação de Samyra Orben Herdt (SATO, 2013a).

O presente trabalho está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo está exposta a fundamentação teórica, pautada em quatro eixos: a fenomenologia a partir do filósofo Merleau-Ponty; percepção ambiental; educação como um elemento transformador à luz de Paulo Freire; o cuidado a partir de Leonardo Boff e, para finalizar, a EA com seus objetivos, concepções e reflexões.

No segundo capítulo, está delineada a pesquisa, partindo da abordagem da pesquisa, seu *lócus* e atores, esboço da pesquisa e o modo como foi realizada a interpretação dos resultados. No terceiro capítulo, apresentamos a interpretação dos resultados, a partir das percepções de pais, professores e gestor da escola.

Para finalizar, tecemos algumas considerações, um panorama das interpretações e reflexões geradas neste trabalho.

1 O CAMINHO TEÓRICO

Este capítulo trata sobre a questão da fenomenologia, da percepção, da educação como um elemento transformador a partir de Paulo Freire, sobre o cuidado com base em Leonardo Boff e a EA. Esses “temas” serviram como suporte para a pesquisa.

1.1 NOS CAMINHOS DA FENOMENOLOGIA

A fenomenologia surgiu no século XIX com o filósofo alemão Edmund Husserl, o qual a apresenta como um método investigativo que busca apreender o fenômeno, ou seja, buscar a origem das coisas à consciência, de modo a captar como as coisas mundanas se apresentam à consciência, no sentido de capturar a sua essência, ou seja, é aquilo que o objeto é em si mesmo (SILVA, 2014). Além disso, Husserl, em seu método fenomenológico, apresenta o mesmo rigor metódico da ciência, pois esse autor fez estudos com matemática e lógica, apreciando, assim, o rigor metodológico (SILVA, 2014). Contudo, o movimento fenomenológico é mais evidente no século XX com a publicação de “As investigações lógicas”, de Husserl, sendo esta considerada a primeira obra fenomenológica publicada (SOKOLOWSKI, 2012). Husserl (1986, p. 29) considerava que a redução fenomenológica “não é exclusão do verdadeiramente transcendente, [...] mas exclusão do transcendente em geral como de uma existência a admitir, isto é, de tudo o que não é dado evidente no sentido genuíno, dado absoluto do ver puro”. Porém, com o passar do tempo, a fenomenologia recebeu novas contribuições e, por que não dizer, novas nuances com o pensamento de Merleau-Ponty por meio de sua obra principal “Fenomenologia da Percepção”.

A fenomenologia, segundo Merleau-Ponty (2011, p. 1, grifo do autor), “é o estudo das essências [...] mas também é uma filosofia que repõe as essências na existência [...] para a qual o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão”. Baseando-se nessa fala do autor, tudo o que rodeia o ser humano possui uma essência, que está “ali” para ser encontrada, refletida e interpretada. A respeito da essência, Merleau-Ponty (2011, p. 1) diz que “[...] todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo”. Assim, essas essências impregnam os fatos com os quais as pessoas interagem com o mundo, com as coisas, com as outras pessoas e, por que não dizer, também com a relação que cada indivíduo estabelece com suas emoções e sentimentos. Em conformidade com Sokolowski (2012), para se compreender o que realmente é a fenomenologia, é preciso diferenciar duas atitudes: a natural e a fenomenológica.

A atitude natural é o foco que temos quando estamos imersos em nossa postura original, orientada para o mundo, quando intencionamos coisas, situações, fatos e quaisquer outros tipos de objetos. [...] *A atitude fenomenológica*, por outro lado, é o foco que temos quando refletimos sobre a atitude natural e todas as intencionalidades que ocorrem dentro dela (SOKOLOWSKI, 2012, p. 51, grifos do autor).

Nessa perspectiva, a atitude natural é o mundo e os objetos que o compõem; e a atitude fenomenológica é a interpretação e compreensão das essências existentes nos componentes mundanos.

A fenomenologia, conforme Dartigues (2005, p. 59), possui um duplo papel:

[...] de um lado, se tratará de explicitar, à medida que as ciências se desenvolverem, o elemento vivido que constitui o seu objeto, já que, se elas criam novos métodos de análise, não criam seu objeto enquanto fato psíquico ou fato social. Este deverá [...] não somente ser explicado, mas compreendido em sua essência de fenômeno vivido. Mas de outro lado, se essa atividade compreensiva é ela própria obra do homem situado e encarnado e não de um espírito puro, ela deve por sua vez ser explicitada, já que o sentido que dá aos fenômenos se apoia sobre uma experiência vivida original que funda as descrições fenomenológicas [...]

Dessa forma, “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo [...]. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido [...]” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3). Esse mundo vivido, também pode ser visto como campo fenomenológico, para Dartigues (2005, p. 41), “que corresponde à correlação sujeito-objeto ou consciência-mundo”. Ou seja, todo o conhecimento que o ser humano possui vem inebriado com alguma prática mundana, além de que tudo aquilo que ele conhece, conhece-o em virtude da sua construção no mundo e também da experiência perceptiva que tem. Assim, para Freire (2013, p. 137), “basta ser homem para ser capaz de captar os dados da realidade”.

O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não ‘habita’ apenas o ‘homem interior’, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 6, grifos do autor).

Com base no pensamento de Merleau-Ponty, o mundo é o meio no qual todas as relações e ações acontecem mediadas pelo ser humano, pois “o mundo é o concreto e o todo atual de nossa experiência” (SOKOLOWSKI, 2012, p. 53). O concreto, segundo Merleau-Ponty (2011, p. 159), “[...] é o mundo dado [...]”. Assim, Dartigues (2005, p. 58) complementa, dizendo que “o mundo não é minha representação, ele é nosso mundo ou,

enquanto mediatiza os intercâmbios entre os sujeitos, um intermundo [...]” E esse é o real sentido da redução fenomenológica, que, conforme Merleau-Ponty (2011), é uma espécie de filosofia existencial que busca a essência dos objetos, visando ao retorno aos objetos tal como eles são. A fenomenologia, de acordo com Dartigues (2005, p. 111), “tem por objeto o fenômeno, consiste [...] em fazer ver de si mesmo o que se manifesta, tal como de si mesmo ele se manifesta. [...] Não se expressa assim nada mais que o enunciado na supremacia máxima: volta às coisas mesmas”. Este voltar às coisas mesmas

supõe que prolonguemos esta investigação do fundamento, [...] além do dado, que não nos contentemos com o espetáculo das essências, nem mesmo com o espetáculo da essência intencional da consciência, mas que enraizemos, por sua vez, a intenção da análise intencional nas estruturas da existência concreta portadora do olhar [...] (DARTIGUES, 2005, p. 113).

Sokolowski (2012, p. 58) salienta que a redução fenomenológica é “a volta à atitude fenomenológica [...] a retirada dos alvos naturais de nosso interesse, em direção ao que parece ser mais um ponto de vista restritivo, simplesmente um daqueles alvos das intencionalidades mesmas”. Assim, nada mais é que compreender o objeto em suas nuances, sem nenhuma intencionalidade.

Logo, “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 14). Pautando-se no pensamento Merleau-Pontyano, interpreta-se que o mundo é o local no qual se realizam todos os tipos de experiências possíveis alicerçadas às vivências de cada indivíduo. Por esse motivo, Merleau-Ponty (2011) afirma que o mundo é mundo em virtude de sua facticidade, já que o mundo pode ser interpretado como a união de vários fragmentos de vivências, fatos, ações mediadas pelo ser humano. E o todo, segundo Müller (2001, p. 324), “não seria a consideração simultânea de todas as partes, mas aquilo que cada parte, para além de si, anunciaria relativamente às demais, a saber, a multiplicidade das partes”. Sobre a relevância das partes, o autor diz que:

Merleau-Ponty retomou essa nova maneira de se pensar a relação entre o particular e o universal [...]. Merleau-Ponty dedicou-se a estabelecer a dignidade de nossa existência particular, mostrando que nossas experiências seriam um ponto de vista cuja totalidade expressa – porquanto fosse a consequência de uma estrutura expressiva inerente a todas as experiências – exprimiria às demais totalidades. (MÜLLER, 2001, p. 324).

Sokolowski (2012, p. 36) esclarece que “o especificar das partes é a essência do

pensamento [...]” Assim, a fenomenologia não deve se contentar em descrever o que se enxerga, mas questionar o dado visto, gerando compreensão e interpretação (DARTIGUES, 2005).

Existem três formas de interpretação fenomenológica, explica Sokolowski (2012, p. 31, grifos do autor), a saber: “[...] (a) a estrutura de *partes e todos*, (b) a estrutura de *identidade numa multiplicidade*, e (c) estrutura de *presença e ausência*. As três estão inter-relacionadas, mas não podem ser reduzidas uma à outra.” Para tanto, o autor (2012) elucida que as totalidades podem ser interpretadas em pedaços e momentos, em que os pedaços são partes que até podem ser separadas do todo, podendo ser destacadas do seu todo. Já o momento, é o contrário do pedaço, ou seja, não pode ser destacado do seu todo nem separado. Nesse contexto, para a investigação fenomenológica deve-se considerar essas premissas apontadas por Sokolowski, contudo, deve-se tomar cuidado para não se atrelar a uma ou à outra, pois elas estão relacionadas entre si.

Müller (2001, p. 314) alega que, para Merleau-Ponty, “os fenômenos foram concebidos como totalidades expressas pelas experiências desencadeadas a partir das prerrogativas temporais do corpo próprio”. Ou seja, cada expressão, fala, gesto, silêncio remete a um fenômeno, que deve ser interpretado, compreendido. Complementando, “Merleau-Ponty procurou reconhecer uma ‘compreensão’ originária, nos termos da qual nosso corpo organizar-se-ia como ‘campo de presença’ e, na forma desse campo, como matriz expressiva de significações” (MÜLLER, 2001, p. 317, grifos do autor). Esse campo de presença é o mundo, onde os sujeitos estão colocados e no qual manifestam suas expressões a partir da corporeidade.

Há algum tempo a fenomenologia tem ganhado força em meio a estudos científicos, sendo que no âmbito dos estudos relacionados à EA, a fenomenologia demonstra favorecer os estudos de percepção ambiental bem como dar um maior aporte teórico para a compreensão dos fenômenos referentes à relação do ser humano com o meio ambiente. A percepção ambiental é um mecanismo que auxilia na identificação da ação humana em relação ao meio ambiente, em seus aspectos positivos e negativos (TORRES; OLIVEIRA, 2008), e se reflete sobre a EA, já que esta tem por fundamento o resgate do ser humano integral (MARIN, 2009). Assim, a fenomenologia “é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 1). Passos e Sato (2002, p. 5) ressaltam que “a fenomenologia não é um mergulho no espírito e no pensamento, sem lugar para a terra. É na percepção biológica sensória, estética que o fenômeno que se comunica ao mundo, indissociavelmente como carne e espírito, mancomunados”.

Para se conseguir o resgate do ser humano integral, tal qual ele é, torna-se primordial interpretar a sua essência e, para isso, é imprescindível o diálogo com a fenomenologia e a pedagogia libertadora de Paulo Freire. Logo, intenciona-se uma investigação acerca das questões ambientais e da EA à luz desses pressupostos Merleau-Pontyanos e Freireanos.

Além disso, apenas “construímos a percepção com o percebido” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 26) e, muitas vezes, a pessoa não se dá conta de que está percebendo algo, pelo fato de que não tem consciência das suas percepções. Segundo Merleau-Ponty (2011, p. 26), isso ocorre porque “estamos presos ao mundo e não chegamos a nos destacar dele para passar à consciência do mundo”. Desse modo, o ser humano está literalmente inebriado com o mundo, com as coisas do mundo, que, na maioria das vezes, não se lembra de olhar à sua volta com outros olhos, de alguma maneira mais “sensível”, que o faria enxergar o real como ele realmente é.

De acordo com Marin (2009, p. 52):

O conceito de percepção que deriva dessa diferença entre mundo representado e mundo vivido é evidente: se para os clássicos, a percepção é tão somente a leitura do concreto e do sensível para serem processados pelo pensamento, em Merleau-Ponty ela ganha um caráter de fluidez sensível que reabilita a vitalidade e a validade do mundo percebido.

Nessa seara, pode-se dizer que a fenomenologia se faz muito presente na sala de aula, já que o educador que consegue aprender no espaço da sala de aula com os gestos, falas, atitudes, posturas dos seus alunos, ou seja, consegue captar a essência daquilo que o corpo do aluno tenta demonstrar, também aprende. Conforme Merleau-Ponty (2011, p. 122), “o corpo é o veículo do ser no mundo”, sendo que é através do corpo que o indivíduo manifesta suas ideias, pensamentos, gestos, atitudes no mundo, para serem interpretados pelos demais.

A proposta pedagógica de Paulo Freire relaciona-se com a fenomenologia, uma vez que Freire (2014) alega que a educação ocorre com os homens mediatizados com o mundo, e a fenomenologia Merleau-Pontyana diz que “percebemos o mundo com nosso corpo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 278). Assim, a mediação com mundo e a percepção deste através do corpo levam a pessoa a buscar a “essência”, a compreender, interagir, interpretar os objetos e tudo o que cerca o ser humano, já que a pedagogia Freireana enfatiza que “a educação, para ser válida, deve levar em conta necessariamente tanto a vocação ontológica do homem (vocação de ser sujeito) quanto as condições nas quais ele vive (contexto)” (MIZUKAMI, 1986, p. 86). Desse modo, percebe-se que o homem está, de certa

forma, preso ao contexto no qual está inserido, ou melhor, não há a possibilidade de se dissociar a realidade do aluno para que o mesmo aprenda. Ao contrário, é necessário reconhecer o contexto do aluno e, a partir daí, fazer uma ponte para a construção do conhecimento, pois “[...] o conhecimento é uma relação de interdependência entre o sujeito e seu meio e tem um sentido de organização, estruturação e explicação a partir da vivência. [...] o conhecimento é construído a partir da ação do aluno sobre o objeto de aprendizagem” (MENDONÇA; NEIMAN, 2003, p. 39).

Ademais, o processo educativo, na perspectiva Freireana, “não se faz de ‘A’ para ‘B’ ou de ‘A’ sobre ‘B’, mas de ‘A’ com ‘B’, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele” (FREIRE, 1987, p. 48). O processo educativo, visto sob a óptica da pedagogia libertadora e da fenomenologia, enfatiza a relação dos sujeitos mediados pelo mundo, quer dizer, o mundo em todas as suas interfaces fornece subsídios para a relação de um sujeito com o outro mediada pelo diálogo. Complementando a importância do diálogo no processo educativo, Freire (1987, p. 47) elucida que “sem ele, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”, isto é, a comunicação é a base para a construção do conhecimento. O ser humano somente constrói conhecimento se interagir, trocar experiências e relatos com o outro. Por esse motivo, Freire (2014, p. 89) enfatiza que é necessário “perceber que somente na comunicação tem sentido a vida humana”.

Com isso, pode-se afirmar que, buscando conhecer o ser humano integral, alicerçado na constante construção do conhecimento aliado ao contexto do educando/educanda, de alguma maneira, é possível verificar que não existe a possibilidade de separar o sujeito do objeto, como constata Marin (2009, p. 53), ao dizer que “as coisas estão, portanto, marcadas por atributos humanos, investidas no humano, do que deriva a ausência de sentido na separação sujeito-objeto”. Completando o pensamento de Marin, Merleau-Ponty (2011, p. 20, grifo do autor) pontua que a “fenomenologia, enquanto revelação do mundo repousa sobre si mesma, ou, ainda, funda-se a si mesma. Todos os conhecimentos apoiam-se em um ‘solo’ de postulados e, finalmente em nossa comunicação com o mundo [...]”, assim, o sujeito-objeto, o mundo-ser humano, em nenhum momento, podem se desvencilhar, ao contrário, um torna a existência do outro perceptível.

1.2 CAMINHANDO PELA PERCEPÇÃO E PERCEPÇÃO AMBIENTAL

O fenômeno perceptivo, segundo Merleau-Ponty (2011, p. 24), é aquilo “sem o

que o fenômeno não pode ser chamado de percepção. Logo, “o algo perceptivo está sempre no meio de outra coisa, sempre faz parte de um ‘campo’”. [...] Somente a estrutura da percepção efetiva pode ensinar-nos o que é perceber”. Complementando, “a análise descobre, portanto, em cada qualidade, significações que a habitam” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 25). Chauí (2003, p. 135) acrescenta que “a percepção é, assim, uma relação do sujeito com o mundo exterior [...]. A relação dá sentido ao percebido e àquele que percebe, e um não existe sem o outro”. Nessa perspectiva, Sokolowski (2012) diz que a percepção possui camadas de sínteses, isto é, várias apresentações a serem interpretadas, pois os objetos possuem presenças e ausências. Freire (2013) alega que o homem não capta somente a realidade, o fenômeno, a situação problemática pura, mas também seus nexos causais. Os nexos causais, à luz de Freire (2013, p. 138), estão relacionados ao fato de que a pessoa “apreende a causalidade. A compreensão resultante da captação será tão mais crítica quanto seja feita a apreensão da causalidade autêntica”. Ou seja, ao interpretar, percebe-se as qualidades e significações de cada objeto, de cada meio. Todavia, nem sempre se consegue perceber para além da expressão destes.

A percepção tem como função essencial, de acordo com Merleau-Ponty (2011, p. 40), “[...] de fundar ou de inaugurar o conhecimento, e a vemos através de seus resultados”, ou melhor, é através da percepção que se passa a construir conhecimento; desse modo, se o sujeito não consegue captar a essência do que o cerca, do que é visualizado e interpretado, não conseguirá ter fundamentos para o conhecimento.

Conforme Merleau-Ponty (2011, p. 47):

Perceber não é experimentar um sem-número de impressões que trariam consigo recordações capazes de completá-las, é ver jorrar de uma constelação de dados um sentido imanente sem o qual nenhum apelo às recordações seria possível. Recordar-se não é trazer ao olhar da consciência um quadro do passado subsistente em si, é enveredar no horizonte do passado e pouco a pouco desenvolver suas perspectivas encaixadas, até que as experiências que ele resume sejam como que vividas novamente em seu lugar temporal. Perceber não é recordar-se.

Dessa maneira, a percepção não está ligada às recordações da pessoa, mas consiste em testar diversas impressões e, destas, absorver a sua verdadeira essência, o seu real sentido, pois tudo aquilo que o indivíduo enxerga, ouve, toca está impregnado de significados, os quais serão interpretados por meio da percepção. Assim é na sensação que, no entender de Chauí (2003, p. 132), “vemos, tocamos, sentimos, ouvimos qualidades puras e diretas das coisas [...]” Entretanto, Merleau-Ponty (2011) esclarece que, nos estudos de percepção, as sensações que até então parecem claras podem ser uma linguagem confusa. Sendo assim, “[...]”

só temos sensações na forma de percepções, ou seja, como reunião de muitas sensações ou como sínteses de várias sensações. A percepção seria, pois, uma síntese de sensações simultâneas” (CHAUÍ, 2003, p. 133).

“Toda percepção acontece em uma atmosfera de generalidade e se dá a nós como anônima” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 290), as situações ocorrem de modo geral e permanecem, muitas vezes, silenciosas até despertar o interesse de alguém. Assim, “a minha percepção [...] exprime uma situação dada” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 290), logo, percebe-se apenas algo que já aconteceu ou que está acontecendo. Para perceber é necessária a utilização dos sentidos ou de campos, como afirma Merleau-Ponty (2011), para Tuan (1980), o ser humano percebe o que o cerca utilizando-se de todos os seus sentidos, e “cada sentido reforça o outro, de modo que juntos, esclarecem a estrutura e a substância do edifício todo, revelando o seu caráter essencial” (TUAN, 1980, p. 14).

Porém, a percepção, em Merleau-Ponty, extrapola essa dimensão e é vivenciada através da corporeidade, quer dizer, o corpo adquire importante papel para a percepção. Müller (2001) explica que um dos objetivos de Merleau-Ponty era apontar a ligação entre os fenômenos e as experiências desenvolvidas pelo corpo. Afirma o autor: “E, como a gênese do corpo objetivo é apenas um momento na constituição do objeto, o corpo, retirando-se do mundo objetivo, arrastará os fios intencionais que ligam ao seu ambiente e finalmente nos revelará o sujeito que percebe assim como o mundo percebido” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 110). Chauí (2003, p. 135) complementa o pensamento Merleau-Pontyano dizendo que “o mundo percebido é um mundo intercorporal, isto é, as relações se estabelecem entre nosso corpo, o corpo dos outros sujeitos e o corpo das coisas, de modo que a percepção é uma forma de comunicação corporal que estabelecemos com os outros e com as coisas”. De acordo com Merleau-Ponty (2011), a percepção envolve o corpo em todas as suas dimensões: físicas, biológicas, sensoriais de quem percebe, o corpo percebido e o mundo onde estes corpos estão inseridos. “A percepção não é causada pelos objetos sobre nós nem é causada pelo nosso corpo sobre as coisas: ela é a relação entre elas e nós e entre nós e elas. [...] A percepção é um acontecimento ou uma vivência corporal e mental” (CHAUÍ, 2003, p. 138).

Del Rio (1999, p. 3) entende a percepção “como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos”. Então, em relação ao meio ambiente, cada ser humano percebe, reage e responde de maneira diferente às ações sobre o local onde vive, sendo que as respostas e expressões que daí decorrem são o resultado das percepções apresentadas por cada indivíduo (FERNANDES et al., 2004). Isso, segundo Tuan (1980, p. 6),

ocorre porque “duas pessoas não vêem a mesma realidade”. Por isso, o “estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas” (FAGGIONATO, 2014). No entender de Melazo (2005), o estudo da percepção ambiental deve ir além da interpretação do indivíduo em relação ao ambiente, deve proporcionar subsídios para que este indivíduo seja sensibilizado e, por conseguinte, adquira consciência da importância do meio no qual vive. Nascimento e Almeida (2009, p. 361) asseveram que “[...] cada indivíduo percebe o ambiente a sua maneira, e a sua interpretação depende da forma como cada um capta e traduz as informações transmitidas pelo Meio ambiente, reagindo e respondendo de forma diferente às ações sobre o meio em que vive”. Assim, pode-se dizer que a percepção de cada indivíduo é recheada de saberes e informações.

Tuan (1980) enfatiza que as atitudes do ser humano são divergentes em relação ao meio ambiente em virtude da capacidade de seus sentidos e essas estão intimamente relacionadas com a sua cultura e com a sociedade na qual o indivíduo encontra-se inserido. Por esse motivo, ainda se encontram barreiras quanto à importância da sensibilização de alguns sujeitos em relação ao meio ambiente. À luz deste teórico, Melazo (2005) relata que é de suma importância associar os sentidos a estudos mentais, processos de cognição e também às simbologias que permeiam as diferentes classes sociais, aos valores e até mesmo aos diferentes aspectos fisiológicos e biológicos inerentes a cada pessoa, para se obter uma maior clareza da relação entre homem-natureza-percepção.

A percepção ambiental, conforme Bassani (2001, p. 52), “é entendida como a experiência sensorial direta do ambiente em um dado momento, não sendo considerada um processo passivo de mera recepção de informações, uma vez que implica certa estruturação e interpretação da estimulação ambiental pelas pessoas”. Nesse sentido, Merleau-Ponty (2011, p. 85) esclarece que “a percepção abre-se sobre coisas”, ou seja, a percepção ambiental abre-se sobre o ambiente no qual o indivíduo está inserido, visando a interpretar as suas vivências desse ambiente. Isso porque, “ao perceber um dado ambiente, a pessoa já interpreta os estímulos desse ambiente e, nessa interpretação, estão envolvidas aprendizagens que ela pode ter tido durante sua vida e suas experiências com tal ambiente” (BASSANI, 2001, p. 52). Em consonância com Borghi e Zancul (2009, p. 347), entende-se que “[...] a percepção é realizada pela observação feita pelo indivíduo, juntamente com a influência das circunstâncias e dos fenômenos que o envolvem”. Para Ferrara (1999, p. 153), percepção ambiental “é informação na mesma medida em que informação gera informação: usos e hábitos são signos do lugar informado que só se revela na medida em que é submetido a uma operação que expõe a lógica

da sua linguagem”. Nesse contexto, tudo aquilo que o indivíduo vivencia e interpreta transforma-se em conhecimento, isto é, a construção do conhecimento, como enfatiza Freire (2014), é pautada na mediação entre o ser humano e o local onde este se encontra inserido.

Para Borghi e Zancul (2009, p. 348), “[...] a percepção ambiental pode fundamentar a prática educativa crítica e emancipatória, uma vez que a partir da mesma é possível promover o desenvolvimento da cidadania”. Nesse curso, com base na percepção ambiental, associada com práticas educativas alicerçadas na EA crítica, emancipatória e transformadora, é possível desvelar subsídios para a transformação da sociedade.

1.3 EDUCAÇÃO COMO UM ELEMENTO TRANSFORMADOR À LUZ DE PAULO FREIRE

O processo educacional não deve ser entendido como uma obrigação, como algo imposto, ao contrário, a educação deve ser encarada como um processo transformador, libertador para a vida dos indivíduos e, conseqüentemente, para a sociedade na qual estão inseridos. É sob este ponto de vista que Paulo Freire, o criador da Pedagogia Libertadora - ou sociocultural, conforme designada por Mizukami (1986), entendia o processo educativo.

Está-se habituado com um sistema educacional que Freire (1987) designava como bancário, em que o professor realiza depósitos, isto é, em que o professor fala e o aluno escuta, no qual o professor é a “fonte do conhecimento” e o aluno pouco ou nada sabe, sendo que os saberes oriundos dos educandos não são considerados como conhecimentos prévios. Em virtude dessa visão educacional errada, os alunos não possuem o hábito de questionar ou, quando o fazem, são “podados” pelo professor. Essa prática precisa ser modificada. Freire (2013, p. 134) lembra que o aluno está acostumado com práticas passivas as quais necessitam ser “[...] substituídas pela participação crítica, uma forma de sabedoria. Participação em termos críticos, somente como poderia ser possível a sua transformação em povo, capaz de optar e decidir”. A partir do momento em que o aluno tornar-se crítico, haverá grandes modificações em vários setores da sociedade. Para que ocorra esse processo de transformação do ser em um ser crítico, passa-se pelo processo de conscientização abordado por Freire (1980), onde o indivíduo pode ter uma consciência semi-intransitiva, uma consciência ingênuo-transitiva e, por fim, a consciência crítica. A consciência semi-intransitiva Freire (1980, p. 67, grifo do autor) compreende da seguinte forma:

É uma característica das estruturas fechadas. Dada sua quase-imersão na realidade

concreta, não percebe muitos dos desafios da realidade, ou percebe-se de uma maneira deturpada. Sua semi-intransitividade é uma espécie de *inutilização*, imposta pelas condições objetivas. Por isso, os únicos fatos que a consciência dominada capta são os que se encontram na órbita de sua própria experiência. Esse tipo de consciência não pode objetivar os fatos e as situações problemáticas da vida cotidiana.

Assim, o indivíduo que possui essa consciência não consegue perceber o mundo à sua volta. A respeito da consciência ingênuo-transitiva, o autor relata:

Para muitos, a consciência semi-intransitiva permanece presente dentro da consciência ingênuo-transitiva. [...] a consciência transitiva surge, enquanto consciência ingênuo, tão dominada como a precedente. Embora seja agora, indiscutivelmente, uma consciência melhor disposta para perceber a origem de sua existência ambígua dentro das condições objetivas da sociedade (FREIRE, 1980, p. 68).

Pode-se dizer que a consciência passa por estágios e a mesma vai evoluindo, sendo que o ápice dessa evolução da consciência é atingido com a consciência crítica. Sobre a consciência crítica, Freire (1980, p. 92) pontua que:

Estabeleceu-se uma relação explícita entre a ação cultural pela liberdade, na qual a conscientização é o objetivo principal, e a superação dos estados de consciência semi-transitivos e transitivos-ingênuos pela consciência crítica. Não se pode chegar à conscientização crítica apenas pelo esforço intelectual, mas também pela práxis: pela autêntica união da ação e da reflexão.

Em outras palavras, a consciência crítica é atingida por meio de uma prática articulada com a reflexão, de modo que tudo o que se faz requer uma ação e uma reflexão.

Mendonça e Neiman (2003, p. 45) explicam que “Paulo Freire insistia na necessidade de estimular a curiosidade do aluno, como única maneira de se desenvolver a aprendizagem”. Freire (1996, p. 95) acentua a importância da curiosidade para a educação:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo, nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade domesticada, posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não a aprendizagem real ou o conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de ‘tomar distância’ do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de ‘cercar’ o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. (grifos do autor).

Nesse sentido, não existe um processo educativo sem o questionamento, sem a curiosidade do educando e, inclusive, do próprio educador. Como educadores, não se tem o

direito de adestrar ninguém, muito pelo contrário, deve-se incentivar a participação, a curiosidade, a criticidade do educando para que o mesmo se constitua como ser com ideias, pensamentos e conhecimentos próprios, capaz de definir-se no mundo. Por esse motivo, Mendonça e Neiman (2003, p. 45) asseguram que “se a realidade precisa ser transformada, é a partir de postura crítica, ações e engajamento que se caminha nessa direção”. Para Freire (1996, p. 83) a realidade “[...] não é inexoravelmente esta. Está sendo esta como poderia ser outra e é para que seja outra que precisamos, os progressistas, lutar”. Já por transformação, Freire (1996) entende que significa a intervenção na realidade, a recriação dessa realidade. Desse modo, pode-se dizer que a realidade e a transformação devem caminhar juntas.

O processo educativo deve propiciar ao aluno subsídios para a construção do conhecimento, para isso torna-se essencial que “o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de *receptor* da que lhe seja transferida pelo professor” (FREIRE, 1996, p. 140, grifo do autor). A teoria Freireana, de acordo com Mendonça e Neiman (2003, p. 45), “[...] inclui o contato com a realidade do aluno e aposta na possibilidade dos mesmos resolverem, se motivados adequadamente, seus próprios problemas”. Assim, o homem torna-se sujeito, segundo Mizukami (1986), quando começa a ponderar sobre sua realidade, sua situação e, então, passa a se comprometer e a modificar a sua realidade para torná-la melhor. Dessa forma, a educação deve ser, também, de responsabilidade do aluno (MENDONÇA; NEIMAN, 2003).

Ao fazer a leitura crítica do mundo, de seu mundo, o educando passa, concomitantemente, a constituir-se em produtor de conhecimento, do conhecimento necessário para a compressão transformadora de sua realidade. Passa a querer sempre o melhor para si e para o próximo, em solidarizar-se com a dor do outro, em querer bem os demais, colocando em prática a solidariedade humana, algo que infelizmente na sociedade atual parece estar esquecido. Porém, essa solidariedade não pode ser esquecida, não se pode deixá-la morrer, já que o homem não vive sozinho, vive-se em uma teia onde todos são importantes e a falta de um ser acaba por abalar toda essa estrutura. Em conformidade com o exposto, Freire (1997, p. 28) afirma que “o homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca”. Isso significa que se deve ter a humildade para buscar aquilo que não se conhece e compartilhar o que já se sabe.

Nesse contexto, o diálogo é de suma importância, pois se tem a necessidade de trocar ideias, complementar pensamentos, discutir pontos de vista, construir amizades, relacionamentos e até mesmo conhecimento a partir da fala. Por esse motivo, Paulo Freire diz que os sujeitos devem se abrir ao mundo. “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros

inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 1996, p. 154). Merleau-Ponty (2011, p. 323) elucida que “não existe objeto ligado sem ligação e sem sujeito, nenhuma unidade sem unificação [...]”, desse modo, o ser humano está ligado aos outros, ao mundo, e a falta de um desses elementos não forma absolutamente nada, pois cada indivíduo é um todo onde cada qual é um ator a complementar o outro. Freire (2013, p. 55) ressalta que “[...] o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é.”

Na perspectiva da teoria libertadora, a educação, para ser validada, precisa de uma reflexão tanto sobre o ser humano quanto pelo contexto no qual este está inserido (MIZUKAMI, 1986). Nesse sentido, mais uma vez é enfocada a significância do diálogo, pois através deste é que o ser humano é capaz de refletir sobre si próprio, o meio onde se encontra e tudo o mais que o rodeia. Passos e Sato (2002) enfatizam que o diálogo é uma espécie de exigência para se estabelecer a construção de qualquer espécie de proposta visando à educação. A respeito do diálogo, Freire (1987, p. 81) argumenta:

Funda-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz numa relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos.

Freire (2013, p. 141) também aponta que “[...] só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim [...]. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação”. A educação é entendida, nos olhares de Mendonça e Neiman (2003, p. 16), “de um modo mais amplo, a transformação dos indivíduos a partir daquilo que eles conhecem, sentem e percebem do mundo ao seu redor”. Nessa direção, a educação como elemento que visa a transformar o sujeito é permeada e entremeada de diálogo, amor, humildade e fé em si e nos outros. Somente com esses elementos o ser humano pode vir a ser sensibilizado para então rever sua postura e, posteriormente, enxergar-se com um elemento transformador. Em consonância com esse pensamento, “a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo” (FREIRE, 1980, p. 40). Assim, esses elementos também podem servir de aporte para uma EA mais fenomenológica, já que o diálogo com o próximo é uma das maneiras de interpretar a sua essência e esse meio também é o ponto de partida para a sensibilização ambiental em sua

concepção crítica, emancipatória e transformadora. E, compreendendo a educação nesse cenário, “[...] não existe nenhuma ‘educação’ que não seja ‘ambiental’, pois ela sempre ocorre num contexto social, cultural e natural” (MENDONÇA; NEIMAN, 2003, p. 16, grifos dos autores).

Sato (2004) destaca que a pedagogia Freireana pode ser conduzida à EA em duas fases: uma levando em consideração a eventual possibilidade de transformação das sociedades com a efetiva participação de estudantes; já a outra, um processo permanente de libertação humana, onde se tem como subsídio a práxis, ou seja, a ação e a reflexão. Assim, a ação somente será transformadora quanto mais criticamente inserido o ser humano estiver (FREIRE, 2014). O mesmo autor salienta que:

Não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como ‘não eu’ do homem capaz de desafiá-lo; como também não haveria ação humana se o homem não fosse um ‘projeto’, um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la (FREIRE, 2014, p. 55, grifos do autor).

Para Merleau-Ponty, o ser humano está inserido no mundo e não pode se desvencilhar dele, assim como Freire (2013, p. 143) compreende “o homem no mundo e com o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto”. Nesse sentido, a EA e a educação em si podem se beneficiar se estiverem sustentadas na fenomenologia, como explicam Passos e Sato (2002, p. 10):

A EA poderia se beneficiar de um currículo ancorado na fenomenologia de Merleau-Ponty porque a humanidade não é uma condição prévia, nem uma criança que vem ao mundo. Ela faz seu rosto humano nas relações e, sobretudo, nas decisões e engajamentos que assume. Se a educação não está nas estrelas, mas também não prescinde delas é o desejo que usinando pelas mãos de carne, modela o rosto. Porque o ser humano se faz humano vivendo humanamente. Os processos de socialização e aqueles intencionalmente educacionais – em sentido estrito, afetam a homens e mulheres, posto que todo processo educacional nos contagia e marca, não apenas pelo que a humanidade vive no presente, mas por aquilo que ela aspira a vir-a-ser.

Acredita-se que a partir do momento em que o ser humano esteja imbuído de amor, humildade, fé e, em consequência, da palavra, o homem é capaz de modificar a sua realidade alicerçando-se na educação e no trabalho. O “trabalho, é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens” (FREIRE, 1987, p. 78). Cabe, então, ao professor permitir que o aluno explicito o seu pensamento, dialogue para construir o conhecimento de maneira mais sólida e também para haver o compartilhamento de informações entre aluno – professor – aluno, pois somente dessa

forma o educando verá em si próprio um elemento capaz de transformar a si mesmo.

Freire (2014, p. 35) adverte que a “[...] unidade dialética gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la”, por conseguinte a dialogicidade é a chave para se (re)pensar o contexto no qual se está inserido e, a partir daí, buscar mecanismos visando à sua transformação.

Quando se fala em educação como um processo transformador, abrange-se o sentido da educação como transformadora, primeiramente, do próprio homem, pois quando ele se modifica é certo que irá desprender um novo olhar sobre o que o cerca. Com esse novo olhar, mais humanizado, o homem poderá refazer a cultura, modificar a história e, por fim, transformar o mundo, porém esse transformar será de maneira conscientizadora. Como postulava Freire (1980, p. 40), “é preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação”. Nessa ótica, os educadores devem ser conscientizadores, ou melhor, sensibilizadores. Vale destacar que é muito difícil conscientizar o outro, no entanto, a partir do momento em que o indivíduo é sensibilizado, a conscientização poderá ocorrer de maneira gradativa, conforme visto a partir de Paulo Freire (1980). Smyth (1995) alega que após a sensibilização podem se processar os seguintes níveis: compreensão ambiental, responsabilidade ambiental, competência ambiental e cidadania ambiental, de modo que nenhum ser se compromete com uma causa com a qual não esteja sensibilizado.

“Enquanto prática desveladora, gnosiológica, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo, mas esta a implica” (FREIRE, 2011, p. 45). Desse modo, a educação como um elemento que visa à transformação parte também da ação do professor. Para Freire (2014, p. 86), a ação do professor “deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador”. Nesse sentido, deve-se acreditar no potencial de cada indivíduo como ser humano e no seu poder criativo, visto que é capaz de inúmeras boas obras, basta que acredite em si mesmo. Para tanto, é de suma importância que o educador seja um companheiro do aluno e não um impositor de condutas. Assim, “a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. [...] É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2014, p. 93).

Freire (1996, p. 110) já dizia que “a educação é uma forma de intervenção no mundo”, intervenção para buscar um mundo melhor, com pessoas melhores, mais humanizadas, solidárias, sensibilizadas, curiosas... Sendo assim, a educação é um ato de amor, mas este também implica na responsabilidade do outro de ensinar e aprender. “O ato de

ensinar e de aprender, dimensões do processo maior – o de conhecer – fazem parte da natureza da prática educativa. Não há educação sem ensino [...]” (FREIRE, 2011, p. 152), de maneira que toda pessoa está sempre aprendendo e ensinando algo, pois, como acrescenta o mesmo autor (1996, p. 85), “o mundo não é. O mundo está sendo” a grande escola da vida, local de grandes ensinamentos e de grandes aprendizagens, onde os seres humanos interagem, percebem, constroem e, infelizmente, também destroem, porém são capazes de mudar. No entanto, segundo Freire (1996, p. 88), “[...] mudar é difícil, mas é possível [...]” Com essa perspectiva, deve-se procurar sempre mudar para melhor, visando a alcançar uma transformação da sociedade.

1.4 O CUIDADO A PARTIR DE LEONARDO BOFF

O ser humano vive impregnado de sentimentos, necessidades, habilidades e valores. Essas características são fundamentais para a constituição do seu caráter. Contudo, vive-se um período de muita carência de valores e sentimentos, fazendo com que as necessidades humanas sejam cada vez mais evidentes. De acordo com Boff (2011, p. 14), “é a nossa capacidade de sentir o outro, de pensar totalidades, de ter numa experiência de integralidade para os valores, de termos o ouvido aberto a captar mensagens que nos vêm de todos os lados [...]”, que fazem do homem um ser humano, e que, conforme Boff (2003a, p. 52), “fenomenologicamente emerge, por um lado, como um ser de desejo ilimitado, daí seu caráter de projeto infinito, com capacidade de cuidado, de responsabilidade por sua vida, pela vida dos outros e pelo futuro da Terra”. Isso porque, como Merleau-Ponty (2011) já ponderava, o ser humano está no mundo, vive no mundo, logo, tem, ou deveria ter, uma relação muito próxima com os outros seres e com o ambiente.

Para Nascimento (2013), os modos de atuação do ser humano no mundo são baseados no cuidado. O autor salienta, ainda, que o filósofo alemão Martin Heidegger (1889 – 1976) utiliza-se do conceito de “cuidado” para **expressar** a totalidade estrutural do “ser-aí” enquanto “ser-no-mundo”. Boff (2005) também analisa o conceito de cuidado a partir da obra de Heidegger (“Ser e Tempo”).

Nessa acepção, o que é essencial à vida humana? Sobre essa questão, Boff (2003a) evidencia que o sentimento, o afeto e o cuidado são aspectos indispensáveis ao ser humano. Assim, “a existência jamais é pura existência; é uma co-existência, sentida e afetada pela ocupação e pela preocupação, pelo cuidado e pela responsabilidade no mundo com os outros, pela alegria ou pela tristeza, pela esperança ou pela angústia” (BOFF, 2003a, p. 80). O

ser humano vive, ou melhor, existe oscilando entre variantes que vão de um extremo a outro. Todavia, são essas variações existentes na vida, no mundo, que necessitam do cuidado, de um olhar, em alguns momentos, mais apurado e, em outros, um olhar sensível. No entender de Boff (2012), um componente importante do cuidado é saber e aprender a conviver com os paradoxos que permeiam a vida de cada um, pois ao mesmo tempo em que se têm impulsos bons, têm-se impulsos negativos.

Para isso, faz-se necessário, segundo Boff (2003a), sentir o mundo, os outros e a si mesmo como um ser dentro do mundo, sendo parte constituinte dele, com capacidade crítica para vê-lo, pensá-lo e moldá-lo, pois a maior razão da existência é estar com e não sobre as coisas, trata-se de con-viver com um todo sem diferenciações. Quando o ser humano for capaz desse sentir, certamente irá se tornar mais sensibilizado, crítico e irá cuidar melhor de si, do ambiente, dos outros, pois o “sentimento também é uma forma de conhecimento, mas de natureza diversa” (BOFF, 2003a, p. 81). O conhecimento pelo sentimento, para Boff (2003a), dá-se na identificação com a realidade, quando se sofre e se alegra participando do seu destino, porquanto é de extrema importância que o ser humano tenha um sentimento de pertencimento ao local onde vive. Esse sentimento de pertença, conforme Boff (2003a), e de parentesco entre os seres, é responsável pela união bem-sucedida da humanidade, já que “[...] todas as coisas têm a ver umas com as outras, em todos os pontos, em todos os momentos” (BOFF, 2011, p. 14).

Essa união bem-sucedida da humanidade vem, ao longo dos últimos séculos, de certa maneira se perdendo, visto que se vive em um modelo de civilização que está provocando, de forma sistêmica, uma agressão ao planeta, que tem levado as pessoas a fecharem os olhos e ouvidos à musicalidade dos seres e a se esquecerem da importância de coisas pequenas, como um céu estrelado (BOFF, 2011). Em virtude dessa agressão que o ser humano está cometendo, tem usufruído da Terra “[...] como um simples repositório de recursos entregues à disponibilidade humana. Tirou-se a palavra de todas as coisas para que só a palavra humana imperasse” (BOFF, 2011, p. 11). A palavra, de acordo com Merleau-Ponty (2011, p. 240), “não é desprovida de sentido [...]”, pois pela palavra, segundo Boff (2012), o homem é capaz de construir grandes obras ao mesmo tempo em que tem a capacidade de destruir grandes feitos, de criar sentido à vida, à existência, ou de matá-la, por isso suas palavras o definem. Boff (2011) assevera que o ser humano deve visualizar a Terra como o grande sujeito da existência dos seres, e os seres como seus filhos. Tendo essa visão, ele passa a conceber a real importância que deve dar ao ambiente em que vive e aos demais seres e objetos que o cercam, visto que “[...] a Terra é algo vivo e que ela nos infunde

profundo respeito e veneração, como tudo aquilo que vive” (BOFF, 2011, p. 13).

Nessa direção, a “Terra não é um planeta sobre o qual existe vida. Ela é vida, um superorganismo vivente. E a espécie humana, nós homens e mulheres, representamos a capacidade de Gaia de ter um pensamento reflexo, uma consciência sintetizadora e uma subjetividade amorosa” (BOFF, 2011, p. 15). Nesse sentido, de acordo com Boff (2003b), o cuidado e a sustentabilidade são capazes de possibilitar, na sociedade globalizada na qual se vive, um desenvolvimento com condições de satisfazer as necessidades humanas e dos demais seres vivos, de modo que a natureza seja preservada. Para tanto, o homem precisa se dar conta de sua própria existência e necessita descobrir as particularidades de cada ser humano, já que cada um se caracteriza também por ser uma fonte de mensagem ao outro, em virtude de ser um ser cultural (BOFF, 2011).

O ser humano é o único no planeta portador de uma dimensão ética. Como diz Boff (2011, p. 17), “[...] dimensão em que o ser humano se torna responsável, coloca sob seu cuidado os outros seres”. Assim, ao ter essa responsabilidade, o indivíduo tem escolhas que podem refletir de maneira positiva sobre a humanidade e a vida em si, mas também podem gerar consequências danosas, em si mesmo e naqueles que o cercam. Por isso, Paulo Freire reitera a prática pedagógica voltada para a transformação, e Boff (2011, p. 17) enfatiza que “precisamos de um processo pedagógico que dê consciência ao ser humano de sua responsabilidade. E todo processo pedagógico deve culminar nessa conscientização que confere ao ser humano, homem e mulher, um alto significado universal”. A partir dessa conscientização, ou melhor, sensibilização, o ser humano irá desenvolver ou resgatar a importância do cuidado para transformar o ambiente em um local mais humanizado, amoroso e sensível. Boff (2011, p. 20) afirma que “o processo pedagógico poderá favorecer que cada um de nós pense em nossa capacidade de mudar”.

O cuidado, na perspectiva de Boff (2011, p. 18), é a:

capacidade do ser humano de colocar desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção nas coisas que faz. E com ele investe interesse, libido, carinho, ternura com as coisas, ele se carrega de ocupação, preocupação, inquietação, responsabilidade, com as coisas a que se ligou afetivamente.

O cuidado ainda pode ser definido, pelo mesmo autor (2003a), como sendo uma relação amorosa com a realidade na qual se vive, visando a assegurar a subsistência e dando espaço para o seu desenvolvimento. O cuidado também pode ser visto como uma condição advinda da inteligência e da amorosidade, sendo um gesto amoroso em prol da realidade, que

objetiva proteção e que traz serenidade e paz, por isso considera-se que o cuidado é essencial (BOFF, 2003b). Para o Heidegger, o cuidado é um termo que visa a designar, de acordo com Nascimento (2013, p. 92), “[...] a apreensão formal da totalidade estrutural do ser-aí enquanto ser-no-mundo que existe facticamente”. Por ser fundamentalmente cuidado, ainda na concepção de Heidegger, “o ser do ser-aí pode ser compreendido nas relações que sempre e a cada vez estabelece com os entes e, desta forma, também as de cunho protetivo” (NASCIMENTO, 2013, p. 93). No entender de Boff (2003a), o homem está vivenciando momentos de muitos descuidos: descuido consigo mesmo, com os outros, com o planeta. Entretanto, o ser humano precisa aprender que cabeça e coração são dimensões do mesmo corpo, e a partir da combinação dessas duas dimensões nasce o cuidado, já que “todos nós passamos uma única vez por este planeta. Se perdemos a oportunidade do encontro com os outros, esta nunca se repetirá e uma mensagem singular deixou de ser ouvida e integrada na grande fala do Universo” (BOFF, 2012, p. 148). Como o ser humano está aqui apenas de passagem, deve, ao menos, ter cuidado com suas ações, para que as mesmas sejam vistas, lidas, percebidas e interpretadas pelas próximas gerações como algo de valor inestimável.

Boff (2012) diz que o cuidado é uma arte que precisa ser alimentada, sustentada e esse alimento e sustento do cuidado surgem da constante preocupação que o homem possui com o futuro. Por isso acredita-se que cuidar do planeta envolve cuidar de todos os bens naturais renováveis e não renováveis, de suas paisagens, de todos os seres que o habitam, dos bens culturais produzidos pela inteligência humana. Além disso, o homem deve pautar seu cuidado na compreensão, que, conforme Boff (2003b, p. 32), “[...] significa utilizar a ciência e a técnica sempre em consonância com a comunidade e nunca contra ela ou sacrificando sua integridade e beleza”.

Nesse contexto,

justiça e cuidado são as pilastras sobre as quais se sustenta a morada humana e que produzem a possível felicidade e o suficiente bem-estar para todos. A biocivilização que queremos deverá sustentar-se nesse tipo de ética, boa para os humanos e amigável para com a natureza. (BOFF, 2012, p. 136).

Em outras palavras, as relações humanas com o todo devem ser pautadas na ética do cuidado. Boff (2003b, p. 37) ainda frisa que “[...] é pelo cuidado permanente, ao largo de todo o tempo em que existir sobre a face da Terra, que a vida se mantém, se reproduz e co-evolui”.

1.5 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O ser humano sempre utilizou o meio ambiente em prol de si próprio, de suas necessidades, sem pensar, na maioria das vezes, no impacto que sua ação pode trazer ao planeta. Sauvé (2005) apresenta uma classifica o para ambiente, subdividindo-o. Segundo essa classifica o, o meio ambiente – natureza, que deve ser apreciado, respeitado e preservado, uma vez que se faz necessário reconstruir o sentimento de pertencimento do ser humano com a natureza; meio ambiente – recurso, que deve visar   gestão e repartir os bens, pois não existe vida sem os ciclos naturais de matéria e energia, portanto faz-se necessário que os seres sejam sensibilizados para rever seus hábitos de consumo e sejam solidários; meio ambiente – problema, que deve visar   preven o e   resolu o de modo que os sujeitos sejam estimulados a desenvolver o sentimento de poder fazer alguma coisa, instigando, assim, a vontade de agir em prol do local onde estão inseridos; meio ambiente – sistema, para compreender e tomar melhores decisões, o qual pode ser entendido como um exercício de pensamento sist mico que integra uma interpreta o dos componentes e das rela es existentes no meio ambiente; meio ambiente – lugar em que se vive, que objetiva o seu conhecimento e o seu aprimoramento, visto que se trata do ambiente em que se está inserido cotidianamente, que precisa ser visto, revisto, descoberto e redescoberto de modo a ser desenvolvido o sentimento de pertencimento ao local em que se vive; meio ambiente – biosfera, onde se vive junto e por longo tempo, em suma   pensar no todo, no planeta e refletir sobre as práticas adotadas pelas sociedades e rever suas posturas e hábitos; e meio ambiente – projeto comunitário, local em que se deve ter um empenho constante e ativo. Nesse cenário, tem-se a ideia da práxis, pois toda a o deve estar associada a um processo de constante reflexão crítica.

Ao longo da história humana na Terra constata-se o quanto o homem e a mulher utilizam os recursos naturais sem se preocupar com o outro e consigo próprio a médio e longo prazos. Todavia, os recursos naturais não são infinitos, ao contrário, são finitos e precisam ser preservados e usados de maneira racional. Nessa perspectiva, segundo Mendonça e Neiman (2003, p. 54),

a educa o deve valorizar a forma o integral dos indivíduos, para que os mesmos se tornem aptos a viver numa sociedade plural e sejam capazes de perceber o que acontece ao seu redor, com capacidade para criticar as informa es que recebem. Sua meta principal   formar pessoas solidárias com os problemas sociais e ambientais   sua volta, e que estejam cientes de seu papel na transforma o da sociedade.

Quando o homem começa a se dar conta da finitude dos bens naturais, surge a necessidade de se refletir sobre a temática ambiental, buscando uma melhor maneira de preservar o meio ambiente e de concebê-lo. Com esse intuito, para Dias (2004), a sociedade civil começou a trilhar caminhos para, então, em março de 1965, surgir a EA, em uma Conferência de Educação na Grã-Bretanha.

A partir de então, governos, organizações não governamentais e sociedade civil em geral começaram a se manifestar sobre possibilidades de discutir e propor ações a respeito da temática ambiental, visando a disseminar a importância do cuidado com o meio ambiente.

Um marco na EA foram as Conferências de Estocolmo (1972) e de Tbilisi realizada em 1977. Conforme Dias (2004, p. 82), a conferência de Tbilisi “contribuiu para precisar a natureza da Educação Ambiental, definindo seus princípios, objetivos e características, formulando recomendações e estratégias pertinentes aos planos regional, nacional e internacional”.

A EA, para Sato (2004, p. 23), pode ser entendida pautando-se na definição proposta pela Conferência de Tbilisi:

A Educação Ambiental é um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento de habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A Educação Ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida.

De acordo com o artigo primeiro da Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, a EA é entendida como:

[...] os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

Com base nos conceitos de EA, pode-se afirmar que se trata de uma concepção muito abrangente, que não se restringe apenas à “preservação do meio ambiente”, é algo maior que integra o ser humano ao meio, fornecendo subsídios para que o indivíduo possa refletir, repensar e, posteriormente, sensibilizar-se com o que o rodeia. Neiman e Rabinovici (2007, p. 244) relatam que a “[...] compreensão do valor da conservação da natureza e da diversidade sociocultural, priorizando a sensibilização do indivíduo quanto à importância do seu papel na construção de um mundo diferente, tanto na relação sociedade-natureza quanto

na dos indivíduos entre si”. Dessa forma, a EA também instiga o homem a rever seus conceitos e a ter uma prática voltada para o cuidado consigo e para com o próximo. Assim, a EA, como elucida Melazo (2005, p. 49), tem como função a “formação de cidadãos conscientes, preparados para a tomada de decisões e atuando na realidade socioambiental, com um comprometimento com a vida, o bem estar de cada um e da sociedade, tanto a nível global como local”. Nesse sentido, Neiman e Rabinovici (2007) enfatizam que a EA pressupõe a mudança de valores, do ser em si, das relações interpessoais e com o meio ambiente. Guimarães (2004a) acentua que a EA vem sendo chamada a se comprometer com a mudança de valores e atitudes da humanidade. A questão socioambiental, segundo Carvalho (2004, p. 36), deve ser vista como uma “relação de mútua interação e co-pertença, formando um único mundo”, entre natureza, humanos, sociedade e ambiente. Desse modo, todas as dimensões mundanas estão interligadas, formando um todo no qual todos têm uma efetiva participação.

Assim, no contexto escolar, a EA não pode ser vista como uma temática a ser trabalhada apenas nas disciplinas de Ciências, Biologia ou Geografia, pois é uma das dimensões na educação (GUIMARÃES, 2004a). De acordo com o parágrafo segundo da Lei nº 9.795, a EA deve ser um componente essencial e permanente da educação nacional, de forma articulada e em todos os níveis e modalidades de ensino (BRASIL, 1999). Em virtude da sua vasta dimensão, a EA deve ser inserida em todas as áreas do conhecimento, buscando a interdisciplinaridade, valorizando a cultura, os aspectos políticos, sociais, econômicos, ambientais, demográficos da população onde a Unidade Escolar (UE) está inserida. Em consonância com o exposto, Sorrentino, Trajber e Raymundo (2007) consideram que é importante que o meio ambiente permeie todas as disciplinas e na base de uma nova visão de mundo. Passos e Sato (2002, p. 11) concebem a EA como:

[...] livre das amarras temporais, com definições pré-concebidas de conteúdo e ‘parâmetros’ autoritários em formas fechadas da educação. E é também neste mesmo sentido, que uma perspectiva fenomenológica dirige-se ao ser pessoal e universal, a um só tempo, desenvolvendo uma perspectiva paradigmática holística e responsável. (grifo dos autores).

Carvalho (2004) afirma que EA surgiu em um âmbito naturalista, superá-lo apontando para uma visão socioambiental é o ideal, pois

a visão socioambiental orienta-se por uma racionalidade complexa e interdisciplinar e pensa o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos

processos vitais, no qual todos os tempos dessa relação se modificam dinâmica e mutuamente (CARVALHO, 2004, p. 37).

O mesmo autor (2004, p. 154) explica que a EA “faz parte de uma tentativa de responder aos sinais de falência de um modo de vida, o qual já não sustenta promessas de felicidade, afluência, progresso e desenvolvimento”. Como se vive em uma sociedade capitalista, que preza a questão da produção em larga escala visando ao lucro, os seres humanos se tornaram reféns dessa sociedade, e o fato de pensar que “quanto mais eu tenho mais feliz eu serei” mostra o quão perdidos estão seus valores. Portanto, a EA, em sua concepção crítica, proporciona uma reflexão acerca do modo como o homem está vivendo, como está cuidando de si mesmo e dos outros, do meio onde está inserido. Em conformidade com o exposto, Carvalho (2004) argumenta que a EA representa um senso de responsabilidade pelo mundo em que se vive, assim como entre os seres e o ambiente.

A EA, em sua concepção crítica, tem por objetivos:

- Promover a compreensão dos problemas socioambientais em suas múltiplas dimensões [...].
- Contribuir para a transformação dos atuais padrões de uso e distribuição dos recursos naturais, em direção a formas mais sustentáveis, justas e solidárias de relação com a natureza.
- Formar uma atitude ecológica dotada de sensibilidades estéticas, éticas e políticas atentas à identificação dos problemas e conflitos ambientais que afetam o ambiente [...].
- Implicar os sujeitos da educação na solução ou melhoria desses problemas e conflitos, mediante processos de ensino/aprendizagem formais ou não-formais [...].
- Atuar no cotidiano escolar e não escolar, provocando novas questões, situações de aprendizagem e desafios para a participação na resolução de problemas [...].
- Construir processos de aprendizagem significativa [...].
- Situar o educador, sobretudo, como mediador de relações socioeducativas, coordenador de ações, pesquisas e reflexões – escolares e/ou comunitárias – que possibilitem novos processos de aprendizagens sociais, individuais e institucionais (CARVALHO, 2004, p. 158-159).

Complementando os objetivos apontados por Carvalho (2004), Bravo (2011, p. 258) ressalta que “a EA crítica visa contribuir para uma mudança de valores e atitudes frente ao mundo, não o tomando como pronto e dado, mas como palco de relações socioambientais em disputa, em construção”. Em consonância com os autores supracitados, Tozoni-Reis (2007) destaca que a EA crítica também objetiva a participação social dos indivíduos, visando a contribuir para uma transformação social, pautada na cooperação, coletividade e participação, fazendo com que as relações humanas também sejam modificadas. Guimarães (2004b, p. 48) elucida que a EA crítica pauta-se por uma transformação da sociedade em busca de uma sustentabilidade “[...] calcada em novos paradigmas, condições materiais,

posturas ético-políticas [...]” e que EA crítica deve direcionar a transformações na sociedade que visem à justiça social e à qualidade ambiental. Os objetivos da EA, em sua concepção crítica, se implantados nas escolas e, conseqüentemente, nas comunidades, ter-se-ia um riquíssimo espaço para contribuições, reflexões, interpretações acerca da questão socioambiental e, paulatinamente, uma grande corrente de sensibilização frente à postura humana para o cuidado em três âmbitos essenciais: “eu”, “nós” e ambiente. A EA crítica está intimamente ligada ao pensamento Freireano no que tange à transformação da sociedade, baseando-se na realidade na qual o indivíduo encontra-se inserido.

Nesse norte, de acordo com Bertolucci, Machado e Santana (2005), a EA, em sua concepção crítica, é contra a fragmentação sociedade-natureza, por isso remete à compreensão dos problemas socioambientais gerados pela sociedade de consumo. Para tanto, aponta para a formação de um ser humano capacitado a transformar o local onde se encontra inserido, tendo em vista que alcançar tais propósitos aposta em ações pedagógicas contextualizadas com a realidade onde a escola e os indivíduos que nela estudam estão estabelecidos. Contudo, vale ressaltar que para que esse intento aconteça é de suma importância que esse processo seja algo feito com carinho por parte dos educadores e, por conseguinte, dos educandos.

Segundo Guimarães (2006, p. 11), nas concepções crítica, emancipatória e transformadora da EA, as relações são situadas de maneira complexa, sendo tal processo “constituído pela (e constituinte da) inter-relação das partes com as partes, das partes com o todo e do todo com as partes, interagindo-se reciprocamente”. Ou seja, no universo os seres estão todos conectados de forma que uma parte complementa a outra, e a relação entre as partes forma o todo e este todo também se mantém interligado com as partes, onde cada parte é um elemento crucial para as relações estabelecidas entre “eu” - “nós” - ambiente.

Bravo (2011) apresenta a EA crítica, transformadora e emancipatória como uma concepção que seja norteadora para uma transformação de paradigmas, onde os indivíduos possam perceber a sua liberdade para interceder no mundo. Guimarães (2004b, p. 73) frisa que um princípio da EA crítica e transformadora é “[...] a luta pela ampliação do espaço democrático em nossa sociedade, em que a participação possa amplamente se realizar”. Assim, a EA transformadora visa a uma modificação de atitudes (BRAVO, 2011). Nessa perspectiva, Carvalho (2004, p. 181) assevera a respeito da concepção transformadora da EA:

Esta implicaria em desenvolver capacidades e sensibilidades para identificar e compreender os problemas ambientais, para mobilizar-se [...]. Nesse sentido, a EA deve ter um ideal de convívio solidário dos sujeitos como parte dessa teia de relações naturais, sociais e culturais que constroem os modos individuais e coletivos de olhar, perceber, usar e pensar o ambiente.

A EA não objetiva um aprendizado comportamental, típico da educação bancária alertada por Paulo Freire, mas vai além, buscando a construção da sensibilização frente às questões ambientais, as relações entre os seres humanos e um novo olhar em relação ao que os rodeia, pois a “[...] Educação Ambiental Transformadora compreende a fusão que há entre risco ambiental e insegurança social” (BRAVO, 2011, p. 260). Essa transformação somente será conquistada no momento em que “[...] as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual eles devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se ‘inserir’ nela criticamente” (FREIRE, 2014, p. 54, grifo do autor). Desse modo, a EA está vinculada à prática social, enraizada no contexto socioambiental, não se restringindo apenas à reprodução de conhecimentos ou alicerçada na mudança somente do indivíduo (GUIMARÃES, 2004a). Em outras palavras, para que ocorra essa transformação é necessário um repensar crítico dos indivíduos sobre a realidade, pois somente a partir da criticidade será possível a busca da transformação socioambiental e, em consequência, sua emancipação. De acordo com o exposto, Bertolucci, Machado e Santana (2005) acreditam que a EA transformadora deveria ser incorporada como um processo de educação permanente, o qual forneça ao indivíduo subsídios para uma reflexão e ação visando à transformação da realidade, pautando-se na participação e no exercício da cidadania, tendo sempre como intuito o cuidado consigo mesmo, com o outro, com o ambiente e tudo aquilo o rodeia.

A EA, em sua concepção emancipatória, pretende formar pessoas ativas em suas realidades, para tanto visa à construção de espaços de participação democrática, com conhecimentos emancipatórios, pretendendo novos modos de produção, solidariedade e de meios culturais (BRAVO, 2011). Nessa senda, Canabarro, Oliveira e Silva (2009, p. 392), a respeito da concepção emancipatória da EA, explicam que a mesma visa a:

[...] compreender a problemática ambiental a partir de uma abordagem sócio-histórica, ou seja, a partir das relações entre seres humanos e a natureza sob a luz de um movimento histórico. [...] implica admitir que, se essas relações são históricas, [...] passíveis de transformação pela ação humana.

A EA emancipatória também está ligada à pedagogia Freireana, a qual enfatiza a importância de características, tais como: humildade, respeito ao saber do aluno, compreensão das dimensões interventivas que a educação possui, consciência nas decisões que se toma, convicção de que mudanças são possíveis, importância do diálogo, o querer bem ao outro, dentre tantas outras (FREIRE, 1996).

Terossi e Santana (2013) compreendem que a EA, em sua concepção crítica,

emancipatória e transformadora, tem como um de seus objetivos melhorar as ações pedagógicas voltadas para a realidade socioambiental do educando, sendo contrária à mera reprodução de conhecimentos; desse modo, acredita na formação de pessoas capacitadas para transformar a sua realidade, a partir do momento em que as mesmas compreendam com efetividade os problemas socioambientais e sejam disseminadoras de uma cultura voltada à sensibilização. Corroborando os autores acima, Guimarães (2004b, p. 81) enfatiza que “essa educação ambiental, que visa à sustentabilidade da vida no planeta, se estabelece no movimento que provoca rupturas e religações fundantes de um novo paradigma em consonância com a construção das bases materiais de uma nova sociedade”. Por conseguinte, “[...] toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. [...] A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será” (FREIRE, 2013, p. 139). Por esse motivo, evidencia-se a importância da formação de sujeitos críticos pela escola, para, posteriormente, estes sujeitos atuarem de maneira crítica na sociedade.

A EA, antes de qualquer adjetivo, é educação, que em sua amplitude é fundamental considerar todas as relações estabelecidas pelo ser humano, objetivando uma formação de cunho humanístico, sensibilizatório e crítico do homem (TOZONI-REIS, 2004). Nesse contexto,

a educação ambiental, [...] tem papel fundamental na preparação de cidadãos aptos para atuarem de forma ética e responsável em sociedade, uma vez que propicia o desenvolvimento de valores e atitudes, levando os educandos a refletirem sobre a relação intrínseca entre ser humano e meio ambiente (BORGHI; ZANCUL, 2009, p. 354).

Guimarães (2004b) acentua a importância da mobilização para a uma EA crítica, emancipatória e transformadora:

[...] mobilização, isto é, pôr a ação em movimento; incorporar em nossa interioridade (razão e emoção) a questão ambiental no cotidiano de nossa ação (exterioridade) como prioridade. Trata-se de uma mudança de atitude nossa com nós mesmos, em uma nova visão de mundo; nossa com os outros e o ambiente que nos envolve, em uma ação solidária. [...] É preciso, portanto, o exercício pleno de nossa cidadania em um processo de conscientização (consciência + ação), quando exteriorizamos, em nossas ações, aquilo que interiorizamos (razão e emoção) por uma reflexão crítica (GUIMARÃES, 2004b, p. 86).

Nesse sentido, Freire (2011) salienta que se deve pensar numa educação que respeite e compreenda o mundo dos educandos, de forma a lhes lançar desafios que levem os

alunos a pensar de forma crítica. Partindo desse princípio, a EA, nas suas concepções crítica, emancipatória e transformadora, disponibiliza inúmeros subsídios para a construção desse modelo de educação proposto por Paulo Freire.

A EA tem papel fundamental para a geração de reflexões, ações e pensamentos acerca da íntima relação que o ser humano estabelece com o ambiente no qual vive, sendo, assim, uma grande fonte visando à transformação de maneira crítica e emancipatória.

2 O TRILHAR METODOLÓGICO

Este capítulo aborda o percurso metodológico que subsidiou a busca e interpretação das informações evidenciadas na pesquisa. Para tanto, destaca-se a abordagem da pesquisa, o *locus* onde a pesquisa foi desenvolvida, os atores envolvidos, os procedimentos necessários à busca das informações, bem como um roteiro do diagnóstico prévio (Apêndice A) da UE onde foi realizado o estudo.

2.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

A abordagem da pesquisa é qualitativa. De acordo com Minayo (2012a, p. 21), essa abordagem de pesquisa:

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Conforme Moraes (2003), a abordagem qualitativa tem por princípio aprofundar a compreensão dos fenômenos tendo como subsídio uma análise rigorosa e criteriosa, visto que seu foco é a compreensão. Já Moreira (2004), explica que a pesquisa qualitativa tem como foco o ser humano, em que o homem atua como ator, porém sua visão de mundo é o fator mais preponderante da pesquisa. Esteban (2010) ressalta que a pesquisa qualitativa é aquela orientada a compreender em profundidade os fenômenos educativos e sociais, além da transformação de práticas e cenários socioeducativos, a tomada de decisões e também a encontrar e ampliar os conhecimentos. Assim, para descrever e interpretar as informações acerca da percepção ambiental dos pais, professores e gestores utilizou-se o método descritivo, que, segundo Gil (2007, p. 44), “têm como objetivo primordial a descrição de características de determinada população ou fenômeno [...]”. Uma característica essencial da pesquisa qualitativa, para Esteban (2010, p. 129, grifo do autor), é a “atenção ao *contexto*; a experiência humana se perfila e tem lugar em contextos particulares, de maneira que os acontecimentos e fenômenos não podem ser compreendidos adequadamente se são separados daqueles”.

Com fundamentos na pesquisa qualitativa em Esteban (2010) e fenomenológica à luz da percepção baseada em Merleau-Ponty (2011), a pesquisa de cunho fenomenológico dá

vazão à amplitude e profundidade de significância dos fenômenos, uma vez que estes se constituem na essência do processo interpretativo. Moreira (2004) pontua, então, que o fenômeno tem natureza própria, não sendo apenas uma representação daquilo que se observa. A pesquisa de cunho fenomenológico, conforme Esteban (2010, p. 156, grifo do autor), “preocupa-se com os *aspectos essenciais* de tipos de experiência ou consciência. [...] enfatiza os aspectos individuais e subjetivos da experiência”. Moreira (2004, p. 84) complementa mencionando que “as essências, portanto, referem-se ao sentido ideal ou verdadeiro de alguma coisa, dando um entendimento comum ao fenômeno sob investigação”. Esteban (2010, p. 65) afirma que as experiências vivenciadas não estão ligadas a sensações sensitivas, contudo a percepções que, juntamente à interpretação, conduzem objetivos, valores e significados. Nessa direção, a interpretação ganha corpo e consciência a exemplo das proposições de Merleau-Ponty (2011). No entender de Del Maestro (2010, p. 74), no pensamento Merleau-Pontyano há “um rompimento com a dicotomia essência-existência, mente-corpo e ele propõe a explicação do sentido das estruturas do real, entendidas como totalidades concretas, dinâmicas, porque dialéticas e articuladas pelo sentido imaneente dos fatos”.

Desse modo, o objeto da pesquisa fenomenológica é conhecer (descobrir) o que está por trás das formas pelas quais os seres humanos descrevem sua experiência a partir das estruturas que representam (ESTEBAN, 2010). Já que “[...] eu sou a fonte absoluta; minha experiência não provém de meus antecedentes, de meu ambiente físico e social, ela caminha em direção a eles e os sustenta, pois sou eu quem faz ser para mim [...]” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3). Nesse viés, as vivências e experiências de cada um são fontes únicas de saber, de conhecimento próprio, uma vez que nenhum ser tem as mesmas experiências de outro.

2.2 LÓCUS DA PESQUISA E SEUS ATORES

A Escola de Ensino Fundamental Fábio Silva (E.E.F. Fábio Silva) iniciou sua história em 1955 e desde então passou por algumas reformas e ampliações até se estabelecer em 2010 no atual prédio onde a UE funciona (E.E.F. FÁBIO SILVA, 2013b).

A referida escola está situada em um bairro onde seus moradores enfrentam problemas sociais e econômicos que acarretam problemas à qualidade de vida para a população local e do entorno, elevando assim os índices de violência, desestruturação familiar e tráfico de drogas ilícitas, dados estes tabulados pela UE por meio de uma pesquisa realizada

em 2009 compilada no PPP (E.E.F. FÁBIO SILVA, 2013b).² Desse modo, faz-se necessário estudar como os sujeitos inseridos no âmbito escolar percebem os laços existentes entre a escola e a comunidade com base na ética do cuidado defendida por Boff (1999) e dos princípios educativos defendidos por Paulo Freire ao longo de sua “caminhada”. Freire (2013) afirma que a educação é um ato de amor e de coragem, por isso não pode temer o debate, a interpretação da realidade, promovendo a reflexão sobre o ambiente, da comunidade na qual a escola está inserida. E Boff (2009a) aponta que o cuidado é uma relação amorosa, o qual percebe o mundo como valor, e é assim que concebe a escola e a comunidade, e mantém uma relação afetiva com o local onde vive.

No quadro 1 listam-se os sujeitos/atores participantes da pesquisa.

Quadro 1 - Identificação dos sujeitos/atores da pesquisa

Nome	Membro da diretoria da APP	Pais/professores/gestor
Golfinho	Membro da diretoria da APP	Mãe
Copo de Leite	Membro da diretoria da APP	Mãe
Laranjeira	Não membro da diretoria da APP	Mãe
Floresta	Não membro da diretoria da APP	Avó
Flor Azul	Membro da diretoria da APP	Professora
Mar	Membro da diretoria da APP	Professor
Samambaia	Não membro da diretoria da APP	Professora
Violeta	Membro da diretoria da APP	Gestora

Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

A escolha dos nomes fictícios deu-se, em parte, por ocasião do diagnóstico prévio onde alguns atores da pesquisa relataram preferir utilizar um nome que não fosse o seu. Assim, sugerimos que esse nome fictício representasse um elemento da natureza. Desse modo, alguns participantes escolheram seus nomes fictícios em função da maior afinidade que possuíam com determinado elemento da natureza. Outros participantes da pesquisa preferiram não escolher o referido nome, solicitando que a pesquisadora o fizesse. Para a definição dos

² Conforme o PPP (E.E.F. FÁBIO SILVA, 2013b), os problemas que a comunidade enfrenta são efetuados com atividades complementares como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD).

nomes fictícios dos demais participantes, levamos em consideração a ficha de observação utilizada durante as entrevistas, de modo que se conseguisse captar a essência da pessoa e, assim, atribuir-lhe o nome fictício que melhor correspondesse às características, atributos ou anotações captadas naquele momento.

A Escola de Ensino Fundamental Fábio Silva é composta por uma APP, sendo que são membros de tal associação pais, professores e gestores da UE. As reuniões acontecem pelo menos três vezes ao ano. A diretoria APP é composta por treze membros, estruturada da seguinte maneira: um presidente, um vice-presidente, um primeiro-tesoureiro, um segundo-tesoureiro, um primeiro-secretário, um segundo-secretário, um membro do conselho fiscal e seis conselheiros. “A APP é um órgão que atua junto à Direção, auxiliando na administração e na captação de recursos para melhorar a qualidade da educação e suprir as necessidades básicas da escola.” (E.E.F. FÁBIO SILVA, 2013b, p. 56).

A escolha dos membros da diretoria da APP como atores da pesquisa deu-se em virtude de seus membros englobarem gestores, professores e pais de alunos da UE, haja vista que esta entidade é primordial para o funcionamento da escola e também para a interação da escola com a comunidade, uma vez que alguns de seus membros são pais de alunos que vivem na comunidade onde a escola encontra-se inserida, podendo, assim, atuar como disseminadores do papel transformador da educação para a formação dos sujeitos. A escolha de pais não membros da diretoria da APP deve-se também à importância de seu papel no processo educativo. Para estes fez-se um convite o qual foi enviado para a casa através de seus filhos, sendo que quem aceitasse participar devolveria o convite assinado e com contatos. Foi efetuado o agendamento da entrevista, visando a esclarecer os objetivos da pesquisa e o aceite ou não desses pais. Para o professor não membro da APP que participou da pesquisa foi feito um convite pessoal, o qual foi aceito prontamente.

De acordo com o PPP (E.E.F. FÁBIO SILVA, p. 56), a APP tem como atribuições:

- Promover a integração da escola à comunidade em termos de conjugação de esforços, articulação de objetivos e harmonia de procedimentos;
- Promover a interação entre a família, o aluno, os professores, os funcionários e a administração do estabelecimento de ensino;
- Propor medidas que visem ao aprimoramento do plano de ensino aplicado, à integração do aluno e à assistência de ‘modo geral’ ao corpo discente;
- Fixar o valor da matrícula e da contribuição mensal junto à Direção da Unidade Escolar;
- Designar pessoas para a conscientização permanente do aluno e da família;
- Fazer a prestação de contas mensalmente, expondo-a a todos;
- Propor e auxiliar eventos com fins lucrativos e sociais, tais como: festa junina, bingos, rifas, gincanas e etc. (grifo no original).

Pautando-se nas atribuições da APP contidas no PPP da escola, elencadas acima, pode-se observar que a associação, quando bem estruturada, pode atuar como um agente transformador em uma realidade com os problemas sociais e culturais listados pela comunidade Fábio Silva a partir da pesquisa realizada em 2009 pela referida UE.

A escola funciona nos períodos matutino e vespertino. No ano de 2014, a escola contava, no período matutino, com quatro turmas assim distribuídas: quarto ano com vinte e cinco alunos, quinto ano com dezenove alunos, sétimo ano com quinze alunos e oitavo ano com vinte alunos, totalizando setenta e nove alunos. No período vespertino, havia cinco turmas, sendo: primeiro ano com dezessete alunos, segundo ano com onze alunos, terceiro ano com vinte alunos, sexto ano - turma um - com vinte e um alunos e sexto ano - turma dois - com quinze alunos, totalizando oitenta e quatro alunos.

Em relação ao quadro funcional, a escola dispõe de quinze professores efetivos, oito professores Admitidos em Caráter Temporário (ACT), um gestor e dois assistentes de educação. Em 2014, a escola não possuía nenhum projeto visando à integração à comunidade.

A comunidade possui um posto de saúde, centro comunitário e um centro de educação infantil. O bairro Fábio Silva não possui nenhuma área de lazer. A maioria dos moradores exerce profissões como: do lar, costureira, vendedor, pedreiro, cozinheiros, vigilantes, eletricitista, servente, militar, mecânico, pintor, empregada doméstica, caminhoneiro, padeiro, agente de saúde, doceira, professor, músico, bombeiro, frentista, entre outras (E.E.F. FÁBIO SILVA, 2013b). Quanto ao nível de escolaridade dos pais dos alunos da UE, uma pesquisa realizada em 2009 constatou que: 22,6% possuíam apenas séries iniciais do Ensino Fundamental; 28%, séries finais do Ensino Fundamental; 23%, Ensino Médio e apenas 4,7% possuem nível superior, sendo que os demais participantes da pesquisa não responderam sobre seu nível de escolaridade (E.E.F. FÁBIO SILVA, 2013b).

2.3 A BUSCA POR INFORMAÇÕES

Para a obtenção das informações foram empregadas entrevistas semiestruturadas (Apêndices B, C e D), atendendo aos pressupostos estabelecidos por Minayo (2012b, p. 64), onde “[...] o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”, e Esteban (2010). Um diagnóstico prévio foi realizado junto aos membros da diretoria da APP, estruturado com base em Minayo (2012b) e Gil (1999). Para a interpretação das informações utilizou-se uma adaptação da análise textual discursiva, proposta por Moraes (2003) e Moraes e Galiuzzi (2006), a qual gera metatextos. Moraes

(2003) considera importante a atitude fenomenológica para a interpretação dos dados. Tal adaptação foi pautada em Herdt (2013), onde o sentido deste processo ocorreu a partir da interpretação dos metatextos à luz da fenomenologia da percepção.

As entrevistas foram gravadas na escola em dias e horários agendados conforme disponibilidade dos entrevistados, sendo que as gravações foram efetuadas com o auxílio de um gravador modelo: GPx-DUR 540; os roteiros estão dispostos nos apêndices (B, C, D) e as informações estruturadas em quatro blocos. Durante a entrevista, foi preenchida uma ficha de observação, a qual objetivou registrar os gestos, a postura corporal e outros sinais que se tornam imperceptíveis na gravação oral dos entrevistados. As gravações foram transcritas fielmente de forma a gerar metatextos para a interpretação dos dados na perspectiva da fenomenologia, de estudiosos na área da educação e da EA.

A ficha de observação oportunizou um conhecimento perceptivo mais próximo dos participantes da pesquisa, permitindo uma descrição da condição destes durante a realização das entrevistas. Observamos que alguns dos participantes falavam com naturalidade, tranquilidade e segurança. Já outros esboçavam receio, insegurança e faziam muitas pausas para articular os pensamentos; precisavam de alguns instantes para concatenar os pensamentos e se expressarem.

A análise discursiva proposta por Moraes (2003) compreende todas as matérias a serem interpretadas como um conjunto de significantes, onde o pesquisador irá atribuir-lhes as significações ancoradas em teorias. Faz-se necessário criar meios para interpretar os metatextos de modo que se estabeleçam inter-relações entre os mesmos, uma vez que cada leitor pode fazer uma leitura diferente. Assim, a análise discursiva não é algo estanque, muito pelo contrário, é algo em movimento; na verdade o que se propõe aqui é uma “interpretação discursiva” para este estudo. A pesquisa foi concebida como um poli-hibridismo metodológico, a exemplo do que foi efetivado por Silveira (2014), sustentada na fenomenologia (matriz), porém no presente estudo permeando “mosaicos” constituídos a partir da percepção em Merleau-Ponty, da EA e do cuidado em Leonardo Boff. Neste caso, considerando que a matriz sobre a qual repousam/interagem os demais elementos de investigação será a fenomenologia.

A interpretação e discussão das informações foram alicerçadas com base em Merleau-Ponty (2009, 2011), bem como Moraes e Galiazzi (2006), Moraes (2005), Sato (2004), Guimarães (2004a, 2004b, 2006), Carvalho (2004), entre outros.

2.4 O PRIMEIRO CONTATO COM OS SUJEITOS/ATORES

A diretoria da APP da E.E.F. Fábio Silva conta com treze membros. Destes, uma é a gestora da escola, três de seus membros são pais de alunos, duas são assistentes de educação e sete são professores. Contudo, participaram desta pesquisa cinco atores da diretoria da APP, destes, têm-se uma gestora, dois pais de alunos, dois professores. Já os atores que não fazem parte da APP, são dois pais e um professor, totalizando oito participantes.

Dentre as funções desempenhadas na APP pelos atores da pesquisa, têm-se: um vice-presidente, um primeiro-tesoureiro, um presidente de conselho fiscal e dois conselheiros. Ao participarem do diagnóstico prévio, dois membros da associação disseram ter conhecimento parcial do estatuto e três membros relataram não conhecer o estatuto que rege a APP da escola. O tempo em que são membros da diretoria da APP varia de um a dez anos. Todos os integrantes da APP residem no município de Tubarão/SC, em diversos bairros da cidade. Dos participantes que preencheram o diagnóstico prévio, todos aceitaram participar da pesquisa. As entrevistas foram agendadas conforme local, data e horários pré-estabelecidos com os atores da pesquisa, sendo gravadas e, posteriormente, transcritas fielmente. Alguns entrevistados preferiam usar o nome real e outros, nome fictício; por esse motivo optou-se por utilizar nome fictício em todos os participantes da pesquisa. A maioria dos entrevistados se sentiu à vontade durante a entrevista, salvo três exceções, destes um se soltou ao longo do tempo, outro permaneceu na defensiva o tempo todo, aparentava medo, insegurança nas respostas e outro disse que precisava das perguntas antes da entrevista para dar as respostas corretas, porém, depois que conversamos a respeito, ficou mais tranquilo.

Em relação ao nível de escolaridade dos atores, quatro possuem pós-graduação em nível de especialização, um tem curso superior incompleto, dois estão cursando Ensino Médio, e um tem Ensino Fundamental completo. Um dos atores possui dois filhos estudando na escola Fábio Silva - um no sexto ano e outro no terceiro ano, o segundo participante possui um filho na escola - no sétimo ano, e o terceiro ator da pesquisa possui dois filhos, destes, apenas o mais novo está estudando na escola Fábio Silva no sexto ano. Acerca das profissões, têm-se: serviços gerais, autônomo e professores.

3 INTERPRETANDO AS MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES DOS ATORES DA PESQUISA

A interpretação das percepções dos atores da pesquisa foi organizada dentro dos próprios blocos de busca das informações. Assim, em cada bloco (Quadro 2) transitam as expressões de sujeitos de vários grupos (pais, professores, gestor). No entanto, o **Bloco D** atendeu, quando pertinente, às especificações dadas de cada grupo de atores.

Quadro 2 - Blocos da pesquisa e seus questionamentos

(continua)

Bloco A	Descrição de sujeito atuante e comprometido com a sociedade
	Descrição do ambiente onde a escola encontra-se inserida
	Descrição da comunidade onde a escola encontra-se inserida
Bloco B	Relação escola-comunidade
	Contribuição da escola para a formação de sujeitos atuantes e comprometidos com a sociedade
	Papel da escola
	A participação dos pais e a contribuição destes para a formação de sujeitos atuantes e comprometidos com a sociedade
	Integração escola com a comunidade
Bloco C	Conhecimento do PPP e sua influência sobre o papel da escola na formação de cidadãos comprometidos com a comunidade
	Papel da APP na escola
	A APP e a formação do cidadão
	A integração APP-escola-comunidade-ambiente
	A escola e a APP
	A APP e a escola e a relação que ambas estabelecem com o cuidado entre os seres
Bloco D - pais	Importância de os filhos estudarem
	Educação como um meio de melhorar a relação do ser humano com o

(conclusão)

	meio ambiente
Bloco D - professores	Práticas docentes e a formação de um sujeito atuante na sociedade
	Práticas pedagógicas e a melhoria da relação do ser humano com o ambiente e com a comunidade
	Maneira como a sua disciplina contribui ou se sua atuação na escola contribui para uma relação mais estreita entre a APP, escola, comunidade e ambiente
Bloco D - gestor	Contribuição da gestão escolar para a formação de um sujeito crítico e atuante na sociedade
	Contribuição da gestão escolar para melhorar a relação do ser humano com o ambiente e com a comunidade e possibilitar uma relação mais estreita entre APP, escola, comunidade e ambiente
Bloco D – comum a todos os atores da pesquisa	Educação como um elemento transformador
	Contribuição da educação para a formação de sujeitos atuantes na sociedade
	Concepção de valores
	Concepção de sustentabilidade/ sustentabilidade socioambiental

Fonte: Elaboração da autora, 2015.

No que diz respeito ao **Bloco A**, referente à descrição de sujeito atuante e comprometido com a sociedade, o primeiro entrevistado, Golfinho relata:

Como assim? É [...] Deixa eu pensar. Na comunidade tu quer [sic] dizer? [...] Na comunidade eles são tudo bem, não são de fazer briga assim, né [sic], a gente se dá muito bem com os da comunidade, nunca vi reclamação da gente. [...] Sim, tem um monte de gente que às vezes quer se impor, ajudar a gente, só que às vezes não dá, né [sic]. Não sabe por onde começar a ajuda [sic], né [sic] (Golfinho, mãe, membro da diretoria da APP).

Golfinho, mãe e membro da APP, expressa a intencionalidade das pessoas em ajudar, mas reconhece as dificuldades. Copo-de-leite, mãe e membro da APP, em sua fala retrata, em parte, a concepção que Carvalho (2012) faz do sujeito ecológico quando expressa a relação com o outro:

É dando atenção às pessoas que precisam, é tu não ser [sic] egoísta, eu acho que pra [sic] isso existe a humanidade, pra [sic] isso que existe um Deus superior que é nosso Deus, que a gente primeiramente tem que pedir a Ele a nossa direção. E eu acho que se tu pode [sic] estender a mão a um ser humano, acho que é mais do que justo (Copo-de-leite, mãe, membro da diretoria da APP).

O sujeito ecológico, de acordo com Carvalho (2012), está relacionado com um jeito ecológico de ser, intencionando um novo estilo de vida no qual estão incluídas maneiras de pensar o mundo, a si mesmo e as relações estabelecidas com os outros neste mundo. Para a entrevistada Copo-de-leite, um ser atuante na sociedade é aquele que procura ajudar o próximo. Isso se relaciona com a ética do cuidado proposta por Boff (2005); o ser humano age com cuidado em relação ao outro a partir do momento em que um ser passa a “[...] cogitar e pensar no outro, colocar a atenção nele, mostrar interesse por ele e revelar uma atitude de desvelo, até de preocupação pelo outro” (BOFF, 2005, p. 29). Em consonância com a dimensão cuidadosa do ser humano, Laranjeira, mãe e não membro da APP, aponta que para alguém ser atuante e comprometido na comunidade é necessário que seja:

Uma pessoa que desenvolve alguma coisa na comunidade, que faz alguma coisa em benefício dos outros, que ajuda os outros, isso é uma pessoa atuante. Como eu já te falei que vai fazer cinco anos que eu moro aqui, eu conheço pouca gente e as poucas que eu conheço, por exemplo, lá perto da minha casa tem o mercado [...] a dona do mercado faz parte dessa sociedade, da comunidade e ela é uma pessoa bem responsável, uma pessoa bem atuante, eu tenho ela [sic] como exemplo (Laranjeira, mãe, não membro da diretoria da APP).

Este fazer algo em benefício dos outros relatado pela entrevistada está intimamente relacionado com o cuidado, visto que quando se pensa no outro, procura-se fazer algo em prol do próximo, tem-se uma atitude cuidadosa, pois, segundo Boff (2005, p. 29), “[...] cuidado implica um modo-de-ser mediante o qual a pessoa sai de si e se centra no outro com desvelo e solicitude”.

Para Floresta, avó e não membro da diretoria da APP, a atuação e o comprometimento com o outro diz respeito a virtudes e valores.

Pra [sic] mim é uma pessoa honesta, justa com as coisas. Eu gosto assim das pessoas bem honestas, é sem mentira, porque hoje em dia [...] Ó, já vem lá de cima [sic], nem vou citar nome dessas coisas de [...] Mais [sic] é complicado, já se vem lá de cima, então a gente procura, eu procuro fazer o certo pra [sic] não fazer o errado [sic], sempre procuro fazer o certo (Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

Fica evidente, tanto na fala de Laranjeira quanto na de Floresta, que ser atuante é ser responsável, honesto e justo, constitui um agregado de valores. Suas concepções são

similares. Nesse sentido, Merleau-Ponty (2011) explica que a pessoa percebe um conjunto como coisa que sua atitude pode reconhecer nele semelhanças e proximidades. Para os entrevistados mencionados, ser atuante implica responsabilidade, honestidade e justiça. Na sociedade atual percebe-se que valores e virtudes estão se perdendo. Carvalho (2012, p. 68) aponta uma crítica a respeito do mundo “[...] no qual vale mais ter do que ser [...]”, por isso a autora (2012) enfatiza a importância do sujeito ecológico, sujeito este com uma série de valores, crenças e traços característicos que contribuem, juntamente com a EA, em prol de um ambiente melhor.

Nas entrelinhas Flor Azul revela que um sujeito atuante é aquele que busca alternativas para melhorar aquilo que não está bom ou para fazer acontecer o que não acontece, como no caso das ações da APP, buscando uma melhor forma para resolvê-las. A professora Flor Azul destaca a questão da atuação e comprometimento com a comunidade falando sobre a APP.

Bom, já começando com a minha resposta sobre a APP, eu faço parte de uma entidade que está dentro da escola e no mínimo a gente deveria ter reuniões mensais para discutir as necessidades da escola [sic], no todo, não só a parte física, como geralmente parece que a APP é só para as questões de angariar dinheiro, uma festa, dinheiro e vê [sic] o que está precisando na estrutura física [sic]. Mas ela deveria ser mais ampla, olhar essas questões dos trabalhos desenvolvidos pela parte pedagógica, não que ele vai [sic] estar interferindo [sic] no nosso trabalho de professor, mais [sic] pelo menos está [sic] a par do que acontece, porque há tantas dificuldades no relacionamento entre professor e aluno. Poderia estar assim a APP, ela poderia constituir também uma espécie de conselho (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Já para Mar, ser atuante é cumprir com seus deveres e obrigações reclamando seus direitos. A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2000) garante que todos os cidadãos têm direitos e deveres, pode-se dizer que basicamente a cada direito que se tem, atrelado a ele existe um dever. Para ele, o sujeito atuante:

É aquele sujeito que cumpre com as suas obrigações, respeita as normas da sociedade [sic], não desvia do caminho [sic], não faz as coisas erradas, cumpre o seu papel com a família, e paga os seus impostos e tem os seus direitos também, reclama os seus direitos (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

Um aspecto interessante e novo, comparado aos demais, é enfatizado por Violeta, membro da diretoria da APP, ao se reportar à cidadania:

Aí é complexo [sic]. Que é um sujeito atuante na sociedade e comprometido com ela? Olha, eu pra [sic] mim, vejo na questão [sic], na questão da cidadania [sic], que

todos nós temos que ter o respeito com o outro [sic], assim como eu quero o bom pra [sic] mim, o bem pra [sic] mim, eu também tenho que querer pro [sic] outro, que nesse ponto que eu vou ser responsável por mim e responsável pelas minhas atitudes com relação ao outro que está do meu lado. Então a minha, a minha questão que eu vejo hoje é a questão de sempre colocar para o aluno que ele tem que estudar, que ele tem que aprender mais, que ele tem que ser um cidadão para ajudar o outro lá fora para também ser ajudado (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Para a entrevistada Samambaia, um ser atuante e comprometido está relacionado com o querer fazer e as tentativas que o sujeito faz para melhorar. Seu entendimento permeia o que foi exposto por Golfinho, Copo-de-leite, Laranjeira, Floresta e Flor Azul, e também está vinculado à ética do cuidado proposta por Boff. Nesse sentido, o cuidado inclui duas significações, conforme Boff (2005), uma diz respeito à atitude de desvelo, de solicitude e atenção para com o próximo e a outra está ligada à primeira de modo que a preocupação e a inquietação pelo outro estão relacionadas com os sentimentos que unem um ser humano ao outro. E, assim, o ser não deve medir esforços em tentar fazer algo, sendo que dessa maneira o indivíduo está sensibilizado com tal situação.

Olha, é um sujeito atuante e comprometido, é aquele que tenta fazer pelo melhor, tenta ter assim uma consciência [sic], uma consciência de querer mudar um pouquinho a atitude, muda alguma coisa, tenta ver algum resultado positivo perante todos assim [sic], então fazer alguma coisa, não só deixar em papel, ou, por exemplo, escrever e deixar muito bonitinho, mais [sic] não mete a cara. Não participa. [...] Às vezes, assim, é pouquinho que tu faz [sic], mais [sic] faça [sic]. Porque tu vai [sic] ver alguma coisa, tu tens, com certeza, tu vai [sic] ter alguma coisa de resultado. Agora se às vezes deixa [...] ah, não posso porque está sempre botando a culpa em alguém, ou aquilo não deu por causa disso, por causa de outra coisa, aí tu nunca vai [sic] conseguir chegar mesmo [...] não chega mesmo numa [sic] conclusão de nada, assim é bem complicado. Se às vezes, tem muito assim, muitas coisas que te bloqueiam, que te atrapalham às vezes no teu caminho, mais [sic] tem que tentar. E eu faço, eu tenho isso assim, que às vezes eu crio alguma coisa e depois eu vou e não deu o resultado, que às vezes não deu muito certo, mais [sic] a gente tem que tentar. Pra [sic] ter uma mudança, se não [...] (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Mais um depoimento que remete a ajudar, a querer bem o próximo. E ligado à questão do cuidado proposta por Boff, uma vez que a pessoa somente terá essa concepção de querer bem e ajudar a partir do momento em que estiver ligada afetivamente aos seus pares, numa relação cuidadosa, visando ao bem comum; logo, o exercício da cidadania está relacionado com a ação e proposição do cuidado.

No **Bloco A**, solicitou-se, ainda, que os entrevistados descrevessem o ambiente em que a escola encontra-se inserida. Salientou-se que, quanto ao ambiente, não foi especificado se diz respeito à relação interpessoal na escola ou ao meio ambiente, por se querer observar se os entrevistados estabelecem uma relação direta com a questão ambiental.

O ambiente, segundo o dicionário Aurélio, é definido como:

Conjunto das condições biológicas, físicas e químicas nas quais os seres vivos se desenvolvem; conjunto das circunstâncias culturais, econômicas, morais e sociais em que vive um indivíduo; espaço físico delimitado (ambiente fechado); que envolve ou está à volta de alguma coisa ou pessoa e que é relativo ao meio físico ou social circundante (AURÉLIO, 2014, s/p).

Já conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ambiente é visto como “produto das interações entre fatores abióticos e seres vivos, pode ser apresentado num primeiro plano e é a partir dessas interações que se pode conhecer cada organismo em particular e reconhecê-lo no ambiente e não vice-versa” (BRASIL, 2002, p. 15). De acordo com ambas as definições, pode-se dizer que o termo ambiente remete a vários conceitos e abordagens diferenciadas, por isso Sato (1997) refere que o ambiente deve ser compreendido em sua totalidade, ou seja, tanto em seus aspectos naturais, culturais, espacial ou temporal, pois os seres humanos são construídos com aspectos históricos e ocupam um espaço geográfico. Da mesma forma, para Guimarães (1998) o ambiente é uma unidade que precisa ser compreendida por inteiro, sendo que o conhecimento interdisciplinar é um meio para se perceber plenamente o equilíbrio dinâmico do ambiente.

Com base nos conceitos de ambiente explicitados anteriormente, os participantes da pesquisa descrevem o ambiente em que a escola encontra-se inserida como: “Muito bem. Ajeitado, certinho. É tudo bom. Todo mundo [...] Nos damos bem” (Golfinho, mãe, membro da diretoria da APP). Para essa entrevistada, o ambiente é visto como o lugar onde eles estão estabelecidos.

Já para a entrevistada Copo-de-leite:

Assim, ó, tem muitas coisas a desejar, mais [sic] eu acho que é um grupo que dá muita atenção para os alunos, principalmente os carentes. [...] Eu acho que a escola está assim, ela evoluiu bastante. Mais [sic] também deixa muito a desejar assim. Em fatos de cuidados, de orientação. E têm coisas assim que pune [sic] de um lado e não pune [sic] de outro (Copo-de-leite, mãe, membro da diretoria da APP).

A fala da entrevistada acima remete para a visão de ambiente representado pelo grupo de pessoas que se envolve com o aluno. Este é tomado pela relação das pessoas, mas não deixa de apontar que há problemas nesse contexto. Sauvé (2005) lembra que, quando o meio ambiente é visto como um problema, é preciso desenvolver habilidades que possibilitem diagnosticar os problemas que se apresentam no meio em que se vive. Tais habilidades servirão de subsídio para fortalecer o sentimento de que se pode fazer algo, e este sentimento,

consequentemente, estimula a vontade de agir. Assim, pode-se dizer que o fato de muitos alunos não terem o que comer expõe a problemática socioeconômica da comunidade e, quando os sujeitos reconhecem isso, vislumbra-se que pelo menos o conhecimento do quadro real em que a escola está inserida é tido como algo que requer providências. Similar ao que é pontuado pela entrevistada Laranjeira:

[...] Mais [sic] em questão de ambiente assim, o nosso governador, os nossos governantes, eles [sic] deixam muito a desejar porque aqui na nossa escola está faltando uma orientadora que os alunos necessitam, que muitos [sic], já [sic] que os pais reclamam sobre a falta de atenção dos alunos, certo? Às vezes é muita reclamação, mais [sic] eu vejo como mãe que, por conta disso, por falta de uma orientadora na escola (Laranjeira, mãe, não membro da diretoria da APP).

Situação que também é retratada, em parte, por Floresta:

Mais [sic] a escola, mais [sic] a escola, eu acho, com muita dificuldade com negócios de governos, essas coisas. Olha, até que esse Fábio Silva aqui é guerreiro. É guerreiro porque a gente vê tanta, tanta escola assim com dificuldades com os próprios alunos dentro da sala de aula [sic]. E aqui até que ao menos o que eu vejo, pelo que a minha neta, com elas eu não vejo nada assim que seja preocupante. Daí eu digo: está bom [sic], que continue assim [sic], porque lá fora da escola há muita coisa errada, nesse bairro, em todos os bairros têm, mais [sic] [...] (Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

Floresta mostra dois pontos em sua fala: o primeiro ressalta que o ambiente escolar mudou, ou seja, o espaço da escola sofreu modificações no decorrer dos anos, sendo ampliado seu espaço físico e melhorada a sua infraestrutura. O segundo ponto levantado por Floresta relaciona-se com a questão explicitada por Laranjeira, em que ambas relatam as dificuldades por conta da falta de atuação dos políticos. O olhar da entrevistada Flor Azul a respeito do ambiente físico da escola é muito próximo ao apontado por Floresta. Contudo, há questões que sempre ficam pendentes.

Sei lá em que aspectos! Físico? O ambiente físico? O ambiente de relações interpessoais? De trabalho? A questão é assim, o prédio da escola está muito bom [sic], porque foi uma escola reformada há pouco tempo. Então eu acredito que poderia [...] claro que poderia estar melhor se os aparelhos de ar-condicionado realmente estivessem funcionando nas salas, mais [sic] só estão lá enfeitando [sic], que já também quatro anos [sic], quatro, cinco anos desde o ano que eu cheguei aqui está isso, então é nessa questão [sic], a escola ainda é mais uma das questões que ficam pendentes. Resolve hoje, resolve amanhã, mais um ano vai acaba [sic] e os ar condicionados [sic] estão lá. Então eu acho assim que temos materiais pra [sic] trabalhar, está tranquilo, não temos falta disso (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Já com relação ao ambiente, sob o ponto de vista dos relacionamentos, Flor Azul

destaca que:

Agora, questão de relacionamento, assim, toca, poder botar fé no projeto como esse ano dentro do PIBID a gente está desenvolvendo projeto educação com arte, que está muito legal, que a gente está focando quatro eixos: oficinas de arte, oficinas de teatro, oficina de dança, espaço de debate e o jornal da escola. A produção do jornal está divulgando os trabalhos das crianças, dos alunos e tal, conseguimos trazer até alguns professores, em alguns momentos eles estão engajados, estão juntos, mais [sic] por exemplo assim, a oficina de dança teve embate, a menina que está trabalhando, a bolsista teve que comprar uma briga, por exemplo, outro dia porque estava chovendo e queria levar os alunos aqui para o ginásio, não queriam deixar, porque diziam que não tinham ordem pra [sic] deixá [sic] ninguém ir para o ginásio sem ser professor de educação física. Quer dizer, tu está [sic] aqui, tu é [sic] bolsista, tu está [sic] nesse período integrando à escola, tu está [sic] fazendo um trabalho para a escola com os alunos e tu é [sic] proibida de usar um espaço da escola, bom, esse espaço aqui, ela também foi convidada para sair daqui desse espaço porque agora esse computador é só para os professores. [...] aí ela foi convidada a sair dessa sala porque aqui não era para ficar bolsista, então só olha o tratamento que é dado pra [sic] alguém que vai ser um futuro professor, como é que se sente [sic], como a menina chegou pra [sic] mim extremamente arrasada, a vontade dela era largar tudo. Não larga também porque está estudando e precisa dessa bolsa, mais [sic] assim, pra [sic] ti ter [sic] uma noção qual é a visão que se tem. Quer dizer, e quem falou foi uma professora que foi contratada, Admitida em Caráter Temporário (ACT), que não tem na verdade um vínculo muito longo com a escola, mais [sic] eu não sei também quem deu a ela o direito de agir dessa forma. Alguém deve ter dado esse direito, claro, porque senão eu acho que ela não iria agir dessa forma. Então, assim, são essas coisinhas que vão acontecendo por falta de entendimento [sic]. Vai ter um concurso aqui de poesia, daí eu falar que de repente o pessoal da dança poderia fazer parte da abertura e tal como vai fazer o pessoal do teatro. O pessoal do teatro está preparando um poema e tal, aí o pessoal do teatro pode porque aí há uma simpatia com o menino que trabalha com o teatro, mais [sic] como não tem simpatia com a menina que trabalha com a dança, a dança não pode porque não faz parte da cultura. São essas palavras que eu ouvi. Então há um equívoco tão grande e só que eu te digo assim, eu tô [sic] bem cansada. Em relação, já fui muito de brigar, talvez fosse em outros anos já tinha virado o [...] mais [sic] como tu vê [sic] assim muita hipocrisia, muita falta de conhecimento. Pessoas sem conhecimento do que é trabalhar arte, mesmo a questão das meninas que vieram, que vinham pra [sic] aula de dança e coincidia que de quinze em quinze dias bate com a aula de arte, que é de quinze em quinze dias, é à tarde e aí a professora foi reclamar porque as meninas estavam indo para a dança e não estavam indo pra [sic] artes. Aí eu disse: ‘Poxa, não dá pra [sic] ti considerar [sic], dança é arte, isso faz parte, isso está lá nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), considera como se elas estivessem na tua aula.’ ‘Não, mais [sic] é que eu não estou nessa parte agora’. ‘Então tudo bem, então não vamos discutir, deixa pra [sic] lá.’ É que aí as meninas são impedidas de quinze em quinze dias de participar porque tem que estar na aula de arte, que não é considerado. É complicado [sic], que não há assim um, um, uma boa vontade de ir e como a gente levou, chegou na discussão de trabalhar esse projeto educação com arte, tudo foi discutido com todos os alunos, com os professores, tudo apresentado, todos acharam muito lindo, muito bom, muito maravilhoso, mais [sic] pegar junto é bem complicado (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Na percepção da entrevistada Flor Azul, na escola as relações interpessoais são complicadas em virtude da falta de cuidado entre as pessoas. Desse modo, é preciso rever a forma como tratar os demais seres humanos. Nessa perspectiva, Boff (2005) assinala que o cuidado pode ser visto como um modo-de-ser, ou seja, a maneira como o ser humano se

estrutura e se realiza no mundo junto com os outros. Em outras palavras, é a maneira de ser-no-mundo e, a partir disso, de se relacionar com as demais coisas. As questões de dificuldades apontadas por Flor Azul quanto às relações interpessoais refletem sobre todo o processo educativo e formativo dos cidadãos do futuro. Há dificuldade na contextualização das disciplinas e de fazer/considerar a possibilidade de trabalhos que se insiram no contexto de outras disciplinas também referentes ao processo formativo. A questão levantada pela entrevistada repercute inclusive na relação de pertencimento dos alunos, professores e bolsistas à escola e à comunidade. Flor Azul também aponta o ambiente relacionando-o com os projetos desenvolvidos pela escola.

Sim, até sai [sic] os eventos, como saiu a pesquisa socioambiental. Foi muito legal. Aí a professora de Ciências puxou a frente, fez a frente, a gente organizou toda essa pesquisa junto à comunidade para ver o impacto da obra do túnel aqui na comunidade, né [sic], qual é o impacto ambiental, porque muitos alunos relatam a presença de animais que deveriam estar lá na floresta, estão ali nos quintais, né [sic] e aí a partir dessas falas dos alunos foi feita essa pesquisa. Foi muito interessante, foi tudo documentado com filmagem. A gente está tentando se organizar agora para montar um documentário a respeito desse trabalho. Então sai [sic] algumas coisas assim, mais [sic] também porque há o enfrentamento, vamos dizer assim, porque tu tem [sic] que provar para a pessoa por A + B o objetivo, né [sic], por mais que tu monta [sic] o projeto, porque foi tudo montado, tudo certinho com os objetivos e tudo entregue em mãos. Mais [sic] aí o que acontece, a pessoa não lê, a pessoa não se intera [sic] (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Nesse relato, Flor Azul destaca que a escola desenvolve alguns projetos integrados. Observou-se que seria necessária uma pesquisa ainda maior para compreender se é trabalho interdisciplinar. De acordo com Sato (1997), a interdisciplinaridade oferece um caminho de diálogo, em um sistema de enfrentamento que irá possibilitar análises, sínteses e por vezes rupturas e são essas rupturas que podem gerar novas sínteses, novos saberes, novos caminhos que possam agregar os fragmentos e proporcionar a reconstrução das relações dos seres humanos, e, a partir dessas relações, evidenciar a indissociabilidade existente entre a educação, o desenvolvimento e a natureza. A questão do enfrentamento, levantada pela entrevistada acima, reflete as dificuldades que professores inovadores enfrentam, no sistema educativo como um todo, para romper com uma dinâmica tradicional, conservadora. Guimarães (1998) afirma que a abordagem interdisciplinar tem por objetivo vencer a fragmentação do conhecimento, uma vez que permite trabalhar a interação equilibrada entre os seres humanos e a natureza.

Para o entrevistado Mar:

O ambiente entre os professores e os alunos? É, eu acho o ambiente aqui bom, já

passsei por várias escolas e eu gosto desse ambiente aqui. Esse ambiente é assim, entre os professores é assim um ambiente bom e com os alunos também melhorou bastante. É, uns anos atrás já era mais difícil de lidar com os alunos, agora já está mais fácil. É, eles se respeitam, o pessoal se respeita aqui. Tem escola por aí que não se respeitam tanto como aqui (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

Mar vê a questão do ambiente da escola como um valor, do respeito às relações interpessoais. Ou seja, a questão do ambiente é tomada sob o ponto de vista das relações humanas. O respeito é um valor ético indispensável à vida de todos os seres vivos, pode-se dizer que é a base das relações estabelecidas entre as pessoas, entre as pessoas e demais seres, e entre as pessoas com a natureza. Além disso, o respeito é um elemento indispensável para a relação de cuidado que os seres precisam estabelecer com os demais. Nesse aspecto, Boff (2009b) salienta que o respeito requer o reconhecimento do valor de cada ser por si mesmo, isso pelo simples fato de esse ser existir. Boff (2009a) reitera que surge nos seres o sentimento de cuidado e de responsabilidade para com estes a partir do momento em que se compreende os seres como um valor intrínseco. Somente desse modo se pode viver bem.

Samambaia, assim como os entrevistados Flor Azul e Laranjeira, estabelece o ambiente das relações interpessoais, mas faz um comentário importante ao considerar os graves problemas familiares que dificultam uma ação mais efetiva da escola, pois na concepção dessa professora a comunidade possui poucos membros que participam efetivamente para ocorrerem mudanças mais concretas:

Olha, o nosso ambiente aqui é bom, tá [sic], não vou assim que não é um ambiente [sic] tem colegas de trabalho maravilhosos, são excelentes profissionais, temos assim uma clientela de alunos um pouco assim, mista, é, não vou te dizer assim que são todos bons porque assim às vezes não tem um bom acompanhamento dos pais, da família, sérios problemas assim familiares [sic] que a gente vê que é onde há dificuldade de fazer alguma coisa, de mudar alguma coisa, é que a gente não tem o apoio muitas vezes da família. Então deixam muito para a escola, então é isso que eu sinto assim na nossa comunidade, que tem alguns que participam, mais [sic] assim, ó, é poucos [sic] (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

No entanto, Violeta evidencia o ambiente como problema, conforme já relatado por Copo-de-Leite.

Eu, como moro na comunidade Fábio Silva, eu vejo que é uma comunidade que tem os seus problemas sociais. A escola, ela [sic] é envolvida com esses alunos [sic], da comunidade, que aqui dentro a gente não tem problema de violência entre os alunos, a gente sabe que eles vêm de uma família que tem, uma família, alguns estruturada e outros não, mais [sic] graças a Deus dentro da escola a gente consegue lidar muito bem a questão do comportamento e disciplina deles (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Para Sauvé (2005), o ambiente visto como um problema requer uma preven o e também resolu o desses problemas de modo que os indivíduos que vivem nesse local sejam estimulados a desenvolver o sentimento de poder ajudar, de poder agir em prol da comunidade onde estão inseridos.

Observou-se, então, que o ambiente, salvo algumas exce es,  , em sua maioria, abordado a partir da concep o das rela es cotidianas. De acordo com Merleau-Ponty (2011, p. 322, grifo do autor), “a percep o existe sempre no modo do ‘Se’. Ela não   um ato pessoal pelo qual eu mesmo daria um sentido novo   minha vida”. Assim, pode-se dizer que a percep o de ambiente da maioria dos entrevistados   pautada no modo do “Se” que cada um estabelece com o ambiente onde se encontra inserido.

Para finalizar o **Bloco A**, foi proposto que os participantes da pesquisa descrevessem a comunidade onde a escola está inserida. O dicionário Aurélio (2014, s/p) define comunidade como sendo a “qualidade daquilo que   comum; agremia o, comuna, sociedade, identidade, paridade, conformidade e lugar onde vivem indivíduos agremiados”. Carvalho (2002) lembra que uma defini o de comunidade não deve ficar restrita apenas ao seu local físico, pois   de suma importância considerar as rela es psicossociais existentes, as questões políticas e econ micas e os ideais e valores presentes na localidade. Assim, pode-se dizer que a comunidade não   apenas uma agremia o de pessoas, mas sim está associada a vários elementos sociais, econ micos, políticos,  ticos, est ticos que a compõem.

A entrevistada Golfinho relata que mudanças ocorreram, e ainda ocorrem, na comunidade, que era muito calma, e ainda há alguns locais da comunidade que se mant m assim. Contudo, há problemas de ordem social, como a questão das drogas por exemplo.

 , mudou muito [sic]. Olha, de primeiro era muito calmo, hoje está muito [...] Porque hoje tem droga, tem muita coisa, entendeu? E assim,  , desde quatorze anos que eu estou aqui, morando aqui com meu marido, mais [sic] eu vejo assim que está caindo muita gente na droga. Que de primeiro era tudo calmo, tu não via [sic] nada, mais [sic] hoje tu v  [sic], tu pode v  [sic] criança de menor [sic] que está caindo, matando. Mais pra [sic] fora [sic]. Aqui já acalmou mais, já teve isso, mais [sic] hoje está bem calmo graças a Deus. Porque a gente não v  [sic], mais na comunidade [sic], eles tão [sic] mais calmo. Sim [sic], tem polícia, trabalha [sic], hoje tem mais, bastante polícia pra [sic] trabalhar em geral [sic] e daqui pra [sic] frente vamos ver o que vai dar [sic]. Aqui   um lugar calmo, não vou dizer que não  . Ele   calmo, não vou dizer que não tem droga, tem, todos os lugares têm, mais [sic] aqui onde eu moro   bem calmo, bem calmo mesmo. E bem, eu não vou dizer mal, ruim porque não  , l  na minha rua   bem calmo (Golfinho, mãe, membro da diretoria da APP).

Copo-de-Leite aponta a comunidade como pouco participativa na escola:

A comunidade   muito pouco participante, principalmente na área de lazer, de

incentivo. É, a gente viu pela festa junina que os professores fizeram aqui, e todo ano eles faziam só para os alunos, esse ano eles abriram ao público, abriram para a família e assim não foi com êxito. Foi com pouca, pouca atenção de pais, os alunos é que vieram porque tinham que apresentar. Então eu acho a comunidade falta, muita [...] deixa muito a desejar com a própria escola, com ajuda, com interesse. Têm quantos pais que não sabem o que é vir numa escola falar com um professor, que não sabe vir pegar um boletim ou se o filho está bem ou se o filho está mal. Eu acho que a comunidade em si, está faltando incentivo com a comunidade. Sim, sim, desde a hora que a escola abre o portão para os nossos filhos eu acho que a nossa, a escola dos nossos filhos é a nossa segunda, é a segunda família deles. Eu sempre digo, é tentar ser comunicativo com teus amigos, com os professores porque é aonde [sic] a gente deposita os nossos filhos, deixa os nossos filhos a maioria das vezes. Tem como as creches, eu acho que tem mãe que deposita o filho, deixa o filho na creche como depósito, não como aluno. Eu acho assim, a escola é feita pra [sic] ensinar, não pra [sic] educar. Educar a gente se educa em casa (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Com relação à participação da comunidade na escola, Paro (1992) diz que se faz necessário levar em consideração o modo de pensar e agir das pessoas que atuam facilitando e incentivando ou dificultando ou impedindo a participação dos usuários. Para tanto, deve-se considerar a visão da escola a respeito da comunidade e a sua postura diante da participação popular. Além disso, Copo-de-Leite também evidencia que a escola deve ensinar, educar é algo que vem de casa. Braga, Pereira e Guimarães (2012, grifo dos autores) referem que o aluno “educado” pela pedagogia tradicional será submisso a um sistema, não terá a sua criticidade aguçada. Porém, não se busca esse cidadão acrítico, muito pelo contrário, deseja-se uma escola que dê subsídios para a formação crítica e atuante do sujeito. Nesse contexto, Freire (1996, p. 37) lembra que “educar é substantivamente formar”. E complementa mencionando que, respeitando a natureza humana, o ato de ensinar os conteúdos não pode ser afastado da formação moral dos educandos (1996). O ato de ensinar “[...] não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 52). Assim, educar é formar o ser humano de caráter, crítico, responsável; e o ato de ensinar está intimamente ligado ao educar, uma vez que para ensinar, na perspectiva Freireana, é necessário levar em consideração a curiosidade, as inquietações dos alunos de modo que o educador auxilie na formação de um sujeito crítico e atuante na sociedade.

Floresta também ressalta o papel formativo da família:

É, é eu acho assim, eu, até o problema maior eu acho que depende de cada família [sic]. Porque depende de como se cria o filho. O que eu digo assim: ‘ah, tem um rapaz já, criança, geração está nessas drogas, nessa vida que tem, que hoje existe bastante [sic], no meu tempo nem existia isso [sic], era uma beleza. Hoje, meu Deus!’ Então eu digo assim: ‘eu acho que vai é da família, se é na família é mais ali, ó, se conversasse mais com os filhos, os pais e mães chegassem mais, conversassem mais, explicassem mais [sic], eu acho que não existiria tanta violência como existe

hoje.' [...] (Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

Laranjeira menciona fatores existentes na comunidade já levantados por Golfinho, como as questões de ordem social envolvendo drogas. No entanto, Laranjeira diz que a comunidade vem melhorando e que essa melhora decorre da intensificação da segurança pública.

A comunidade aqui do Fábio Silva, logo quando eu cheguei aqui, era muito complicado devido a essas contas de droga [sic]. Mais [sic] agora é bem calmo. Melhorou, melhorou, eu posso praticamente, eu posso dizer assim que melhorou uns 60%. Porque a nossa, como é que eu posso dizer, o policiamento ultimamente tem melhorado em Tubarão, porque antes eu não via muitos policiais, mais [sic] agora eles sempre ficam na viatura fazendo a [...] Dando as voltas deles que por lei é obrigação deles, então devido a isso, melhorou bastante. Não tinha tanta segurança, mais [sic] hoje a gente já tem. Melhorou bastante (Laranjeira, mãe, não membro da diretoria da APP).

Na cidade de Tubarão, com base no relato de alguns moradores, houve um ligeiro aumento no reforço policial com a Guarda Municipal auxiliando a Polícia Militar nas rondas efetuadas em alguns bairros.

Floresta reforça a questão dos entorpecentes na comunidade, além de apontá-la como uma comunidade violenta. Eis seu comentário a respeito do bairro:

É, ele não, ele já foi, pelo meu tempo que eu morava aqui ele não é mais o mesmo. Porque até onde eu morava tinha duas, três casinhas, hoje está cheio de casas e a maioria das pessoas eu nem conheço. Eu não conheço e mudou muito, antes tu andava [sic] tranquilo, agora hoje não. Hoje tu não anda [sic] mais de noite sozinho, eu não ando. Medo é, existe a coisa ruim, as pessoas ruins. É, hoje eu vou dizer, as drogas é [sic] tudo, essas coisas envolvem tudo. Então uma mulher sozinha, eu, como eu, no meu caso, eu não ando sozinha mais, já andei, andava muito de bicicleta para cima e para baixo, para o serviço, mais [sic] agora eu não ando mais sozinha assim de noite, principalmente de noite não ando. Até de dia eu ando, de dia é tranquilo, mais [sic] passou já pra [sic] noite pra [sic] mim, eu, já pra [sic] mim não ando, tenho receio. [...] agora pra [sic] mim ele é. Violento, pra [sic] mim ele é. Até não chega bem aqui, mais ali onde se chama subida da caixa d'água, aquilo ali, não sei se tu já passou [sic] de ônibus ou de carro, na volta do circular, aquilo ali eu não ando a pé nem que me pique. Aquilo ali só tem coisa ruim ali. Tu passa [sic] ali, eu passo ali de carro de noite, de carro passo, mais [sic] quando tu olha [sic] assim dá até medo. Só tem coisa ruim naqueles barzinhos ali. Aquilo ali mesmo na volta do Morrotes, ali na ponte, ali mesmo que é perigoso. É o que eu acho que deveria fazer o prefeito [sic], olhar mais [sic], olhar mais essas pessoas aí, ó [sic] que ando [sic] aí, [sic], botar mais policiamento na rua. Tem, [sic], mais [sic] é pouco, mais [sic] tem, tem mais os bandidos do que a polícia então a polícia fica pequena e eles ficam grandes (Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

Violeta também aponta os problemas com entorpecentes já abordados por outros participantes da pesquisa.

Eu vejo a questão do problema da droga. É nesse problema que eu vejo e aí o que afeta a família [sic]. Muitas vezes os pais, existe a separação [sic], muitas vezes o envolvimento de pais, avós dentro da droga e que no caso que vai dar consequência para o aluno [sic]. Vai refletir. E agora a questão de aumentar, eu vejo que está, que está crescendo pelo pouco que eu converso com as pessoas que estão aqui há mais tempo, ela cresceu, está crescendo a questão de problemas sociais (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Flor Azul relata que a comunidade tem seus problemas, mas, no entendimento dela, esses problemas não possuem a dimensão dada à comunidade e seu entorno. E salienta que é uma comunidade muito boa e tranquila de se trabalhar. Flor Azul ressalta a participação dos pais na escola:

Olha, eu considero essa comunidade aqui uma comunidade espetacular, que, assim, ela foge daquilo, daquela fama que se tem como uma comunidade de risco, não que não tenha, a gente sabe que têm os focos aqui [sic], de tráfico, de prostituição infelizmente tem, que já está envolvendo muita criança, que é outra coisa gravíssima assim que a gente está vendo, está sabendo dessa situação e estamos de braços cruzados [sic], só que, independente disso, eu acho assim uma escola que é tranquila de trabalhar. Quando tu chama [sic] os pais na escola, eles vêm, eles são presentes embora muita gente diga que esses pais só aparecem aqui para reclamar, mais [sic] eu acho que eles tão [sic] no direito, quando eles precisam, eles têm que vim [sic] mesmo [sic]. Mais [sic] eu acho eles muito presentes. É, eu tenho uma boa receptividade quando eu saio às ruas, acho interessante que tem gente que fala comigo que às vezes eu nem sei quem é, mais [sic] eles [...] (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

A fala de Flor Azul (professora) contradiz o que foi dito por Copo-de-Leite (mãe), pois a mãe afirma que a comunidade é pouco participativa e a professora a concebe como participativa. Talvez o fato se dê por serem concepções de uma pessoa da comunidade e de outra de fora. Logo, percepções diferentes e percebidas em momentos diferentes. Como explica Merleau-Ponty (2012, p. 224), “percebo comportamentos imersos no mesmo mundo que eu, porque o mundo que percebo arrasta ainda consigo minha corporeidade, porque minha percepção é impacto do mundo sobre mim e influência de meus gestos sobre ele [...]”. Assim, a percepção de cada entrevistada está relacionada com o impacto que tal comunidade causa em cada uma delas. Flor Azul salienta em sua fala:

E, aí eu fico espantada porque têm professores aqui com mais tempo que eu na comunidade e os pais não sabem quem são. Tem gente com quatorze, quinze anos ou mais aqui, e que os pais não sabem quem são, que não conhecem. E que Deus o livre, como eu propus no início desse ano da gente saísse [sic] um dia para conhecer o bairro. Porque a gente chega aqui, dá aula e vai embora, chega aqui, dá aula e vai embora e nós, professores, vamos dar uma caminhada por aqui para ver, porque a gente já fez essa experiência em outra escola e como foi interessante [...] e lá ainda é morro e lugares, só que o diretor contratou um ônibus e a gente foi por aqueles morros tudo [sic]. Então! E a alegria daquele povo, então assim a alegria daqueles pais que estão lá no meio da roça, que estavam lá cuidando do seu fumo, do seu

feijão, do milho, quando eles viram aquele bando de professores, eles, assim, meu Deus, já queriam oferecer isso, oferecer aquilo, a gente: ‘Não, basta só uma laranja, chupar uma laranja e tal’, mais [sic] aquilo foi fantástico, e aí assim eu propus aqui que vamos, e aí: ‘É, se alguém der um tiro aí, e se de repente começar um tiroteio e nós aí no meio, não, não nem pensar.’ E já começam tudo [sic] a botar [sic] e não é, eu já fiz pequenas saídas com as minhas turmas assim, ó, de dar uma observada para ver como está o túnel, ver algumas coisas, ver como são algumas casas para trabalhar um pouco o espaço [sic], tranquilo, gente, não tem essa coisa de [sic]. Então, assim, há uma visão como se aqui, em qualquer lugar que tu fosse [sic], qualquer passo que tu fosse [sic] dar, alguém vai te dar um tiro e não é assim. Não tem, até agora pelo menos eu nunca sofri nada, nunca vi nada de mais grave [sic]. Não vou te dizer que a polícia teve [sic] aqui para pegar uma menina, mais [sic] era de outra comunidade que veio estudar aqui, ela estava também com uma arma, os policiais levaram e houve ano passado um atentado, mais [sic] assim aconteceu um atentado na frente da escola porque na fuga [sic], o lugar mais próximo que as gangues se [sic] acharam foi aqui, que deu ali um tiroteio, mais [sic] foi a única vez, estou aqui há quatro anos, são dois episódios. Porque se fosse uma coisa de toda semana, toda hora, todo momento tem uma coisa assim, mais [sic] não tem, não tem isso aqui, é, então se eles tão [sic] bem intocados [sic], o pessoal do tráfico. Mais [sic] de maneira geral gosto muito da comunidade [...] (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Nessa fala, Flor Azul destaca uma alternativa para aproximar a escola da comunidade e, conseqüentemente, a comunidade da escola, através de visitas dos professores aos membros da comunidade, a fim de conhecer a realidade local e também interagir com os pais e vizinhos dos alunos. Um aspecto importante é quando ressalta o distanciamento da escola em relação à comunidade.

[...] acho uma comunidade muito receptiva, muito participativa e que eles sentem sim e que ano passado a gente fez também uma pesquisa através do pessoal do PIBID, uma pesquisa socioeconômica. Então eles colocam muito isso, eles sentem a escola muito distante da comunidade (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Mar, em suas colocações, contradiz outros pais, porém menciona uma questão interessante ao relatar que na comunidade não há áreas de lazer.

A comunidade pra [sic] mim é boa, não, tem seus problemas, mais [sic] é normal de uma comunidade, só que assim, os órgãos públicos poderiam investir mais no social aqui, eles não investem nada. No lado social poderia ter praças para as crianças brincarem, quadras esportivas e mais atendimento social (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

Marques (2014) pontua que a relação existente entre a questão da educação e do lazer aparenta não gerar qualquer inquietude, contudo Requiça (1980 apud MARQUES, 2014, s/p) “defende que nada seria mais adequado que considerar a importância do aproveitamento das ocupações de lazer como instrumentos auxiliares da educação”. Assim, o ser que se

envolve com atividades de lazer promove um desenvolvimento individual e social que são condições imprescindíveis para garantir bem-estar e também para participar de maneira mais ativa em atender necessidades individuais, familiares, culturais e comunitárias (MARQUES, 2014). Nesse sentido, a escola poderia ser um caminho na busca junto ao poder público para a criação de locais de lazer na comunidade, aliando os saberes escolares em prol da comunidade.

Samambaia, assim como Flor Azul, diz que a comunidade é boa, tem seu lado negativo, mas, de modo geral, é uma boa comunidade e com pessoas muito boas também. Samambaia complementa: “É uma comunidade que, como te falei, tanto dos alunos quanto da comunidade é mista. Tem aquele bom e tem aquele que não, não participa em nada, não tem interesse. Então é bem misturadinho assim.” Samambaia reforça que existem pessoas da comunidade que participam e outras não, como já apontado por outros entrevistados. Ela ressalta a participação da comunidade na pesquisa que a escola desenvolveu para saber sobre o aparecimento de animais e o impacto da construção do túnel do Morro do Formigão. Tal pesquisa já tinha sido comentada por Copo-de-Leite e por Flor Azul.

Nós temos muitas pessoas boas aqui e aí por isso que a gente quer resgatar [sic], às vezes [...] a gente foi fazer uma entrevista agora semana passada com o meio ambiente, com a questão ambiental, eu saí com os alunos e, e eles viram quantas pessoas que davam ótimos conselhos assim para eles [sic], da questão ambiental, mais [sic] assim, o que a gente vê é que têm outros que já não se importam [sic], então é bem dividido assim (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Pode-se perceber que houve dificuldades, aos entrevistados, em conceituar e descrever o ambiente do entorno da escola e a própria comunidade. Talvez essa dificuldade se dê em função, como referido por Carvalho (2002), de o homem volver seu olhar para o passado e refletir sobre as mais diversas marcas deixadas em sua passagem no planeta. Talvez os participantes da pesquisa refletiram sobre tudo aquilo que a comunidade já viveu e ainda vivencia, e esse seja o motivo pelo qual houve dificuldades em estabelecer os conceitos. Além disso, Carvalho (2002) ressalta que a partir das reflexões acerca das marcas deixadas pelo ser humano no planeta, o indivíduo volta a se questionar sobre a importância da vida comunitária e do espírito de solidariedade, sendo que esses elementos são a possibilidade de saída para as diferentes crises provocadas pelo ser humano, como a questão da perda de valores.

Em virtude de tudo o que foi apontado pelos participantes da pesquisa, caminhou-se, neste primeiro bloco, com o pensamento de Carvalho (2002), que afirma que considerar uma comunidade real é repensá-la não somente como um lugar lindo, tranquilo, cooperativo e

onde todos vivem bem, mas vê-la pelo lado contrário, um lugar onde ocorrem diversos processos, os quais promovem tensões contínuas acompanhadas de constantes desequilíbrios. Acredita-se que a comunidade Fábio Silva enquadra-se perfeitamente nesse contexto.

O **Bloco B** estabelece a relação escola-comunidade, a contribuição da escola para a formação de sujeitos atuantes e comprometidos com a sociedade, o papel da escola, a participação dos pais e a contribuição destes para a formação de sujeitos atuantes e comprometidos com a sociedade. E, para finalizar o bloco, trata-se da integração da escola com a comunidade.

Sobre a relação escola-comunidade, Golfinho lembra que “[...]. O pessoal é mais retirado, é um povo [...]”. Golfinho apresentou dificuldades para falar a respeito da relação escola-comunidade, dizendo que poucas pessoas da comunidade participam na escola. Acrescenta que as pessoas que auxiliam não são sempre as mesmas: “[...] muda, muda um pouco porque daí é [sic] muitas pessoas que mudam, que vêm de fora, às vezes aqui da comunidade, mais [sic] é pouco, mais [sic] é bem pouco. Podiam, mais [sic] eles não ajudam” (Golfinho, mãe, membro da diretoria da APP). Também fica evidente na fala de Golfinho que as pessoas da comunidade poderiam ajudar mais a escola, porém em seu olhar essa ajuda não é muito eficaz, e frisa que a escola sempre avisa de suas atividades culturais: “Porque eles mandam bilhetinho [sic], e aí ela vai passando [sic], assim como, por exemplo, quando tem festa junina avisa para gente e explica que tem festa junina para todo mundo, daí ela convida, aí o pessoal às vezes vem. É, às vezes [sic]. Como se diz [...]”. A fala de Golfinho reforça o que alguns participantes da pesquisa já evidenciaram no bloco anterior, que a participação da comunidade é pouco expressiva.

Copo-de-leite, assim como Golfinho, enfatiza a pouca participação dos pais na escola e também destaca: “A escola, ela [sic] hoje, ela, é, tem muita coisa assim que o próprio governo, o próprio Estado, o próprio Brasil, não deixa a escola tomar iniciativa. [...]” Copo-de-leite continua dizendo que “para criticar tem um monte, agora para ajudar é pouco. De bom, pra [sic] mim é pouco”. Com essa fala, fica bem evidente o que já foi dito por Golfinho a respeito da participação dos pais na escola. Vale salientar que parece ser necessário sensibilizar a comunidade para uma participação mais efetiva na escola. Carvalho (2002) ressalta que mesmo parecendo que a sensibilização de autoridades, tanto do Estado quanto do município, para um problema da comunidade seja bem mais complexa que a mobilização da população para tentar resolvê-lo, isso não ocorre, uma vez que ambos os processos são igualmente difíceis, exigindo muita determinação e persistência. Assim, é preciso que pessoas que sejam líderes comunitários e da própria escola se esforcem para aproximar a comunidade

da escola e a escola da comunidade.

Mais uma vez, a fala de Copo-de-leite comprova a pouca participação da comunidade na escola:

Então eu acho assim bom, bom é que eles vão fazer uma reunião, vamos, vamos fazer um mutirão para limpeza, tudo a escola depende do governo, tudo a escola depende de pedir lá fora tudo isso. Então eu acho que poucos pais, tu vem [sic] uma festa junina [...] de Dia das Mães, tem, vamos supor, quatrocentos alunos, se vier [sic] vinte, trinta mães é muito. Falta de interesse (Copo-de-leite, mãe, membro da diretoria da APP).

O comentário de Copo-de-leite mostra que a comunidade impõe barreiras para não participar das atividades da escola, além disso evidencia que a própria comunidade se sente excluída em função dos comentários feitos a respeito da mesma nos meios de comunicação.

[...] Então a comunidade em si não se une. É difícil, é difícil de achar alguma coisa porque assim, ó, é a mesma coisa que tu batê [sic] numa ferida que ela está em aberto e tu toda vida ficá [sic] batendo. Ela vai ficar toda vida com cicatriz, a comunidade está assim, ele está desacreditado (Copo-de-leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Pela fala de Copo-de-leite percebe-se que a comunidade tem uma baixa autoestima. Carvalho (2002, p. 146) cita a “Educação não só como uma força motriz do crescimento econômico, mas também, e principalmente, como instrumento essencial à elevação dos níveis de vida”. Em virtude disto, acredita-se que o processo educativo realizado pela escola poderia ser um elemento para aumentar a autoestima da comunidade, de modo que as pessoas que ali residem se tornassem mais participativas.

Sempre foi assim. Sempre. Sim. Sim, porque daí era o outro filho que estudava aqui. É, daí sempre foi assim, sempre, sempre foi a comunidade de um lado e a escola de outro [...]. Eu acho assim que tu não pode forçar nada. Isso vem da tua pessoa [...], eu tiro por lá, pela minha casa, porque o meu marido pouco participa também. Eu é que estou mais ativa, é, é, tu pode vê [sic] uma, um grupo, uma festa, uma coisa mais, se tu faz [sic] um café colonial a maioria é só as mulheres, quando vêm, e ainda porque pagou, porque se for de graça eles até negam. Então eu acho assim a comunidade, ela [sic] em si, em si, é [sic] nós da comunidade que temos que incentivar mais o colégio, não o colégio incentivar nós [sic]. Porque geralmente eu acho que é por causa dessas coisas que aconteceram agora, pelo fato de que eles não incentivam. É, olha aqui tem uma creche da prefeitura. E a nossa escola aqui. A diretora da creche fez a festa junina no mesmo dia que a nossa. Então já rebate tudo isso, já rebate porque se tu tem [sic] um filho de dois anos e tu tem [sic] uma filha de doze, tu não vai [sic] deixar de ver o teu filho de dois pra [sic] vim [sic] ver a de doze. ‘Ah, essa já passou bastante, essa eu já vi bastante, vou ver aquele pequeninho.’ E foi o que aconteceu na nossa festa junina aqui. Faltou interesse, entrosamento. Desde aí já começa. Aqui já tinha marcado [...]. Mais [sic] isso não vem ao caso, porque se o pai tem vontade, via lá e vinha pra [sic] cá. Que teve muitos pais que fez [sic] isso, mais [sic] falta. Ela não fazia a festa junina já por esse

motivo, ela fazia só fechado para os alunos. E eu acho que é o mais justo. Ela se incomodou, correu atrás e não deu o lucro esperado. Olha, de todos os pais, de todos, eu era a única mãe que estava ajudando dentro da barraca (Copo-de-leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Novamente fica evidente na fala de Copo-de-leite a falta de participação da comunidade na escola. Nessa perspectiva, faz-se necessário o que propõe Carvalho (2002, p. 147), “[...] que o educador não traz algo novo ou estranho para a comunidade, denominado Educação, seja ela educação ambiental ou não”. O professor deve, antes de tudo, buscar perceber, entender e aprender como a comunidade se desenvolve, para posteriormente poder desenvolver e aplicar projetos que se encaixem na realidade na qual a escola encontra-se inserida, sendo que todos esses projetos precisam ser elaborados em parceria com a comunidade. Além disso, todo educador tem que ter em mente que é um aprendiz, devendo buscar ver, ouvir e acolher a realidade da comunidade antes de realizar qualquer trabalho. Se o educador pretende alcançar tais metas, é necessário se envolver com a comunidade, saindo do anonimato pedagógico e passando a se incluir na dinâmica relacional da localidade (CARVALHO, 2002).

Nora e Silva (2013) afirmam que quando a comunidade abraça a escola, a escola se torna um ponto de orientação e tudo pode ser tratado de maneira coletiva, devem ser discutidos os problemas da comunidade e da cidade como um processo formativo, além de envolver professores e alunos, também os pais e, em consequência, toda a comunidade, ampliando o debate, provocando, de certa maneira, a tomada de consciência e, posteriormente, mudanças de atitudes.

Laranjeira também salienta a falta de participação da comunidade na escola, como Copo-de-Leite já havia enfatizado.

Olha só, a escola e a comunidade, a escola é bem prestativa aos pais, tá [sic], agora pais e comunidade, os pais deixam a desejar. Por exemplo, aqui nós temos crianças que dão trabalho em querer matar aula, a escola entra em contato com os pais, certo? Às vezes, raramente os pais vêm na escola para saber o fato. Daí a escola entra em contato com o Conselho Tutelar, que eu acho muito importante isso para a comunidade. De negativo, é como eu te disse, é a falta de comparecimento dos pais para com a escola. Ah, a maioria das vezes, corrigindo o meu erro, a maioria das vezes é porque setenta por cento dos pais trabalham [sic] mas outros não. Com certeza a situação do meu filho na escola, com certeza o meu filho, família em primeiro lugar essa é a minha visão. Essa é a desculpa que a gente dá, o trabalho [sic]. Mais [sic] quando se fala na educação do filho, o filho é em primeiro lugar. Priorizam o trabalho. Esquecem os filhos aonde [sic] a gente vê que por conta desse esquecimento dos pais é onde [sic] muitos filhos se revoltam. Essa é a minha visão. Olha, na rua onde eu moro, eu vejo assim, são poucos os pais que têm lá, poucas pessoas que têm filhos, certo? Mais [sic] os poucos que têm, eles deixam assim o trabalho em primeiro lugar e eles se esquecem de dar atenção aos filhos, de uma conversa. Porque todo filho quer a presença dos pais, é esse lado aí que eu vejo que

os pais deixam a desejar é aonde [sic] leva à revolta dos filhos, à falta de atenção. Aí eles vão procurar algo que lhes chamem atenção. Contribuí, eu acho que contribuí sim (Laranjeira, mãe, não membro da diretoria da APP).

Laranjeira menciona que a escola integra a comunidade, mas a comunidade não tem uma participação significativa, além de dar uma possível explicação das razões que levam a esse problema, que seria a questão do trabalho. E complementa: “A escola não é um, um meio de educar, mais [sic] é o primeiro passo para um futuro bem profissional pra [sic] os alunos [sic], é o começo aqui, é o começo da profissão como se aprende”. Percebe-se que Laranjeira, assim como Copo-de-leite, não vê a escola como um meio para educar. Copo-de-leite aponta a escola como um meio que ensina, já Laranjeira, concebe a escola como um meio para a profissionalização do estudante.

Para aproximar a comunidade da escola, Laranjeira faz sugestões: “Em reuniões, né [sic], poderíamos escola-comunidade em reuniões e entrar em debate com seus propósitos para o bairro, seus propósitos para a escola e tudo vai de contato [sic], diálogo”. Quanto à participação dos pais nas atividades da escola em eventos, ela relata:

[...] Quando é tema de atividade evento os pais são bem presentes, eu vejo como mãe de aluno e também vejo como fui funcionária da escola [sic]. Eles participam, eles participam, eles só vêm para escutar. Eles não participam assim como comunidade-escola, escola-comunidade, pais-escola, escola-pais. Eles participam, só, como eu posso dizer, como calouros, podemos dizer assim, não é bem a palavra-chave mais [...] Tem, nesse último evento que houve na escola foi com a comunidade. Através de convites [sic]. Bilhetinhos, é. É, tudo que é feito, é avisado (Laranjeira, mãe, não membro da diretoria da APP).

Laranjeira enfatiza que os pais são presentes em eventos, porém sua participação é restrita a ouvir o que está sendo discutido. Observa-se que, pela sua fala, não há debate entre os pais (membros da comunidade) e o que a escola está abordando por ocasião dos eventos e reuniões. Talvez uma sugestão para essa questão da comunidade seja a EA como articuladora de eventos/reuniões que estimulem a reflexão e participação em prol da coletividade. Pereira (2014) afirma que os saberes da comunidade precisam estar na escola, assim como os saberes da escola devem estar na comunidade, de modo que trabalhando juntos (escola e comunidade), de maneira contextualizada, sejam valorizados tanto os saberes científicos como os populares na formação do cidadão. Carvalho (2002) ressalta que para isso acontecer é necessário que os processos educativos desenvolvidos na comunidade sejam orientados no sentido de capacitar os membros da localidade a interpretar de maneira crítica os problemas ali existentes, oportunizando a busca por novas possibilidades de soluções.

Floresta, assim como Copo-de-Leite, compartilha da mesma opinião. Considera

que a comunidade e a escola são afastadas, como também relata que houve pouca participação da comunidade na festa junina promovida na escola.

Meio afastado? Eu acho! Eu acho assim que é porque já tiro pela festinha junina que fez aqui. A diretora convida pais, mães e quem quiser participar, tinha [sic] bem poucas pessoas eu achei, eu achei até que no meu tempo isso aqui, meus Deus do céu, festa junina, que coisa boa, isso aqui era assim, ó, gente, gente. Ai, o meu pai trabalhou muito aqui. Ele fazia aqueles negócios de bambu na entrada ali para a festa junina, quadrilha, então, meu Deus, a festa junina era coisa maravilhosa. Agora eu cheguei aqui foi o ano passado. Esse ano, esse ano, ano passado, esse ano [...] Ah, isso aqui é festa junina, aí a minha netinha me convidou [sic], que ela participou de quadrilha [sic] [...] Tava [sic] bom, lógico, tava [sic] bonito até, só que assim a comunidade não se chega. Uma distância não sei por que, eu até achei que era pra [sic] ter mais gente. Pela quantidade de aluno [sic], era pra [sic] ter [sic] mais gente. Mais [sic] estava boa, para mim estava, estava boa, brinquei bastante de pescaria, dançaram quadrilha, estava bom, estava bem legal, estava bem bom mesmo, gostei bastante. Eu disse: ‘Deixa para o ano, se Deus quiser, deixa para o próximo ano que daí eu quero vim [sic] de novo, que eu gostei, eu gosto dessas coisas’ [...] (Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

Floresta frisa que a diretora é uma pessoa que procura entender as situações vivenciadas pelos pais ou responsáveis pelas crianças da escola, citando um exemplo que aconteceu com ela:

[...] minha netinha não tinha uniforme assim que agora [sic] ela entrou, conversei com a diretora. ‘Não, pode vim [sic] tranquila.’ Dá um tempo [sic]. Então eu acho assim, que sabe esperar as coisas [sic], então eu acho muito bom a escola assim ela [...] Ela entende as situações das pessoas porque ela veio hoje, eu não ia ter o dinheiro já para comprar, então: ‘Não, tudo bem, então a gente espera.’ Dá um tempo. Agora já comprou, agora já está com uniforme, agora, graças a Deus. Então eu digo assim, eles entendem bem as pessoas, os pais [sic], mais [sic] também tem muita criança assim que vem porque já não vem, que assim sem uniforme, porque às vezes eu vejo criança sem uniforme, mais [sic] eu digo: ‘Tem que vir de uniforme para conhecer’ [sic] que é da escola, para conhecer. De segurança, é, [sic], é de segurança porque aquele aí estuda naquela escola ali, ó, já sabe que é o Fábio Silva, já se vê pela roupa (Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

Floresta também relata que a escola é boa: “Então, assim, é boa, eu gosto dessa escola. Essa escola aqui é uma escola muito boa, até eu digo: ‘Tu vai ficá [sic] aqui até tu terminar [sic] a oitava série, que só tem oitava, depois tem que sair, mais [sic] é bom, é bom, a escola é boa, aqui eu gosto muito.” E continua seu relato a respeito de como a comunidade fica sabendo das atividades desenvolvidas na escola:

Tem uma reunião? Sim, manda bilhete. Convitinho [sic] assim, ó, tipo tal dia vai ter reunião para os pais, então para os pais comparecer [sic], a hora, tudo ali marcadinho. Só não vem quem não quer, [sic], porque está ali, [sic]. Só vontade. É por isso que eu digo, às vezes deixa de frequentar uma escola para saber como é que está o filho dentro da sala de aula, para estar num barzinho [sic], é, isso aí faz parte

(Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

Mais uma vez é evidenciado que a escola avisa os pais das suas atividades, conforme outros relatos. Contudo, na fala de Floresta fica claro, assim como na fala de Copo-de-leite, que a participação dos pais é pequena, mas cada uma das participantes apresenta motivos diferentes. A respeito de como a comunidade pode contribuir com a escola, Floresta diz que:

Mais [sic] a minha parte, quando vem rifa, alguma coisa para as minhas netas vender [sic], eu mesma compro. Agora eu ajudo a escola, entende? Eu ajudo a escola, agora as outras pessoas aí eu não sei dizer. Não sei dizer. Como a comunidade poderia, quem sabe mais reuniões e às vezes, ‘ah, porque eu não posso. Ah, porque eu venho do serviço tal hora, quem sabe a diretora dá uma forcinha, faz isso no sábado.’ Já ajuda, que hoje geralmente a mãe trabalha e o pai trabalha. Quem sabe no sábado o pai e a mãe vinham [sic] os dois porque daí eles não trabalham. Já é duas [sic] pessoas a mais que vêm na escola [sic]. Quem sabe a professora, a diretora se esforçando também, olhando por esse lado dos pais [sic]. ‘Ah [sic], os pais não podem vir durante a semana e nós vamos ter uma reunião tal hora no sábado.’ Já fazia uma experiência para [...] (Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

De acordo com Pereira (2014), todos os membros da comunidade devem estar envolvidos e mobilizados para o bem de todos que ali vivem e convivem. Assim, os membros da comunidade precisam estar comprometidos com a escola de modo que possam auxiliar no processo educativo de seus filhos, sendo que esse comprometimento com a escola será refletido no dia a dia da comunidade.

Floresta sugere que os professores e a direção da escola façam as reuniões aos sábados como uma maneira de ter uma maior participação da comunidade, já que a maioria não participa em virtude do trabalho. Segundo a participante da pesquisa, seria uma outra opção para acentuar a participação dos pais na instituição escolar.

Currie e Coco (2002) destacam a importância da escola para a comunidade na qual ela está inserida, uma vez que a escola, muitas vezes, pode se tornar o único vínculo com o saber sistematizado para as pessoas que ali residem, sabendo que é um lugar propício para se desenvolver ações em conjunto, funcionando como um berço para trabalhos comunitários. Nesse sentido, a comunidade torna-se o local adequado para o desenvolvimento de ações em prol de melhorias e também de crescimento tanto para a comunidade quanto para a escola. Com relação à importância da escola na comunidade, Floresta afirma: “[...] imagina, é muito importante [sic], eu acho muito importante, eu, no meu ver, é muito importante porque uma escola não vive sem uma comunidade e a comunidade não vive sem escola porque os filhos estão aqui na escola”. Currie e Bassani (2002) enfatizam que a escola pertence à comunidade,

sendo que a relação existente entre a escola e a comunidade é de dependência mútua, visto que a escola não pode existir sem a comunidade de onde os alunos são oriundos e, em contrapartida, a comunidade teria vários problemas sem uma escola local.

A participante da pesquisa, Flor Azul, a respeito da relação escola-comunidade, salienta que:

[...] ela é distante, ela é distante. Parece que é proibido chegar pai, parece que é proibido chegar aluno. Sim. Há falta de visão de que comunidade e escola têm que caminhar juntos. Quando houve uma chamada, uma assembleia para mostrar o projeto da escola, dentro daquela proposta de que para ser diretor tem que ter um projeto aprovado, então, é, só que assim já começa que o plano gestor foi tirado dos professores no início do ano, professores deram um monte de ideia [...] o horário que foi chamado para a assembleia, porque tu nota [sic] por esses horários, foi chamado [sic] uma assembleia para os pais às cinco horas da tarde e aí eu te pergunto: ‘Como os pais vão vir aqui às cinco horas da tarde para uma assembleia? Me responde.’ Sem noção, as pessoas estão trabalhando. Aí, sabe, já começa por essa questão. Nesse dia, os poucos que tinham, tinha [sic] uns quatro pais que vieram [sic] [...] (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Fica confirmado nessa fala que a comunidade é distante da escola, como já foi abordado por outros participantes da pesquisa. No entanto, o episódio relatado acima denota a necessidade de a escola organizar assembleias que realmente viabilizem a participação dos pais. A entrevistada continua:

Se a comunidade tem a oportunidade de entrar, como houve aqui a festa junina, eles vêm, eles colaboram, houve a gincana, doação de prêmios, essas coisas, eles doaram, se dedicaram, os pais se envolveram, aqueles que puderam ajudar com dinheiro ajudaram. Foi bem interessante assim, eles tendo a oportunidade, eles, assim, parece assim que eles não, eles não pesam a forma ou talvez eles ainda não tenham muita clareza do que acontece em relação à gestão da escola. Muitos vêm e discutem, como eu já presenciei, pais ameaçando e tal, aí falam que vão fazer isso, vão fazer aquilo, mais [sic] depois acabam tirando o filho e vão para outra escola e não querem nem saber mais do que tem ocorrido aqui (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Ao destacar que quando é dada a oportunidade, a comunidade interage com a escola de maneira positiva, deixa clara a possibilidade de a escola trabalhar com o intuito de promover uma maior participação e integração com os pais. Observa-se que a fala de Flor Azul contradiz a de Copo-de-Leite, que reitera a pouca participação da comunidade.

Flor Azul ressalta também:

Eu acho que é essa barreira que se coloca. Com portões fechados e essa forma pouco amistosa de se receber. Eu não vejo acolhida. É isso que eu digo, se chega um pai e tu já recebe [sic] assim com cara feia, como eu já presenciei muito, porque às vezes dá um atrito entre as crianças [...] não deixa nem o pai falar, já vai puxando uma lista

de negatividade em cima da criança, já vai minando qualquer vontade que o pai tenha de vir dizer alguma coisa [...] (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

A participante reafirma acima a questão do tratamento dispensado às pessoas que se aproximam da escola. Em seu olhar, é um tratamento com aspereza, em que os aspectos negativos da criança são destacados e nenhuma qualidade é apontada. Nesse sentido, é importante ressaltar a questão do cuidado proposta por Boff, já pontuada anteriormente. A entrevistada frisa que:

Se você recepciona bem, se você tem a paciência de ouvir o pai, essas cenas não se repetem, não vão acontecer mais. Não é só chegar um pai e tu já começar [sic] a falar coisas ruins do filho, porque por pior que seja uma criança nenhum pai quer ouvir coisas ruins do filho. Então tem que aprender a colocar as coisas bem positivas da criança e depois relatar o que é possível melhorar naqueles aspectos que a criança tem, [sic], de menos ruim (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Nessa fala de Flor Azul percebe-se que a gestão da escola tem dificuldades em estabelecer diálogos com a comunidade em alguns aspectos. Carvalho (2002) lembra que a comunicação é um fator importante, pois sua função é manter a unidade e integridade do grupo social, oportunizando que as relações sociais se estabeleçam. Assim, seria interessante a escola manter uma comunicação constante com a comunidade, de modo a estabelecer laços e estreitar os já existentes entre ambas. A EA é um caminho para auxiliar a melhorar a relação escola-comunidade; no presente caso poderia ser incorporada às atividades pedagógicas desenvolvidas na escola e conseqüentemente na comunidade. Nessa direção, Carvalho (2002) salienta que a EA, quando aplicada a uma comunidade, precisa considerar os aspectos físicos, históricos, econômicos, políticos, culturais e sociais da comunidade em uma totalidade integrada. Além disso, a EA sendo um processo de aprendizagem contínua contribui aos poucos para a ampliação da consciência dos membros da comunidade a respeito dos potenciais e limites que esta pode apresentar, sendo que essa conscientização se dá principalmente a partir de reflexões feitas pelos próprios membros da comunidade acerca de seu cotidiano (CARVALHO, 2002).

Flor Azul relata um episódio que aconteceu em sua sala de aula em função de um problema gerado por um aluno. O próprio pai, ao tomar conhecimento do ocorrido, foi para a sala de aula e interveio. De acordo com a professora, ele discursou para os alunos:

[...] aí ele foi na sala e ele começou a falar com o filho e com os outros que estavam lá. Ele assim: 'Gente, vocês têm que vir pra [sic] cá para colaborar com o professor.' Daí ele fez um discurso muito legal bem a favor dos professores. Bom, mais [sic] ao

sairmos da sala eu vi que ele estava com lágrimas nos olhos. Eu disse: ‘O senhor está chorando?’ Ele disse: ‘Eu não posso ver essas coisas porque a gente educa [sic], educa o filho para vir para escola, para fazer as coisas certas e tal. E aí o cara [...] desculpa, mais [sic] é que hoje está fazendo exatamente um ano que a minha mãe faleceu.’ Daí ele começou a lembrar da mãe, e aí ele se debulhou [sic]. Aí levei para uma sala, uma aguinha, acalmei ele [sic] e tal, daí conversamos mais um pouco. Daí ele pediu desculpas pelo filho e eu disse: ‘Não, fica tranquilo. O teu menino é ótimo, hoje é que deu uma bobeira de repente, ele entrou na onda de outros e, normalmente, ele é bem sossegado. Daí acalmei ele [sic], tudo bem, saiu. Hoje eu conversei com o menino. Daí ele disse: ‘Não, professora, peço desculpas, eu sei que eu magoei muito o meu pai e eu não queria magoar o meu pai.’ Tanto o menino reconheceu que até na hora que o pai botou o pé na porta, inclusive ele assim: ‘Filho, por que tu não foi [sic] na informática?’ E ele foi muito franco: ‘Pai, eu atrapalhei muito a aula, eu fiz coisa errada.’ Ele foi de uma franqueza, nossa, eu percebi que é um pai que tem um bom contato com o filho, porque o menino não omitiu o que fez [sic]. Ele poderia jogar a culpa pra [sic] outro, para outro, não, ele foi sincero (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

No relato de Flor Azul, fica claro que a partir de uma relação estreita da professora com os pais, diversas situações podem ser resolvidas, também sobre a importância dos valores. Nesse sentido, Freire (1996) menciona que é impossível separar o ensino do conteúdo da formação ética dos alunos. Assim, pode-se dizer que o aluno teve uma postura ética ao assumir o que fez; logo, essa postura certamente está associada ao ato de educar dos pais e de ensinar da professora.

A professora reitera a importância de uma relação dialógica pautada no respeito entre professores e pais e da formação comprometida com a cidadania.

Então esse tipo de coisa, falta assim que a gente sente que não tem essa preocupação de trazer, sentar, conversar. Qualquer lugar serve, qualquer griteiro serve, qualquer [...] Oh, eu penso que temos professores bem preocupados com isso e trabalham muito bem isso [sic]. Têm professores assim que fazem um trabalho muito bom, muito maravilhoso, os próprios temas trabalhados que a gente procura como o eixo temático, que é educação e direitos humanos, então são trabalhados textos bem voltados para essa questão da formação cidadã [sic]. [...] (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Ainda em relação à escola:

[...] Teve um senhor que uma vez viu aqui esse matagal, ele deu um jeito, mandou alguém vir para limpar. Mais [sic] só que é assim, se a escola manifesta isso aos pais, porque até quando aconteceu desse senhor mandar porque teve uma primeira assembleia, acho que dava uma ação bem legal, e aí eu vi ele [sic] conversando com outra pessoa sobre essa questão, ele estava preocupado, daí eu fui: ‘O senhor está preocupado com o mato ali na frente?’ Pois é, e como isso aí fica? Nós precisamos de ajuda, eu disse, porque se esperar pela Secretaria de Desenvolvimento Regional, esperar pela Gerência de Educação é tudo muito demorado, mais [sic] quem sabe se a comunidade tivesse os pais com disposição, não mais eu vou ver isso. E quando a diretora começou a falar umas coisas lá na frente e tal aí eu pedi a palavra e aí: ‘Tem um senhor aqui que gostaria de ajudar a escola.’ Aí ele se apresentou, que a menina dele era do sétimo ano e tal, só que de fato ele conseguiu mandar alguém para vir

fazer. Só que é assim, foi feito aquilo aquela vez. Mais [sic] não há, não tem [...] aquela coisa da visão da pessoa. Se eu tenho um pai, ou tenho pais que estão se dispondo, por que já não chama esses pais para estar aqui permanentemente na escola? Por que os pais gostam, dá oportunidade, eles vêm, eles vão estar ali, eles vão estar cuidando. Mais [sic] não há interesse (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Flor Azul, em sua fala, evidencia como os membros da comunidade podem auxiliar na resolução de problemas na escola, se forem estimulados a esse tipo de ação, pois a EA, através de suas práticas, pode servir como um subsídio visando a integrar a escola e a comunidade. Carvalho (2002) alega que a EA é uma educação para a vida, uma vez que desperta a comunidade para enxergar os problemas ali existentes, promovendo uma consciência a fim de identificar mudanças e buscar desenvolver capacidades de organização, integração e de autoajuda.

Nesse relato Flor Azul apresenta sugestões para tentar integrar a escola à comunidade, de modo que a comunidade participe de atividades dentro da escola. No contexto das sugestões apresentadas por Flor Azul, a EA poderia ser incluída e considerada como um elo integrador da escola com a comunidade. Ela continua:

Bom, a começar que a escola deveria ter um projeto amplo [sic], uma escola com período integral, trazendo além dessas questões que a gente oferece através do PIBID, outras mais, nossa. A questão da informática, outras políticas que pudessem estar trazendo [sic] as mães e eu percebo que aqui também têm umas mães que elas meio que estão assim ociosas demais, que precisariam, se elas tivessem espaço na escola para vir, para contribuir ou com bordado. Até uma mãe falou para mim: ‘Não tem como? Eu sei bordar, eu sei isso, se a escola ti [...] eu viria.’ Não, nem vou tocar nesse assunto de [...] Ela, mais [sic] por quê? Porque não, já sei que é complicado aqui, já vão olhar tudo atravessado, não tem? Não vejo uma oportunidade de como escola e comunidade poderiam contribuir nesse aspecto [sic] de trazer, que essas crianças pudessem vir aqui ter mais atendimento, mais orientação (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Mais uma vez, Flor Azul reforça a importância de desenvolver atividades na escola, como, por exemplo, a parceria com o PIBID, para aproximar a comunidade da escola e, conseqüentemente, a escola da comunidade.

Além dessas que a gente oferece através do PIBID, que são poucas, porque para o PIBID é um dia para oficina de teatro, um dia de dança e geralmente quem está no teatro não está na dança. Claro, por que não mais? Se tivesse, já tinham [...] Um projeto com outras atividades, com outros momentos, olha, seria importante pra [sic] tirar [sic] essa nossa criançada aí desse [...] deste ócio, porque tem muitos que chegam aqui contando coisas que eles vejam [sic] porque estão exatamente parados [sic], estão presenciando coisas que não deveriam. Muito necessária, muito importante, muito necessário. É urgente isso, é [...] (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Novamente Flor Azul evidencia que a escola pouco envolve a comunidade em suas atividades pedagógicas.

[...] outra coisa que eu fiquei surpresa quando eu soube desse concurso de poesia. Vai ser na quarta-feira à tarde. Aí eu questionei: ‘Gente, quarta-feira à tarde? Isso não vai ser aberto para a comunidade? Não vai ser convidado os pais [sic]? Não. E aí tu questiona [sic]: ‘Como? Que concurso, que evento é esse que vai ficar aqui restrito?’ [...] assim sempre que acontece essas coisas eu preparo a minha turma assim: ‘Gente, que bom que a gente vai poder participar, vamos lá participar dessa atividade, vamos fazer isso com bastante carinho, com bastante envolvimento, não pensa em prêmio, não fiquem enfocando qual vai ser o prêmio, qual vai ser isso, qual vai ser aquilo. Isso aí é o de menos. O bacana é você poder estar expondo [sic] a sua criatividade, a oportunidade para estar lendo [sic] lá para os outros, os outros ver [sic] que você sabe escrever [sic]. Mais [sic] vai ser numa quarta-feira à tarde, qual a oportunidade, que pai vai vir aqui? Tanto que quando teve a gincana que foi à tarde tinha um evento que era um casal que deveria dançar, um casal pai de aluno. Nenhuma equipe conseguiu cumprir e ficaram: ‘Mais [sic] como?’ [...] (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Contudo, Currie e Bassani (2002) afirmam que deve ser interesse de ambas as partes, escola e comunidade, assumir um relacionamento de cooperação mútua, estreitando relações.

Já na concepção de Mar, “a relação da escola é assim, ó, eles não procuram muito a escola, os pais não procuram muito e a escola também não procura muito [...] a comunidade”. Mar continua dizendo que a escola não procura integrar a comunidade: “No meu olhar, porque eu acho não começaram porque não tem esse hábito. É um pouco, um pouco isolada”. Assim como outros participantes da pesquisa, Mar também aponta a relação escola-comunidade como isolada. Nesse aspecto, conforme afirma Carvalho (2002), faz-se necessário, através do processo educativo, ampliar a consciência, pois assim haverá mudanças relevantes tanto no âmbito interno (escola) como externo (comunidade), pois essas mudanças irão irradiar em todo o conjunto de relações desenvolvidas na escola e comunidade.

Mar aponta aspectos positivos e negativos da relação existente entre a escola e comunidade:

Um aspecto positivo é que eles respeitam a escola. Isso. É que eles podiam cobrar assim mais dos alunos [sic], eles podiam vir mais na escola saber como estão os filhos, se estão estudando, se estão fazendo as tarefas, eles podiam vir mais, conversar com os professores. É, é porque às vezes é mais quando a escola chama (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

A fala de Mar demonstra que o fator negativo da relação escola-comunidade é a pouca participação dos pais na vida escolar dos filhos, pois os pais procuram saber como os filhos estão quando são chamados pela escola. Mar ainda aponta sugestões ou possibilidades

para integrar a escola com a comunidade e vice-versa:

É, eu acho que quase noventa e cinco por cento dos que são chamados vêm. Não, tem uma contribuição educacional, cultural, esportiva também que eles gostam muito de praticar esportes também. E cultural, às vezes eles fazem passeios ecológicos, é, fazem visita a alguns lugares assim de cultura, tudo isso contribui para o enriquecimento da educação dos alunos. É. Assim tem famílias que contribuem, no geral é uns quarenta por cento mais ou menos contribuindo. É, vindo aqui, conhecendo a escola, os professores, é, vendo qual é o objetivo que os filhos querem [sic]. Não, poderia contribuir mais, é, poderia contribuir mais. É, fazendo projetos de cultura, esporte, lazer, é, de informática, cursos de informática. É aberto para comunidade alguns [sic] cursos também, né [sic], que ajudassem a contribuir para a comunidade. É. É, eu acho assim que para toda comunidade é importante [sic], melhorar cada vez mais [sic], porque o mundo de hoje está sempre mudando, querendo melhorar [sic]. É, e através de palestras, trazendo os pais mais para escola, conhecendo mais a escola. É integrar. Teve o Dia das Mães que integrou, o Dia dos Pais. É através de palestras, brincadeiras, é assim, a parte de ali [...] de coquetel, assim, é, salgadinhos, refrigerantes [...] é assim uma festa. É, não, é convite. É assim, convites impressos (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

Uma das maneiras de colocar em prática as possibilidades sugeridas por Mar é a escola conhecer melhor as culturas distintas que formam a sua comunidade. Desse modo, é possível envolver cada vez mais a comunidade na vida da escola e, por conseguinte, a escola na vida da comunidade (CURRIE; BASSANI, 2002).

Samambaia descreve a relação escola-comunidade da seguinte forma:

Olha, a relação que existe entre os dois assim é boa, eles chamam bastante, é sempre feito assim, às vezes dentro dos projetos, assim que é feito na escola, é para ter uma participação com a comunidade, em festas, em reuniões, para trazer [sic] a comunidade para estar participando [sic] e sempre se inteirando do que acontece com a escola. Eu vejo assim que tem uma relação legal, só que, como eu te falo, nem todos têm essa [...] É que está faltando assim: 'Ah, vamos tentar mudar um pouco a comunidade, vamos até os pais, se preocuparem, assim, mais [sic] a gente vê muitos problemas' (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

A relação escola-comunidade é considerada boa por Samambaia, visto que normalmente a escola integra a comunidade em alguns projetos que desenvolve durante o ano letivo, porém evidencia que a escola poderia tentar melhorar a comunidade, já que esta possui muitos problemas. Novamente, entende-se que a EA, realizando um projeto em parceria com a escola e comunidade, seria um importante elo visando à integração escola e comunidade. Nesse sentido, Carvalho (2002) diz que a EA pode incentivar a comunidade a trabalhar de modo coletivo, buscando soluções práticas a partir do próprio ambiente em que vivem.

Samambaia, em sua fala, aponta como aspecto negativo da relação escola-comunidade a pouca importância que os pais dão para a educação dos filhos:

[...] Ah, é, eles não dão muita importância para educação. A gente percebe assim, como se fosse assim, ah, que não tem importância o filho estar aqui. Às vezes vem para aprender a ler, a escrever, mais [sic] eles não têm o comprometimento. Às vezes até para alimentar, que a gente vê muitos casos [sic], e a gente sabe que é um problema social também, [sic], então é cheio de coisas que a gente não tem como estar resolvendo [sic]. A escola contribui assim, olha, eu acho que sempre está tentando ajudar, eu vejo que elas, que nós em si procuramos ver o problema, estar auxiliando [sic], muitas vezes é encaminhando aquele aluno para uma outra situação, mais [sic] assim, ó, é, ainda falta muita coisa, mais [sic] tentá [sic], tenta (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

O fato de a comunidade importar-se com a escola está muito relacionado com aspectos existentes no imaginário cultural dos municípios. De acordo com Strieder e Zimmermann (2010), é necessário considerar as representações sobre a escola presentes na cultura local, na construção histórica das comunidades/municípios. Neste contexto, Currie e Coco (2002) afirmam que é importante o estudante conhecer a escola dentro da sua comunidade. Assim, a EA, mais uma vez, poderia ser o eixo condutor desse processo, favorecendo a sensibilização da comunidade em prol da importância da educação de seus filhos e de processos integrativos entre escola e comunidade.

A fala de Samambaia tenta justificar a pouca participação da comunidade na escola, uma vez que pelo fato de a escola ser pública, a população em geral, no olhar da professora, não precisa ajudar. No entanto, Samambaia diz que a escola pode buscar reverter essa situação tentando levar algo para as famílias, contudo não sabe especificar o que seja:

Olha, a comunidade em si, assim, como é que eu vou te dizer, muito pouco, tá [sic], eles têm assim um, por exemplo, eles acham que como é uma escola pública já vem tudo. Já é tudo de graça, que tu pode [sic] ganhar tudo, e não é por aí, [sic], a gente vê que têm tantas coisas e a comunidade não colabora. Esse tipo de comunidade é assim, rifas ou alguma coisinha para ajudar a escola, muito pouco. Olha, a escola, para contribuir, eu acho que poderia levar, [sic], mais alguma coisa para a família [sic], em si, assim, que a família despertasse assim um, desse um outro olhar, um outro valor para a escola. Mais [sic] assim, agora, o quê? [sic], aí é complicado te dizer (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

A educação faz a pessoa ser o que é. Na concepção de Brandão (2007), a educação tem na vida humana um lugar mais essencial do que se imagina, isso porque as pessoas são seres inteiramente dependentes de processos culturais, ou seja, os seres humanos são e serão sempre frutos da educação que criaram e recriaram, de modo que ela os recrie continuamente. Pereira (2014) ressalta que é preciso que os professores pensem e repensem constantemente o processo educativo, a fim de que possam apreender quais as possibilidades de melhorá-lo, envolvendo as necessidades da comunidade na qual a escola encontra-se inserida e também respeitando os saberes desta.

Samambaia, assim como outros entrevistados, sugere possibilidades de interação da comunidade com a escola e da escola com a comunidade:

Olha, eu acho assim, ó, é, até então de repente participando com os próprios filhos, acompanhando eles [sic] no dia a dia, de todo o acompanhamento de tarefas, de comportamento de seu filho, como ele está fazendo durante o dia, porque às vezes, muitas vezes nem eles sabem, e aí como é que a escola vai poder fazer tudo isso, então assim é mais nesse lado assim que eu acho que a comunidade tinha, se ela pudesse participar já ajudaria muito, e também na questão até financeira, não precisava até ser só dinheiro, no caso, mais [sic] assim alguma coisa que ajudasse de outra forma, às vezes assim, aí, não, eu venho aqui para contribuir porque até eu posso estar auxiliando [sic] algum aluno, até o meu próprio filho para poder observar o que ele possa estar fazendo [sic]. Mais [sic] a gente não tem, porque eles trabalham, eles não estão, eles, então assim é muito [...] (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Segundo Samambaia, a escola procura integrar a comunidade em suas atividades quando isso é possível, e quando a integração acontece é uma atividade interessante. Além disso, ela relata uma situação de integração com os pais:

[...] nós tivemos assim foi muito legal o Dia das Mães, o Dia dos Pais foi feito assim, foi chamado eles [sic], para a família, e eles fizeram toda uma atividade que eles pudessem estar participando [sic], foi bem legal assim. Então, ela puxa, ela tenta fazer assim, claro que sempre não tem como. Quando ela pode, ela faz, eu vejo assim que ela procura [...] (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Assim como Samambaia, Violeta também considera boa a relação da escola com a comunidade:

A relação é uma relação tranquila [sic], embora as pessoas acham [sic] assim que trabalhar na escola porque ela está envolvida na comunidade com esses, com os problemas sociais que existem, que ela não tem um ambiente bom, mais [sic] o ambiente da escola é muito bom para trabalhar. Eu vejo que é tranquila na questão da relação da escola com a comunidade (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

A respeito dos pontos positivos e negativos dessa relação, Violeta diz:

[...] a comunidade não invade a escola para prejudicar tanto na estrutura física quanto na estrutura pedagógica da escola. Que essa é a parte positiva. Negativo é que a gente percebe que de vez em quando existe a polícia que passa ao redor [sic] e já houve a questão de muitos estarem envolvidos com a droga vir pedir ajuda na escola e aí nós nos sentimos um pouco intimidados com relação a isso. Eu vejo essa questão quando a polícia passa, que passa, no caso sempre passa com a sirene já acionada, a gente percebe que é algo de ruim que está acontecendo. É nesse ponto que a gente vê a parte negativa assim (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Como Violeta já havia mencionado, a comunidade tem problemas de ordem social, e o que mais a aflige na relação escola-comunidade é a questão de usuários de drogas pedirem ajuda na escola e a ação policial, que, de alguma maneira, causa certo temor. Violeta ressalta as contribuições da escola para a comunidade e da comunidade para com a escola:

[...] é fazer com que o aluno permaneça na escola [sic], onde a gente puder colocar o aluno, não, não digo de forma, de período integral, mais [sic] em período em que o aluno, ele [sic] venha para a escola de manhã e também venha no seu contraturno, sempre com outras atividades. A contribuição que a gente tem assim com a comunidade são poucos [sic], por exemplo, assim que pouco, os poucos assim que é, sempre [...] microempresários que nós temos [sic], onde nós temos as lojas, até contribuem assim, quando a gente pede uma contribuição, uma colaboração, quando nós temos algum projeto com aluno, mais [sic] pouco (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Strieder e Zimmermann (2010) lembram que a escola é uma instituição presente cada vez mais cedo na vida das pessoas, e por isso enfatizam a dimensão do desenvolvimento dos conhecimentos científicos e também da afirmação de valores. Além disso, a escola é um ambiente que oportuniza espaços de convivência. Assim, a contribuição da escola para com a comunidade, descrita por Violeta, com as atividades de contraturno, são espaços, conforme Strieder e Zimmerman (2010, p. 246), “[...] de relações humanas, de encontros e desencontros, espaço de reflexão, mas também de práticas vivenciais, capazes de fundamentar o desenvolvimento e a vivência de valores como a solidariedade, a justiça e a interdependência”. Já a contribuição da comunidade para com a escola, na fala de Violeta, é com relação à permanência do aluno na escola, participando das atividades e projetos.

Para Violeta a escola procura integrar a comunidade através dos projetos desenvolvidos durante o ano, de modo que em alguma etapa do projeto tenha a participação da família:

Olha, ajudando mais as questões assim, por exemplo, a família, a família permanecendo mais na escola, principalmente desses alunos que nós temos mais problemas de rendimento, de disciplinas, é nesse sentido que teria que estar mais junto de nós aqui, para a gente colocar, continuar na questão do comportamento, da disciplina do aluno, na questão do rendimento escolar. Esses pais teriam que estar mais junto com a escola. Com certeza. Então o que a gente faz para poder permanecer, melhorar a relação então é os [sic] nossos projetos. Que a gente, nós fizemos todos os projetos, nosso projeto de leitura, como ele teve várias etapas, várias atividades, em todas as atividades, em todas as atividades que a gente fez, a gente sempre colocou que a família estivesse junto, que sempre tivesse uma tarefa envolvendo a família pra [sic] trazer a família para a escola. Nas atividades, nas nossas atividades escolares que nós tivemos nós sempre trouxemos a família para a escola, em todas as nossas atividades. As nossas atividades, no momento do que foi da Páscoa, nós tivemos outra que foi também a nossa semana do Monteiro Lobato e a gente sempre traz, pede para que a família esteja presente, a gincana educativa, a

homenagem dos pais, a, tanto a da mãe quanto a do pai [sic], que estejam presentes para eles estarem percebendo [sic] as atividades escolares do filho (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Carvalho (2002) salienta que a própria atividade educativa é definida pela maneira de participação conquistada com a comunidade, sendo que quanto mais intensas forem as relações da escola com a comunidade, mais profundas e amplas poderão ser as atividades pedagógicas a serem realizadas.

Currie e Bassani (2002) enfatizam que é importante destacar o papel do aluno na comunidade onde vive, uma vez que o estudante cria um intercâmbio significativo de sua vivência e de sua realidade com os saberes escolares, oferecendo subsídios para o aluno redescobrir e reavaliar a realidade onde vive, assumindo responsabilidades com a comunidade onde reside. Strieder e Zimmermann (2010, p. 253) apontam que a escola tem como papel “preparar para a cidadania”, além de “preparar para viver em sociedade” e, por fim, “integrar o ser humano na sociedade” (grifo dos autores). Alves (2002) assevera que a escola tem por objetivo contribuir com o bem-estar das pessoas, bem-estar este associado com a cidadania, com o viver em sociedade, com a integração do ser humano com a comunidade.

A respeito do que foi elencado pelos participantes da pesquisa sobre a relação escola-comunidade, muitos entrevistados relatam a pouca participação da comunidade nos eventos promovidos pela escola. Dessa forma, entende-se que se pode relacionar essa pouca participação à questão da falta de relação de pertencimento das pessoas que ali vivem com a comunidade. Sauvé (2005, p. 317) diz que “  preciso reconstruir nosso sentimento de pertencer   natureza, a esse fluxo de vida que participamos” e se pode estender esse pensar   comunidade. Nesse sentido, precisa-se re(construir) o sentimento de pertencer ao local onde se vive, pois assim se pode estabelecer uma relação de mais cuidado, e a EA pode também contribuir nessa direção. Sauvé (2005, p. 317) salienta que “a educação ambiental leva-nos também a explorar os estreitos vínculos existentes entre identidade, cultura e natureza, e a tomar consciência de que, por meio da natureza, reencontramos parte de nossa própria identidade de ser vivo entre os demais seres vivos”. Por isso, faz-se necessário trabalhar em conjunto com a comunidade, pois esse trabalho coletivo pode auxiliar a aumentar o sentimento de pertencimento pelo local onde se vive. Guimarães (2006) refere que   preciso um trabalho coletivo com a comunidade, que promova uma reflexão crítica, um sentimento de pertencimento, que favoreça uma prática social de forma criativa através do exercício da cidadania. Por isso se faz necessário, conforme Freire (2013, p. 142, grifos do autor), “o papel ativo do homem *em* sua e *com* sua realidade”.

Outro fato que chamou atenção na fala dos entrevistados é que a escola avisa a comunidade de suas atividades através de bilhetes. Assim, tem-se a sensação de que a escola dialoga com a comunidade através dos bilhetes que são mandados pelos alunos avisando de alguma atividade, reunião. É preciso que a escola retome a questão do diálogo. Os bilhetes são uma forma de comunicação em uma via de mão única; logo, carecem do diálogo.

Na questão sobre a contribuição da escola para a formação de sujeitos atuantes e comprometidos na sociedade, Golfinho diz: “Não sei”. Porém Copo-de-Leite afirma que:

A educação, a educação, porque assim a minha filha é uma pessoa, é uma criança muito dispersa na escola, se tu chama [sic] um aluno lá, ela não vai prestar atenção no que ela está fazendo aqui, a tarefa, ela já quer prestar atenção lá. Eu particularmente sou chamada todas as vezes que ela faz alguma coisa de errada [sic] e eu faço questão de vir. Então eu acho que a educação deles é uma educação muito boa, tem a desejar tem, têm professoras que deixam a desejar que a gente sabe que os alunos falam em casa também, tem, mais [sic] acho que assim nossos filhos não são santos, nossos filhos têm defeitos, têm as qualidades, têm as qualidades, mais [sic] é, como a aluna X é uma menina que ela é, se tu puxar [sic], ela vai, se tu não puxar [sic], ela fica. Agora serviço comunitário tu pode [sic] mandar ela para onde for que ela está junto. Ela é prestativa nesse fato, agora de escola. E acho que a educação da escola é uma educação muito boa. Eles fazem até mais que eles não podem, porque isso também vem do governo, é uma escola que não é prefeitura, é estadual [sic], então isso também depende muito da ajuda deles (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

A fala de Copo-de-Leite remete a pensar que a educação é algo inerente à vida do ser humano. Sobre essa questão, Brandão (1995, p. 7) considera que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Freire (2013) salienta que a educação deve ser um ato corajoso, propondo aos alunos reflexão sobre si mesmo, seu tempo, suas responsabilidades e sobre o seu papel nas transições que ocorrem. Assim, os processos educativos devem levar os seres humanos a refletirem sobre todas as suas dimensões: sobre si mesmo, ambiente, comunidade, escola, para que possam viver de maneira melhor, o que pode estar ligado ao sujeito ecológico proposto por Carvalho (2012), em que o indivíduo procura ser e viver de modo ideal, sendo orientado por princípios do ideário ecológico. Para tanto, é preciso compreender os valores e as crenças que constituem o sujeito ecológico, sendo que os valores e as crenças são centrais, visto que funcionam como um eixo orientador para a vida.

Laranjeira acentua que a escola contribui com a formação de sujeitos atuantes e

comprometidos com a sociedade, por meio de conselhos aos alunos:

Faz sim, sim, eu vejo esse lado, por exemplo, quando não se tem aula a escola sempre inventa um trabalho para aquela criança que o pai está trabalhando fazer na escola mesmo, quer dizer a criança só sai no horário da saída porque a escola encontrou um meio de ocupar a criança naquela tarefa. Faz bem o seu papel de formar uma pessoa, e também contando os conselhos. Apesar de não termos orientador, a direção aqui da escola, elas [sic] são muito conselheiras para com os alunos. Os conselhos que eles sempre [sic], eles, nisso aí a escola está de parabéns (Laranjeira, mãe, não membro da diretoria da APP).

A fala da entrevistada evidencia que na escola há um esforço, ou parte, para um diálogo, fator muito importante para o processo educativo. Na concepção de Freire (2014), não é o silêncio que faz o homem, o homem é feito pela palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Assim, o diálogo é o encontro dos homens, mediados pelo mundo, pelo local onde vivem, para lê-lo, não esgotando a relação eu-tu.

De acordo com o relato de Floresta, a escola faz a parte dela, ou seja, ensina, porém em sua opinião aprende quem quer:

[...] ela ajuda no ponto que ela pode [sic], que eu acho que a escola só passa as coisas boas para o aluno, que a escola não ensina nada de ruim para o aluno, eu ao menos lembro que eu aprendi isso. Aqui dentro eles só me ensinaram as coisas boas, então eu vejo nesse ponto aí. É, mais [sic] aí a questão é cada cabeça, seu guia. [...] Aprende quem quer e quem não quer não aprende. É bem isso aí mesmo, a gente tem que sê [sic] bem honesta, é isso aí que está acontecendo, é isso aí. É o que tem, têm jogos, elas vêm jogar, elas vão para o cinema. O que ela aprende aqui não tem, a tarefa, o que passa assim tudo coisa que eu vejo que é coisa importante para eles aprenderem no dia a dia. Aí eu digo: ‘Na escola, dentro da sala de aula não pode tá [sic] conversando’ (Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

A respeito de ensinar, Alves (2002) pondera que é um ato de amor, uma vez que se as gerações mais antigas não repassassem o seu conhecimento às gerações mais jovens, os seres humanos seriam ainda homens pré-históricos. Nesse aspecto, ensinar é o processo onde as gerações mais antigas deixam uma herança às gerações mais jovens. E acolhe essa herança quem, de certa forma, quer. Nesse viés, a entrevistada Flor Azul destaca que:

[...]. De fazer ele [sic] ver que eles têm direitos, eles até se surpreendem. Como eu trabalhei com o quarto ano a questão do Estatuto da Criança e do Adolescente [sic], que aí eles ficam: ‘Nossa, mais [sic] isso é lei mesmo?’ Sim, é lei, e aí tu vai [sic] trabalhando a questão do direito atrelado a um dever, sempre para eles não pensarem que são cheios de direitos e não têm deveres. Então, assim, eu acredito que a grande maioria dos professores trabalha muito bem essa questão (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Freire (1996) lembra que a prática pedagógica crítica implica em pensar

corretamente, pois envolve um movimento ativo, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o que fazer. O trabalho pedagógico deve gerar a reflexão, um pensar e o que fazer.

Mar aponta que a escola contribui com a formação de sujeitos atuantes e comprometidos com a sociedade através de programas educativos como os oferecidos em parceria com a universidade e o programa ofertado pelo Estado, que tem por objetivo, segundo Nebias (2014), “garantir que o aluno consiga superar a defasagem de conteúdo apresentado em Língua Portuguesa e Matemática. As aulas serão oferecidas no contraturno, duas vezes por semana”. Contudo, deve-se levar em consideração o que Freire (1996) diz a respeito dos conteúdos e do modo de ensiná-los. Uma vez que ensinar não é apenas transferir conhecimentos, conteúdos, pois não há processo docente sem processo discente, já que ambos se explicam e seus atores não são meros objetos um do outro, porque quem ensina aprende quando o faz e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 1996).

Ah, tem, já tivemos alunos daqui que se formaram em Direito, em Engenharia Civil, aquele aluno, ele [sic], aquele aluno já tem o seu objetivo, já vem com uma boa formação na família e já quer, e já que ir para frente. Moça já formada em advogadas [sic] aqui também. É, é muitos já vêm, já sabem o que querem. Já tem aluno aqui do oitavo ano que já sabe o que quer, que quer fazer Direito, que quer ser até juiz, já vem com apoio dos pais, não tem? É educando, orientando esses alunos e passando os conteúdos para uma boa formação. É, é, têm os programas da Unisul aí de reforço escolar, que isso aí ajuda também. É o PIBID. É, tem o Programa Estadual Novas Oportunidades de Aprendizagem (PENOA) do Estado, também ajuda a reforçar o estudo dos alunos (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

Samambaia tece um comentário importante relativo à formação dos cidadãos:

É, então essa aí é a parte nossa, tentando fazer o que podemos para transmitir [sic] a essência do que pelo menos a gente conhece um pouco para eles, do bom, do bem, das coisas boas para eles ter [sic] a consciência assim, para a cabecinha deles saí [sic] daqui do Ensino Fundamental com algum propósito [sic], ter alguma vontade, alguma coisa assim para encaminhá-los [sic], como cidadãos, e às vezes assim a gente se depara com alunos que querem parar de estudar, então é isso aí tu tentar [sic] fazer com que eles tenham essa vontade de continuar [sic], e às vezes porque é pouco apoio que tem para fora [sic], então a gente tenta fazer aqui [sic], esse papel. É, esse apoio para eles é formar bons cidadãos então. Olha, às vezes a gente tem sempre assim um [sic], elas promovem assim às vezes palestras [sic], a gente está até vendo agora uma contra as drogas e até sobre a sexualidade que está assim um tema bem, que estão falando muito e a gente observa quando a coisa está necessitando, aí a gente até comentou em reunião com a gestora para ela estar providenciando [sic], ela vai ver alguma coisa assim porque sempre é bom [sic], e é isso assim que a gente vê e às vezes daí também do quarto ano, do projeto dos, das drogas. Do Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD) também ajuda bastante, a gente vê que eles também auxiliam quando a gente pede para fazer alguma palestra extra, fora, à parte, eles também ajudam assim, e às vezes é tudo o que a gente também pode como professor [sic], estar trazendo [sic] para eles. É, aquele dia que eu saí com [sic], para falar para eles sobre a questão ambiental, eles começaram a observar na rua que tinha lixo e tudo mais, então às vezes é pouquinho, mais [sic] é por aí [sic], eu acho que tem. É, daí é a partir dali que eles

começaram a observar, parece que antes eles nunca tinham visto que tinha um lixo no chão [sic], e tu saindo eles começaram assim: ‘Olha lá, jogaram mesmo.’ Entendesse? [sic] E provavelmente já tinha aquilo ali antes [sic], então assim e tudo faz parte assim, eu acho que é, poderia se ter até mais. Eu acho assim que está na hora de ter alguma coisa que mudasse um pouquinho assim para melhor a educação, eu acho que está faltando, viu, promover alguma ação que mudasse assim ou mais, um pouco mais, mexesse com eles um pouco mais. Olha, agora é, é os dois [sic], os dois juntos eu [sic] assim que tanto vem de cima [sic] o sistema está, tem muita coisa errada [sic], as leis, enquanto não mudar isso assim a gente não vai conseguir fazer nada até porque a gente tenta fazer, daqui a pouco é impedido [sic]. Tu tenta [sic] fazer de uma forma não pode [sic] e às vezes tu vê [sic], meu Deus, não precisa ser por essa forma mais [sic] aí, é, não é lei, é lei, então assim, ó, têm muitas coisas assim que é bloqueado [sic] porque tu, porque vem lá de cima. Eu acho assim, cabe a nós, professores, também ter uma mudança de atitude, muitos, [sic], a gente podendo fazer seria muito bom mais assim, ó, enquanto não ter [sic] uma mudança não vai ser fácil (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Em seu relato, Samambaia frisa que a escola, através dos professores, procura transmitir o que pode, ou então promove algum evento como palestras sobre determinados assuntos que estão “em alta” entre os alunos, de modo que essas ações forneçam subsídios para a formação de um sujeito atuante e comprometido com a sociedade. Além disso, enfatiza que as leis existentes hoje muitas vezes não permitem que a escola contribua mais. Nesse sentido, Mannheim (1942 apud FREIRE, 2013) diz que se necessita de um novo sistema de educação, ou seja, uma educação corajosa que leve o homem a uma nova postura frente aos problemas que encontra no seu caminho.

Violeta ressalta a questão da aula de reforço já mencionada por Mar, e também pondera que a escola contribui para a formação de um sujeito atuante e comprometido com a sociedade através dos projetos que desenvolve durante o ano letivo, de modo que o aluno possa sair da escola um bom cidadão, uma vez que os projetos são voltados para a questão da cidadania. A esse respeito, Freire (1996) elucida que a cidadania não se constrói apenas com eficácia técnica, mas também em busca da recriação de uma sociedade menos injusta e mais humana.

A questão, a forma como a escola contribui é a questão de dar, de ter o aluno na escola, com os projetos que nós temos agora, como nós temos o PENOA, que é a nossa aula de reforço, então nós temos, nós vamos ter agora o Mais Educação [sic], que vai permitir com [sic] que o aluno venha para a escola a [sic] mais tempo [sic], faz com que o aluno esteja aqui na escola. Então eu vejo que nessa questão da parte positiva de trazer o aluno para a escola [sic], então é um lado bom nesse sentido. Que contribui na formação e as questões dos nossos, e os nossos projetos que nós fizemos durante todo o nosso ano. Este ano nós já, em fevereiro nós já planejamos o nosso projeto de leitura. Onde os nossos, o nosso projeto de leitura ele teve várias etapas, né [sic], como a questão da Páscoa dos alunos, do Carnaval dos alunos, da Páscoa dos alunos, apresentação, homenagem às mães, é, a gincana educativa, a nossa festa junina, a homenagem aos pais, que agora nós tivemos o Dia do Estudante, o Dia da Criança e vamos terminar com o nosso concurso de poesia, sempre voltado na questão da cidadania, na questão dos valores. Então eu vejo a

questão de auxiliar o aluno para que quando o aluno sair daqui, quando terminar o seu Ensino Fundamental, ele possa contribuir lá fora na questão da cidadania (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Merleau-Ponty (2004, p. 1) salienta que o “[...] mundo é em grande medida ignorado por nós enquanto permanecemos numa postura prática ou utilitária [...]”, e por esse motivo se faz necessário rever conceitos e valores para que se possa proporcionar um mundo melhor a todos os seres humanos. Merleau-Ponty (2004, p. 2) reforça que é preciso “[...] fazer-nos redescobrir esse mundo em que vivemos mas que somos sempre tentados a esquecer”.

Sobre o papel da escola, Golfinho diz: “Deixa eu pensar um pouquinho, senão não vai sair nada. Não sai [...] Agora não vou te responder”. No entanto, Copo-de-Leite enfatiza que o papel da escola é “educar no ensino”:

Educar. Educar. Educar no ensino, não na maneira de agir, na maneira de ser com as pessoas, eu acho que para isso existe [sic] nós, o papel pai, ah, porque fulano não tem pai, ah, porque fulano, mais [sic] ele não veio de ninguém, ele veio de alguém, ou tem avô, ou ele mora com alguém. Então eu acho que a escola não tem. [...] Errou, então a mesma coisa é a escola. Se a minha filha fez coisa errada, me chama porque quem vai corrigir ela [sic] sou eu, não eles, eles estão aqui para ensinar. Educar, educar, educo eu em casa. O ensinamento da escola matemática para isso se formar uma pessoa. Amanhã ou depois, ontem ainda foi um fato que eu prestei bem atenção. [...] Nossos filhos hoje, a minha ela não tem outra atividade a não ser a escola, então se não faz as coisas na escola é porque não quer, não é porque trabalha, faz isso, faz aquilo. Não, eu acho que a escola é para [...] para aprendizagem, não, educado, educado, a gente educa em casa. A gente passa, eu passo, como tu sabe [sic], como eu já falei pra [sic] ti, eu viajo [...] e a gente vê crianças de cinco, seis anos vendendo coisas, trabalhando. A gente pergunta: ‘Tu não estuda? [sic]’ Não tem escola. Então aí tu dá [sic], tu diz [sic] [...] oh, meu filho, podia vê [sic] uma coisa dessas para aprender o que é uma escola, para aprender o que tu ter [sic] um caderno, o que tu ter [sic] um livro, o que tu ter [sic] um material. Ah, mãe eu quero, eu quero uma canetinha, trago com maior prazer. Mais [sic] eu acho que tu tem [sic] que valorizar isso. Eu, quando, eu era, na infância eu não aproveitei tanto, aprontei bastante para minha mãe na escola, era muito bagunceira, mais [sic] hoje eu me arrependo. É, mais [sic] eu digo assim, hoje eu me arrependo porque até o terceiro ano eu fiz arte. No terceiro no Gallotti eu fui expulsa porque eu dei um sapo para professora, me arrependo, não falo para minha filha isso porque é uma coisa que [...] não é? Então, eu me arrependo, porque eu não me formei no terceiro ano, hoje até tu vai [sic] fazer uma entrevista, tu tem [sic] o terceiro ano? Não. Até para varrer hoje eu acho que é assim. É. Então tudo isso é então da escola. Eu acho que tu está [sic] vindo para escola, tira aquele tempo, tu está [sic] vindo para escola aprender, [...]. Ah, uma época, como sem a *internet*, mais [sic] é nós [sic], pais, não é a *internet*, porque se eu tirar do meu filho a *internet*, ele não vai ter, e como é que eu vou tirar do meu filho se ela vê eu [sic] com ele toda hora? Vem de mim já. Então. Então, exemplos (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Para Copo-de-Leite, o papel da escola é ensinar os conteúdos, a educação vem de casa através dos exemplos. E Laranjeira diz que o papel da escola é: “Ah, o principal papel da escola é ensinar [...]”

Assim, conforme já explicitado, Alves (2002) lembra que ensinar é transmitir uma herança de gerações mais velhas a gerações mais jovens. Por educar, o autor entende que é transmitir conhecimentos, sendo que seu “objetivo é fazer com que as crianças deixem de ser crianças” (ALVES, 2002, p. 166). Brandão (1995) complementa explicando que a educação existe de várias formas, sendo praticada em situações diversas, que muitas vezes parece algo invisível. Desse modo, a escola, juntamente com as demais entidades sociais, como a família, faz o papel de educar e de ensinar.

O papel da escola, no olhar de Floresta, “é manter o dia a dia, que não é fácil [sic], assim para a diretora manter várias cabeças diferentes, uma das outras [sic], é bem complicado, mais [sic] tem que ter firmeza [sic]. Algum professor, um diretor tem que ter muita firmeza. O dia a dia é a obrigação da escola [sic], os estudos [sic]”.

Para Floresta o papel da escola está nos estudos, ou seja, na construção do conhecimento. Nesse sentido, Freire (1996, p. 106) diz que é necessário saber “[...] da impossibilidade de desunir o ensino de conteúdos da formação ética dos educandos. De separar prática da teoria, autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos, ensinar de aprender”. Essas características citadas por Freire são o dia a dia da escola, como Floresta afirmou, sendo este um desafio constante para os educadores e gestores da escola.

Aí, acima de tudo [sic], mais que conteúdo, o que eu costumo dizer para os meus alunos, a função da escola é fazer com que o aluno, além de buscar esse conhecimento e se tornar um bom cidadão, que seja uma pessoa de bem [sic], que saiba viver em sociedade. Que saiba olhar para o outro. Ainda hoje eu falei muito nessa questão com os meus, a questão da misericórdia, ter, ser misericordioso com o seu colega porque está [sic] acontecendo muito, muitas encrencas, por exemplo, nos momentos da educação física, e aí isso está me preocupando. Vem um que bateu a cabeça, vem outro que não sei que, outro que chamou a mãe não sei o que, de lá não sei que, e aí tanto que tu trabalha [sic] com isso, eu digo: ‘Gente, o mundo precisa com urgência de pessoas que olhem para o outro com mais amor, com mais preocupação, com mais cuidado, sejam mais humanos. A gente está precisando de mais humanidade. [...] Gente, antes de tu falar [sic] qualquer coisa para o teu colega, pensem [sic] o quanto que vai magoar o outro com essa palavra’ (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Para Flor Azul o papel da escola está atrelado à construção do conhecimento, da formação do cidadão, da formação de um ser cuidadoso, amoroso. Boff (2005) lembra que há dois modos dos seres-no-mundo, onde um é pelo trabalho e o outro pelo cuidado. Pelo cuidado a pessoa não enxerga a natureza e o que nela existe como objetos; pelo cuidado estabelece a relação de sujeito-sujeito, uma vez que a pessoa sente os seres como sujeitos, como valores, como símbolos que encaminham a uma realidade vital. Vale ressaltar, então, a

importância das virtudes, que, segundo Comte-Sponville (1999, p. 4), é “o que constitui seu valor, em outras palavras, sua excelência própria [...]”. Flor Azul continua seu relato:

[...] então assim para mim, vamos supor três eixos que a escola tem que ver: é a questão do conhecimento, a questão do social e a questão do ser humano. Ser humano são três eixos, trabalhar o conhecimento e não deixar o conhecimento de lado, ele é essencial, eu acho que assim conhecimento, ele [sic] possa levar o aluno a essas duas questões: o social e o ser humano. Buscar através de, eu falo muito da minha turma. Mais [sic] assim [...], eu trouxe dentro dessa questão dos direitos humanos que a gente está trabalhando, eu trouxe dois poemas, um do Manoel Bandeira, O bicho, e trouxe O estatuto do homem, do Thiago de Melo, estou trabalhando com eles. Então do poema O bicho, assim, eles ficaram chocadíssimos quando eles chegam no final, [...] eles começam os relatos e aí tu vai [sic] devolvendo e se fosse alguém da tua família que vivesse catando comida no lixo, como é que tu se [sic] sentiria? [sic] [...] Eu disse: ‘Muito bem.’ Começa a mostrar que tem gente que trabalha, se têm dois ou três que não fazem, mais [sic] têm dois ou três que fazem e vamos tomar por referência aqueles que fazem, e não os que não fazem [sic], vamos parar com essa generalização, ah, que nenhum político presta, nenhum professor presta, que todo professor só quer chegar na sala também sentar e ficar passando coisinha no quadro. Também não é assim. Também tem muito professor que trabalha outras coisas, então trabalhar com isso tem que ser uma preocupação também da escola. De estar levando [sic] o aluno também a pensar, refletir e aí é por isso que a gente colocou como projeto do nosso texto do PIBID desse ano o espaço e debate, que espaço e debate é esse momento em que os alunos são convidados, tem um tema, que ele vem para debater esse tema. [...] Então a gente vai trazendo os professores, mais [sic] é um trabalhinho assim de formiguinha, eu digo pra [sic] ti, quando as meninas, os bolsistas, eles [sic] organizam e pensam um debate, pensam num tema para o debate, aí eles vêm: ‘Professora, qual professor a gente vai convidar agora?’ Não, deixa que eu vou sondando o pessoal e aí tem que ir sondando. Olha, pessoal, estamos com a ideia assim de fazer um debate tal, tu podes participar? Tu podes trazer alguma informação? Ah, não eu vou. Então assim tem que chegar e convidando. Mais [sic] estão participando, então eu acho que está bem mais participativo assim, os professores estão mais ativos esse ano do que no ano passado (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

O relato de Flor Azul demonstra que não há ensino sem pesquisa, assim como também não há pesquisa sem ensino (FREIRE, 1996). Além disso, a fala de Flor Azul ressalta o que Freire (1996) preconizava como um ato importante no processo educativo, visto que o professor e a escola devem respeitar os saberes que os alunos trazem à escola, discutindo com esses educandos a sua razão e a sua relação com os conteúdos que estão sendo ensinados.

Mar diz que “o papel da escola é formar cidadãos, tanto na parte pedagógica como disciplinar”. Samambaia tem um olhar parecido com o de Mar a respeito do papel da escola:

Olha, eu assim, nessa situação o papel da escola é a formação de um cidadão. A gente sabe que é para formar um cidadão crítico, saf [sic] daqui assim, mais [sic] às vezes eu penso já um pouquinho, é que a gente conseguisse [sic] que pela comunidade que muitos casos que a gente tem, que se a gente conseguir que nossos alunos aqui que eles [sic] se inteirem, que tenham assim, que não entrem em droga e tudo mais, isso pra [sic] gente já é alguma coisa, já é um avanço, já é começo porque às vezes a gente não pode até nem pensar muito lá na frente (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

A fala de Violeta segue basicamente o mesmo pensamento de Mar e Samambaia, ao afirmar que “o principal papel da escola é a questão do ensinamento do aluno para que o aluno, ele [sic] se desenvolva, ele se torne um aluno crítico e que ele saiba buscar a questão, é, da cidadania, de como saber contribui [sic] com ele mesmo e com o outro que está ao seu lado” (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Pode-se dizer que os olhares de Mar, Samambaia e Violeta remetem a um processo educativo que seja dialógico, pois como ensina Freire (2014), onde não existe diálogo, não há pensar crítico. Sendo que “somente o diálogo que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo” (FREIRE, 2014, p. 115). Através do processo educativo dialógico pode-se suscitar a formação de um sujeito crítico e também de um cidadão consciente.

De acordo com o PPP (E.E.F. FÁBIO SILVA, 2013b, p. 13), “a Escola tem como função social proporcionar a socialização e a produção do conhecimento científico para qualificar a cidadania, visando à construção de uma sociedade igualitária e autônoma”. Assim, o papel descrito pela maior parte dos entrevistados condiz com o que está contido no PPP da escola.

No olhar de Golfinho, os pais pouco participam e ele atribui essa escassa participação dos pais na escola aos compromissos com o trabalho.

Sim. Pouco. Pouca gente. Pouca gente vem. Alguns vêm bastante. Porque tem muita gente que trabalha. Às vezes fazem reunião à noite, às vezes faz [sic] reunião de noite, às dezenove horas, e tem muita gente que está trabalhando fora, chega às dezoito e trinta, às dezenove e não tem como vim [sic]. E festa junina às vezes faz [sic] durante a semana, a semana os pais trabalham, mais [sic] vem pouca gente (Golfinho, mãe, membro da diretoria da APP).

Golfinho atribui a contribuição dos pais ao fato de ensinar, educar, em outras palavras, dando orientações. Também exemplifica que na escola a filha deve perguntar ao professor quando tem dúvidas. Cabe frisar que o aluno não deve perguntar apenas quando tiver dúvidas, mas sim sempre que se sentir curioso sobre algo, de modo que a curiosidade instiga o processo de construção do conhecimento. Freire (1996) lembra que essa capacidade de vencer as dúvidas, suprir as curiosidades aguçadas é uma vantagem significativa do ser humano, uma vez que possibilita ir mais além, de romper suas barreiras. Outro ponto relatado por Golfinho é a questão do uso de entorpecentes e do grande número de crianças que estão entrando no mundo das drogas, o que em sua visão, é devido à falta de carinho e de cuidado dos pais:

[...] Porque assim, nós estamos olhando. Estamos dentro de casa, entendeu? Ela está dentro de casa com nós [sic] e a gente está vendo, a gente está vendo. Então, nós estamos cuidando [sic] para não caí [sic] nessas drogas, porque tu sabe [sic] que hoje essa fase de criança de menor [sic], olha que está caindo um monte, e tá [sic], e já foi aluno nosso aqui da escola, hoje não é mais, graças a Deus, mais [sic] a gente assim tem pena. Eu tenho até pena porque são todos excluídos pelas mães, a gente ajuda, coisa e outra, dá carinho. [...] Não, porque tu tá [sic] ali para educar [sic], a gente está em cima, tu dá [sic] de tudo, tu dá [sic] as coisas, não falta nada (Golfinho, mãe, membro da diretoria da APP).

Golfinho evidencia que é preciso estudo para se chegar onde se sonha: “[...] Esses dias eu até brinquei com ela, se eu estiver viva até lá, até tu crescer [sic], eu puder te dar um estudo pra [sic] ti, a mãe faz. Não vou dizer que não faço. Porque tem que pagar, mais [sic] para isso ela vai ter que estudar. Não é?”

Porém, Copo-de-Leite, a respeito da participação dos pais na escola, relata:

[...] Então a própria comunidade se retruca de [...] de fazer as coisas a mais, só que eu acho que tu tem [sic] que vê [sic] que tu está [sic] fazendo pelo teu filho, não por os [sic] outros. [...] Então eu acho que, assim, que cada um tinha que ver o lado do seu filho. Ah, porque eu não vou lá porque a minha filha não gosta de participar. Incentiva a tua filha. [...]. Então eu acho assim, é própria falta de interesse dos pais, não é do, só do aluno [...] (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Paro (1992) explica que, além dos condicionantes da própria escola e das condições de vida e de trabalho da comunidade, o que na verdade é um determinante fator de comodismo da comunidade é a falta de perspectiva de participação que se apresenta no cotidiano dos seres. No presente estudo, percebe-se que a comunidade, por ser discriminada, não tem perspectivas para participar das atividades desenvolvidas pela escola. Paro (1992) ainda afirma que essas mesmas condições adversas, que podem dificultar a participação dos pais, podem, em outros aspectos, servir como um aporte para incrementá-la, uma vez que a partir das insatisfações da comunidade e demais envolvidos, tendo consciência das suas limitações e dificuldades, podem desenvolver ações que visem a superá-las. Nesse contexto, a EA, como já dito anteriormente, pode subsidiar a participação e desenvolver ações conjuntas entre a escola e a comunidade.

Com relação à contribuição dos pais na formação de um sujeito atuante e comprometido com a sociedade, Copo-de-Leite relata:

Eu acho que os dois são iguais. Porque cidadão tu já ensina [sic] em casa e a escola é, como eu digo, tu estais [sic] vindo aprender, então eu acho que isso aí não vem nem ao caso do cidadão ou, ó, coisa, porque o que o teu filho é lá dentro de casa, ele tem que ser dentro de uma escola, porque se tu ensina [sic] ele [sic] ser educado e respeitar pai e mãe, irmãos, vizinhos, tu tem [sic] que respeitar os teus amigos na escola. O meu marido tem outro dilema, meu marido acha que se bateu, levou,

ensina minha filha a ser [sic], eu digo para ela que não, se rebate é pior ainda, a intriga vem de outra intriga e eu não penso dessa forma e sempre digo para ela: ‘Não faz isso, porque não é assim, não, violência gera violência.’ Então eu acho que cidadão e escola é quase tudo a mesma coisa (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Mais uma vez Copo-de-Leite afirma que os ensinamentos vêm de casa, pois aquilo que uma pessoa é em casa deve ser em todos os lugares que frequenta. Cabe lembrar novamente das palavras de Alves (2002), ao mencionar que o ensinamento é uma herança, ou seja, uma herança de valores que devem acompanhar o processo de formação e ser permanente.

Quanto à maneira como os pais podem contribuir para a formação de um sujeito atuante e comprometido com a sociedade, Laranjeira diz “ser mais presente, ser mais presente para com os filhos, ter mais tempo para com os filhos, esquecer um pouco do trabalho, tirar um pouco de férias, folga”. Assim, de acordo com Laranjeira, os pais, sendo presentes na vida dos filhos, pode auxiliá-los a se tornarem cidadãos comprometidos e atuantes na sociedade. Dessa forma, acredita-se que a presença dos pais é fator imprescindível para a formação dos filhos, pois é “[...] presença, que intervém, que transforma [...]” (FREIRE, 1996, p. 20). A presença dos pais é um meio de intervenção e de transformação na vida dos filhos, na escola e na comunidade.

Floresta, assim como Golfinho e Copo-de-Leite, diz que a participação dos pais na escola é muito pequena, em função do trabalho ou até mesmo da falta de vontade em participar das atividades desenvolvidas pela instituição:

Bem pouco. É, teve, mais [sic] eu acho que bem poucos pais participam assim, eu acho que é bem pouco. Ou do trabalho ou do não querer participar [sic]. Ah, como eu já te falei, eles têm que, o filho, esse é o certo, escola, tu tens que ir para escola obedecer os professores, eu acho que nessa parte aí. Educação acima de tudo, porque educação se traz de casa, porque ensino às minhas netas que a escola tem que [...] Educar, tudo porque a educação, eu digo que não, a educação tu traz [sic] de casa para chegar na escola os professores têm direito de ensinar, sim de educar, educar, educar, mais [sic] tem que trazer lá de casa, se não trazer [sic] lá de casa, ele vai chegar lá na escola um rebelde. [...] O que é errado não leva para escola, educação com os professores acima de tudo, sempre ensinei para os meus filhos, sempre ensinei. Sim, com certeza! Porque se o aluno traz coisa boa a escola daí só traz mais coisa boa. Só vai acrescentá [sic] mais. Se traz coisa ruim de lá para escola, a escola vai abaixá [sic], com certeza (Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

Além disso, Flor Azul ressalta, como outros participantes do estudo, que os pais contribuem para a formação de sujeitos atuantes e comprometidos com a sociedade através do que é ensinado em casa, sendo a escola um meio para reforçar esses ensinamentos e também para desenvolver outras aprendizagens. A respeito da contribuição dos pais na formação de

sujeitos atuantes e comprometidos com a sociedade, Flor Azul relata:

Bom, primeiro eles têm que estar informados, têm que estar por dentro do que a escola trabalha, do conteúdo que é trabalhado com seu filho em sala de aula e estar aqui presentes, participar das reuniões que são feitas, assembleias de pais, procurarem vir na escola, saber [sic] em outros momentos, como têm esses pais que eu acho um barato [sic] quando eles vêm. ‘Só vir [sic] aqui para saber como que está meu filho.’ Acho um máximo isso. Que não tem coisa mais bonita assim de demonstrar que estão preocupados, interessados no que o filho está fazendo nesse momento, mais [sic] não esperá [sic] que tem uma entrega de nota, não espera [sic] que vai um bilhete para que ele venha, ele vem espontaneamente, eu, graças a Deus, tenho muitos pais que fazem isso. Eu não sei se é porque eu dou bastante abertura, eu converso, às vezes eu estou no mercado, por exemplo, tem um que trabalha no mercado, eu chego, ele já vem, ele dá um jeitinho. ‘Eu sei, professora, que aqui não é lugar, mais [sic] como está o meu filho?’ Não, não, está tudo bem com o seu filho, está sim, sim, porque ele chegou falando tal, tal, não é isso mesmo, é tarefa, é, ele vai ter que fazer mesmo, se tu puderes dar uma ajuda para ele tal nessa pesquisa. Então tem essas coisas [sic], que assim, ó, de repente, ah, mais [sic] está errado, vai trabalhar, mandam eles lá na escola, mais [sic] eu entendo que o horário dele não me permite. Mais [sic] o dia, por exemplo, da homenagem aos pais ele deu um jeitinho de botar alguém no lugar dele para ele poder vir porque ele estaria trabalhando naquele horário, mais [sic] ele deu um jeito de botar alguém e veio. Então assim achei, eu acho muito bacana isso quando eles conseguem dá [sic] um jeitinho e vir na escola pra [...] só para saber como é que está e isso é, eles agora também estão usando muito recurso do *face*, as redes sociais são [sic], eu converso muito, eles colocam muita coisa, eles entram em contato comigo para qualquer coisa que esteja acontecendo com o filho. Por que o filho não veio? Por que o filho não vai vir? Porque o meu filho está com isso. Sei que [...] dar de mandar atividade por fulano e tal, e tal. Eu: ‘Não, tranquilo, eu mando.’ Então assim alguns pais usam muito esse recurso, está sendo bem interessante (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Os pais contribuem, no olhar de Flor Azul, inteirando-se do que o filho está aprendendo na escola, indo à escola somente para saber como o filho está, ou seja, demonstrando interesse pelo que o filho está desenvolvendo. E, como já dito, mostrar interesse pelo que o outro, neste caso o filho, está fazendo é uma forma de cuidado.

Mar relata que: “Ó, nesses dois últimos anos eles têm vindo mais, antes não era tanto mais assim, teve o Dia das Mães que elas participaram bastante, Dia dos Pais também participaram. Dois anos para cá eu vi uma melhora”. No entender de Mar, a participação dos pais tem aumentando no decorrer do tempo. Assim como Laranjeira disse em outro momento, ele evidencia que nas homenagens de Dia dos Pais e Dia das Mães houve uma participação significativa nos eventos realizados pela escola. Com relação à contribuição dos pais para a formação de sujeitos atuantes e comprometidos com a sociedade, Mar diz: “Fazendo com que seus filhos estudem mais, é, que cumpram com seus deveres, com suas responsabilidades, e [...]”. Ou seja, contribuição dos pais para a formação do sujeito atuante e comprometido com a sociedade, no pensar de Mar, está atrelado ao cumprimento de deveres, responsabilidades e ao estudo. Convém lembrar que, segundo Freire (1996), a partir do momento em que a pessoa

toma consciência de sua presença no mundo, não pode viver sem a responsabilidade do seu mover-se no mundo. Em outras palavras, os pais auxiliam os filhos a tomarem consciência de sua presença e sua importância no mundo, fazendo com que os mesmos desenvolvam a responsabilidade de seus atos e atitudes.

Samambaia menciona a participação dos pais, contudo percebe-se que pela sua fala são sempre os mesmos pais que participam. Observa-se também que esse fato preocupa Samambaia, uma vez que há muitos alunos que necessitam da participação dos pais na escola e os mesmos não têm o hábito de participar:

Olha, daí eu acho que tudo isso é um acompanhamento, se ele não tiver esse acompanhamento com seu filho diariamente ele não consegue também formar. Porque assim às vezes diz: ‘Ah, porque eu trabalho.’ Nós todos trabalhamos e a gente sempre vai tirar um tempinho para o seu filho e não está tendo isso, e sempre coloca uma culpa em alguém, mais [sic] os filhos não são a prioridade para eles? Está acontecendo muito assim, então, gente, a educação em primeiro lugar. Mais [sic] assim a gente sabe que tem todo um [sic], por isso que entra todo o sistema, porque tem que trabalhar, porque isso, isso eu sei, é necessário, é obrigado, hoje em dia com todos os problemas que se tem, muitos pais e mães têm que trabalhar e às vezes pego um dia inteiro, a gente sabe que ficam cansados, mais [sic] assim, ó, tem que tirar um tempinho. E aí tem, colocou o seu filho no mundo é um tempo que tem que ter com ele, e assim acompanhar, para ver como ele está e isso está faltando, falta aí. A gente observa assim todas essas questões que eu estava te falando, do esquecimento de material e tudo mais, que vem sem nada (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Samambaia compartilha da mesma opinião de Laranjeira e Flor Azul quando referem que os pais podem contribuir para a formação dos filhos como cidadãos atuantes e comprometidos com a sociedade acompanhando o filho, dando uma atenção especial. E não ficar culpando os fatores sociais a que todos estão obrigados, como o trabalho, por exemplo:

Não digo a maioria, a maioria a gente não tem, mais [sic] participam. Alguns então uma minoria vamos dizer assim. Eles vêm animados, então eles ficam mais animados ainda depois que eles chegam aqui e eles percebem como é que é o andamento da nossa atividade. Aí eles ficam mais animados (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Violeta também relata que a participação dos pais nas atividades da escola é pequena, porém percebe que esses pais gostam das atividades que estão sendo desenvolvidas, pois ficam animados conforme o andamento das atividades. Quanto à contribuição dos pais para a formação de um sujeito atuante e comprometido com a sociedade, diz: “Ah, é estar vendo no dia a dia a tarefa, o caderno do aluno, a tarefa do seu filho, estará contribuindo, o dia que tem prova cobrar dos filhos, é dessa forma que eles vão estar contribuindo [sic] para uma melhor sociedade” (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP). No entender de Violeta, a

contribuição dos pais é próxima da explicitada por Flor Azul e Samambaia, com relação a estar inteirado do cotidiano escolar do filho.

De acordo com o PPP (E.E.F. FÁBIO SILVA, 2014, p. 28), a participação dos pais na escola será por meio de ações como:

- 7 - Planejar e elaborar o desenvolvimento do Conselho de Classe com a participação dos alunos e pais de 1º a 8º ano; [...]
- 9 - Conversar com os pais e com os alunos que apresentarem dificuldades de aprendizagem e problemas com algumas disciplinas;
- 10 - Solicitar a presença dos pais dos alunos que apresentarem deficiência na aprendizagem e/ou problema de conduta, a fim de cientificá-los e alertá-los sobre o risco que essas situações podem acarretar na vida escolar, bem como conscientizá-los da necessidade de observar e acompanhar as atividades dos filhos, bem como orientá-los quanto à maneira de auxiliar os mesmos nas atividades domiciliares;
- 11 - Cientificar pais e alunos quanto aos critérios estabelecidos com relação às faltas, normas e às avaliações;
- 12 - Organizar reuniões de pais e sessões com alunos, a fim de que sejam alertados quanto à importância do diálogo na família;
- 13 - Oportunizar encontros de pais e alunos para reflexões sobre a importância de resgatar os valores morais e espirituais; [...]
- 15 - Esclarecer e conscientizar os pais e alunos sobre a importância e a necessidade de preservar o meio ambiente, a fim de que haja uma melhor qualidade de vida;
- 16 - Expor para os pais o funcionamento da Unidade escolar e as normas disciplinares;
- 17 - Orientar e solicitar aos pais a cobrança do horário de estudos dos filhos; [...]
- 28- Conscientizar os pais quanto à necessidade de frequência à sala de recurso, para um bom desempenho da aprendizagem. [...].

Conforme os relatos dos entrevistados, algumas das ações elencadas no PPP da escola ocorrem, como as reuniões de pais, conversas com pais de alunos com dificuldades de aprendizagem. Entretanto, outras ações listadas no PPP não foram citadas por nenhum participante da pesquisa.

Para concluir o **Bloco B**, os atores da pesquisa foram convidados a falar a respeito da integração escola-ambiente-comunidade e como a escola estabelece essa relação. Segundo Guimarães (2004a), a relação da educação com o meio ambiente atualmente encontra-se contextualizada num cenário de crise em diferentes dimensões: política, econômica, cultural, ética, social e ambiental. Por isso é importante verificar a percepção que os entrevistados desenvolvem a respeito da integração escola-ambiente-comunidade.

Para Golfinho, a escola tem muito cuidado com a questão ambiental, sendo que relata uma atividade que foi executada com os alunos recolhendo o lixo no entorno da escola como uma maneira de a escola integrar-se ao meio ambiente. A respeito dessa atividade, esclarece:

Cuida, cuida bastante. Cuida, né [sic], a gente tem que cuidar, porque se não cuidar

[...] Sim, a cuidar do meio ambiente. Já fizemos, isso foi, acho que foi ano passado ou foi esse ano, não lembro. [...] Eles pegaram, como é que eu vou te explicar, os alunos saíram da sala, foram cuidar, tiraram os lixeiros, os lixos [sic] do chão, limpavam ali [...] limpavam não, modo de dizer assim, mais [sic] ajudaram a cuidar bastante os alunos. Até foi tão bonito assim de eles se pôr [sic] a querer ajudar a gente, não tem? Mais [sic] eles fizeram. Não, hoje eles são melhores. São. São bem melhorzinhos porque de primeiro eles botavam, jogavam papel no chão, jogavam e coisa e outra, mais [sic] hoje não, hoje eles são bem cuidadoso [sic] (Golfinho, mãe, membro da diretoria da APP).

Currie e Coco (2002) dizem que através da promoção de campanhas que visem a reduzir a produção de lixo na escola, os alunos poderão desenvolver um grande número de atividades que podem auxiliar no processo de conscientização. Laranjeira conta que no ano de 2013 na escola tinha uma horta escolar, atividade esta que em seu olhar era muito interessante, pois as crianças gostavam, participavam e eram curiosas a respeito da dinâmica da horta: “Eu vi que as crianças estavam bem ativas naquela atividade, bem curiosos [sic], querendo entender, entendeu? Então seria bom se a escola continuasse.”

A curiosidade, para Freire (1996), é um fator importante para o processo de aprendizagem, pois, à medida que vai crescendo, a curiosidade vai tornando o ser mais e mais criador. Contudo, a horta no ano seguinte não teve continuidade. A respeito disso, Laranjeira reflete: “Eu acho que por falta de interesse de ambas as partes: escola comunidade, comunidade escola.”

Floresta aponta que a relação escola-ambiente-comunidade é distante, porém considera essa relação de suma importância, visto que tem que partir da comunidade para poder melhorar:

Eu acho que aí são meio afastados, são meio afastados nisso aí de escola, de meio ambiente, que não estão muito, essa geração não estão [sic] muito ligada nessas coisas. Eu acho muito importante porque é uma coisa assim que já vem da comunidade. Se a comunidade não fizer, vai ficar tudo como está aí hoje lá fora que não dá de andar de noite (Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

Floresta continua seu relato:

Olha, até que para o nosso lado aqui ele é bem conservado. Ele tem bastante mato, bastante assim. Como eu digo? Ele é nesse tema assim até onde eu moro, não sei se você já subiu até lá em cima [sic]. Lá que pega a BR, aquilo lá, isso aqui era para ser tudo asfalto porque [sic], porque um esgoto aonde [sic] eu moro não tem. Não tem esgoto. É uma, não vou dizer, é uma vergonha, agora o meu marido e eu, nós temos quem faz, é a pessoa, é a pessoa que tem que fazer, mais [sic] têm pessoas que solta [sic] a céu a nu [sic]. Então é uma nojeira. Imagina tudo que acontece. Então eu digo assim, a prefeitura tem que vê [sic]. Agora imposto eles sabem [...] sabem cobrar. [...] Todo ano vem, tá [sic] lá para pagar, pagar uma coisa que nem usa. A energia tem, mais [sic] negócio de fossa, aquilo lá é uma vergonha. Eu acho que é mais lá

em cima, lá, que lá não tem, naquela parte lá em cima não tem esgoto, a prefeitura não fez aqui, lá. E, olha, já faz anos, eu já moro lá cinquenta anos. Sim, é porque aí daqui para baixo tudo belezinha, tudo bonitinho, daqui para cima só mora bandido, mais [sic] não, mora muita, moro lá, mora muita gente boa lá e gente boa mesmo. Precária por [...] Que se eles olhassem mais a lá [sic] vão [sic] fazer esgoto para comunidade, asfaltar, a comunidade vai dizer que vai gostar, elogiar. Coleta tem, ainda hoje passou na minha rua. Isso aí eles pegam, eles pegam terça e sexta, eles pegam o lixo lá na minha rua. Esse dia que eles passam e eles pegam o lixeiro. [...] tem dia que não dá de abrir uma janela, não abre uma janela porque entra tudo para dentro [sic] de casa, vai almoçar já fecha, que o mau cheiro levanta, imagina em dia de calorão, mosquito, aí vem as bicharada [sic]. Foco de mosquito, isso aí eles não vejam [sic]. Isso aí que eles deviam ver. Eu já fui até lá na prefeitura reclamar, a mesma coisa como nada. É bem complicado, é bem complicadinha, mais [sic] a gente quem sabe até agora eleição [sic], a gente até esperava. A eleição que eles gostam de mexer isso toda eleição, é, nem chegaram perto. Elétrica tem. Água também tem. A água funciona. Funciona, graças a Deus. Funciona, mais [sic] nós vamos atrás, a gente passou trabalho, [...] a água tem, a luz, o negócio é o esgoto que é uma vergonha e a estrada. Dia de chuva é um lodeiro (Floresta, avó, membro da diretoria da APP).

Floresta destaca que parte da comunidade tem ruas asfaltadas e esgoto, e outra parte não dispõe disso. O esgoto acaba gerando mau cheiro e atraindo insetos, isso para ela caracteriza um problema ambiental. Mais uma vez, acredita-se que, por meio de ações de EA, a escola poderia ser um aporte para evidenciar os problemas de cunho social e ambiental da comunidade, a fim de propor meios para tentar resolvê-los ou pelo menos estimular a reflexão e participação dos alunos e integrar os pais para um trabalho conjunto na busca por soluções aos problemas constatados. Como refere Layrargues (2009, p. 28), a EA como um compromisso social “é aquela que articula a discussão da relação entre o ser humano e a natureza inserida no contexto das relações sociais”.

Flor Azul aponta o projeto PIBID como um meio de desenvolver ações para integrar a escola, ambiente e comunidade, porém sempre há entraves. Flor Azul também menciona a iniciativa da professora de Ciências a respeito da pesquisa socioambiental feita com a comunidade como uma forma de integração, pois os alunos conversaram com as pessoas da comunidade e trocaram experiências:

Bom, se olhar ao redor, a escola está tomada pelo mato. Tudo bem que mato é necessário, mais [sic] não tanto assim. Se dependesse da nossa vontade, a gente já teria tudo o que fizemos ano passado. Mais [sic] só que aí fica nessa dependência [sic], quem tem, que toma, eu já perguntei assim mais de trezentas vezes por essa questão, o que pode ser feito, se a gente poderia, se a gente na [...] então na verdade há uma boa vontade por parte das ações que a gente desenvolve através do projeto PIBID quanto da própria professora de Ciências, porque ela traz os temas e vai discutindo com os alunos e foi muito interessante, que uma das coisas que chamou [sic] a atenção dos alunos na pesquisa socioambiental, que os moradores diziam: ‘Crianças, cuidem mais do lixo de vocês, não deixem os papéis de bala jogados, não deixem não sei que, eles ficaram muito, como disse a professora de Ciências, professora, em cada casa que eles chegavam, que eles viam uma horta, eles diziam: ‘Aí, a nossa horta da escola, aí, a nossa horta da escola.’ E aí os senhores que fazem

compostagem também que mostraram para eles [...] Então assim tem muita gente fazendo coisa bacana na comunidade e também a escola desconhece isso. E passou a conhecer depois dessa pesquisa na verdade (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Flor Azul continua dizendo:

Deveria, não deveria ficar só nessa saída, deveria ter outras saídas, e deveria ter agora o inverso, convidar a comunidade para vim [sic] aqui na escola e mostrar o que eles têm feito [...] pelo meio ambiente, e de que forma. E já pensou que bacana se a gente conseguisse esse espaço de trazer esses pais, esses moradores que têm a sua hortinha, que têm a sua compostagem, pensa na escola trabalhar isso com os alunos. Isso seria o ideal. Seria o ideal. E essa tentativa a gente fez, a gente gostaria que fosse [...]

O relato de Flor Azul é uma possibilidade de integração entre escola, comunidade e ambiente. Considera-se que a ideia contida nesse relato, se colocada em prática, pode se constituir em uma prática efetiva de EA, se agregada à reflexão e à busca por soluções.

Mar menciona que alguns membros da comunidade fazem queimadas, por esse motivo a questão ambiental na escola poderia ser melhor trabalhada. No entanto, a escola sofre com a falta de funcionários e isso acaba sendo um agravante para a realização de atividades diferenciadas:

É, com o meio ambiente podia ser melhor. É, podia ser melhor. É o meio ambiente assim não fazer essas queimadas que eles fazem assim nos morros. Evitar essas queimadas aí que às vezes vem a fumaça para escola tudo [sic]. É a comunidade, eu acho que é uns dois ou três [sic] aí que ficam queimando o morro e também destroem a natureza. É assim, nessa parte de meio ambiente é assim, é assim, ainda não está muito firme. Essa equipe pedagógica aqui é porque a gente se aposentou muita [sic], a administradora as [...] É as [sic] assistentes pedagógicas também se aposentaram e não têm na escola. É de apoio pedagógico, falta [sic] funcionários, não tem, já se aposentaram e a escola ficou sem essa administradora, assistente pedagógica. É, não dão conta, porque já tem a sala de aula, já tem que corrigir prova e fazer trabalho de manhã, à tarde e à noite e ainda fazer projetos, não tem condições (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

Samambaia, assim como Flor Azul, relata a questão da pesquisa socioambiental. Ela enfatiza que falta consciência de muitos lados. Conscientizar, na perspectiva Freireana (2013), é tomar consciência de algo, neste caso, tomar consciência da importância do ambiente.

O meio ambiente, ah, então, todo, ah, então a escola se preocupa com o meio ambiente, é, não, os professores se preocupam, a escola em si tentando fazer, desenvolver algum projeto que possa estar ajudando [sic] nossos alunos a ter essa consciência, pensar [sic]. Nós tivemos agora aqui o túnel, a construção do túnel e apareceram muitos macaquinhos na comunidade, bichinhos vieram se deslocando,

daí a gente fez toda essa pesquisa em cima do porquê que estava aparecendo. O que a gente pode fazer para mudar? Se é tão importante o túnel, por que é importante? O que é que causa? Então a gente tem essa preocupação com lixo, com [...] e a comunidade em si, pelo que a gente observou nas pesquisas eles também têm assim a preocupação, foi muito legal. Ah, eles têm consciência assim, ó, às vezes também é, falta no geral. Como eu digo pra [sic] ti? Não é só aqui, já vem de todo um sistema que também às vezes acontece algum problema, não é só a comunidade, precisa assim de um apoio, é. É, é que eu observei assim, até eles colocaram assim: ‘Olha, eu deixei um galãozinho todo de óleo usado ali, o caminhão passou por cima.’ Ele disse: ‘O próprio caminhão do lixo.’ Porque ele não era o de reciclagem e ele achou que o homem ia recolher, e ele nem notou e passou por cima, estourou tudo o galãozinho de óleo que ele [...] então assim, ó, algumas coisas falta [sic] de cima também para estar vindo [sic] para eles, e às vezes eles têm até informação mais [sic] falta assim é, é difícil às vezes querer mais. Pelo que eu observei, a comunidade assim está, não todos, está preocupada, assim falaram conselhos para os alunos de conscientização, principalmente o lixo, eles falaram. Achei legal para as crianças ter essa consciência de que o lixo retorna para eles mesmos, eles colocaram bastante depoimentos assim. Foi bem legal (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Baseando-se no relato de Samambaia, sugere-se que haja na escola um projeto de EA que contemple meios que levem informação e estimulem à reflexão, contribuindo para a formação de alunos-cidadãos críticos e atuantes na comunidade. Para Marcomin et al. (2012), a EA pode conduzir a comunidade a conhecer melhor o espaço onde vive, além de induzi-la a discutir a problemática ambiental que este espaço possui, criando meios para o encontro de soluções. Porém, para isso, deve contemplar o contexto da realidade da comunidade onde está inserido.

Ao sugerir um projeto de EA, não se a coloca na condição de salvadora, mas como uma possibilidade para a organização e mobilização dos sujeitos/atores.

Assim como Laranjeira, Samambaia fala do projeto horta escolar desenvolvido em 2013, que integrou a comunidade com a escola:

Sim, ela fez até no ano passado desenvolveu, aí esse ano deu uma paradinha, mais [sic] assim foi desenvolvida a horta na escola juntamente com os alunos e a comunidade. A comunidade participou, eles traziam, até eles recolheram, depois eles colheram o que eles plantaram e tudo, e os pais vinham e acompanhavam. Foi uma pena que aí depois tudo isso aí, ele [sic] acabou se perdendo porque não continuou tendo aquele apoio que precisa às vezes para poder continuar o projeto. Aí para ali, aí não teve mais esse [...] e a gente às vezes acha que não é só vim [sic], que a gente consegue desenvolver, que precisa de uma coisa, uma máquina, de uma coisa, tudo envolve, então, não é, e às vezes assim tu vai [sic] pedir e agora não dá [sic], e então leva mais, daqui uns seis meses que aparece alguma coisa, é tudo muito lento, é muito lento para desenvolver alguma assim com a comunidade. Mais [sic] assim tenta, a escola sempre tenta estar [...] integrando, envolvendo eles com as, para estar levando para os pais, para estar mostrando que isso está acontecendo na escola, levando para eles também (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Currie e Coco (2002), a respeito da horta escolar, dizem que, conforme os

trabalhos dos alunos na horta avançam, são criados laços de união que só tendem a se fortalecer, e que através da horta a escola estará investindo num processo de aprendizagem importante para o bem-estar da comunidade. Como o trabalho da horta requer uma parceria da escola com a comunidade, ambas devem estar integradas e, conseqüentemente, integram o ambiente.

Violeta comenta que a integração escola, ambiente e comunidade acontece da seguinte maneira:

É só a questão mesmo dos nossos projetos que a gente faz, que é onde nós podemos fazer junto com a comunidade. Agora na questão, porque como nós sempre, todo ano a gente tem a questão da nossa horta, onde [sic] agora este ano nós vamos envolver alguém da comunidade para contribuí [sic] também junto com o aluno na questão da horta e ali nós vamos ensinar a questão de como temos que conservar desde a terra quanto a questão também da água (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

A gestora explica que o trabalho desenvolvido com a horta escolar desperta a questão do cuidado com a terra e com a água, que são importantes recursos com os quais o ser humano se relaciona e depende deles para a sua sobrevivência.

Vários participantes da pesquisa enfocaram a questão da horta escolar sob percepções distintas, e como menciona Merleau-Ponty (2011, p. 325), “[...] é preciso reter os momentos do percurso e ligar um ao outro os pontos da superfície”. Assim, se as pessoas pudessem ter a possibilidade de ligar os pontos abordados pelos entrevistados a respeito da horta, poder-se-ia construir um projeto integrando escola e comunidade.

No **Bloco C** os participantes da pesquisa conversaram com a pesquisadora sobre o conhecimento do PPP e sua influência sobre o papel da escola na formação de cidadãos comprometidos com a comunidade, o papel da APP na escola, a APP e a formação do cidadão, a integração da APP-escola-comunidade e ambiente, a escola e a APP e, finalizando, sobre a APP e a escola e a relação que ambas estabelecem com o cuidado entre os seres.

A respeito do conhecimento do PPP e sua influência sobre o papel da escola na formação de cidadãos comprometidos com a comunidade, Golfinho afirma: “Eu já ouvi, mais [sic] [...] Não sei”. Já Copo-de-Leite relata:

Não. É. É, teve uma reunião no começo do ano que, não sei se é isso que eu vou falar, que passou para explicar que agora não é mais só até o sexto ano, oitava, tal, tem mais um ano. E que nossos filhos têm mais um ano na escola é, é isso, para [...] Reunião aqui tem no começo do ano, em meados do ano que é para coisa, para ver assim como é que está e tal, férias essas coisas e só assim [...] (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Os depoimentos das duas mães evidenciam que elas não conhecem o PPP da escola. Sobre a influência do PPP na formação de cidadãos comprometidos com a comunidade, Copo-de-Leite apenas diz: “Não sei te dizer”. Dando continuidade aos relatos, Laranjeira confundiu PPP com APP. Ela conta:

Não. Só um pouquinho, o projeto político pedagógico, o quer dizer? Ah, perdão, conheço. PPP conheço sim. A gente já fez parte do PPP, da APP da escola, da Associação de Pais e Professores da escola, conheço sim. A APP é outra coisa? PPP, político, como é que eu devo falar, eu não sei falar (Laranjeira, mãe, não membro da diretoria da APP).

Talvez essa confusão tenha se dado em função de ambas as siglas serem parecidas, como também pelo fato de que elas não terem conhecimento de uma ou das duas. Floresta comenta que: “Não. Não. Não, porque na última reunião que teve eu não vim. Aí eu não sei, aí eu não sei se conversaram sobre isso”. Floresta, assim como as demais mães participantes da pesquisa, não possui conhecimento acerca do PPP da UE.

Segundo Veiga (2002), o PPP é construído e vivenciado em todos os momentos da escola, sendo uma construção coletiva, com a colaboração de todos os envolvidos com o processo educativo. Além disso, qualquer projeto pedagógico da escola é também um projeto político, já que está ligado com o compromisso sociopolítico, com interesses reais e coletivos da população, sendo político no sentido de comprometer-se com a formação do cidadão para a sociedade (VEIGA, 2002). Assim, o PPP de cada escola deve elencar características que auxiliem na formação de um sujeito atuante e comprometido com a sociedade, e por ser uma construção coletiva pelos membros da comunidade e da escola, deve estar ao alcance de todos, sejam professores, gestores, administradores escolares, pais e comunidade em geral.

O relato de Flor Azul demonstra que o PPP foi reformulado, contudo ficou apenas no papel:

Sim, a gente o trabalhou no início do ano, reformulamos todo. Mais [sic] é assim [sic] tu faz [sic] toda aquela reformulação, fica lá no papel que eu penso que a gente deveria ter uma cópia disso e já não digo mensalmente, mais [sic] pelo menos assim que três vezes no ano a gente pudesse parar e estar pensando [sic] ele [sic]. Lendo ele [sic] e vendo o que a gente está colocando em prática daquilo que foi pensado no início do ano.

De acordo com Veiga (2002), como o PPP busca um rumo, um direcionamento, trata-se de uma ação intencional, com um sentido claro, ou seja, é um compromisso determinado coletivamente. Logo, o PPP deve ser discutido na escola, sendo que suas especificações devem estar contidas nos planejamentos dos professores. A esse respeito, Flor

Azul declara que é algo fragmentado, isolado:

Como é que a gente faz o nosso planejamento? Nós temos uma proposta curricular, certo? E aí a gente vem com o currículo, com o conteúdo do ensino dos nove anos já pronto, que já vem. Que já vem para a gente, tudo o que a gente tem que fazer é adequar ele [sic] com os conteúdos que a gente quer trabalhar de fato, quais os textos, de que forma que vai trabalhar [sic], a metodologia e tal. Que na verdade a gente fica atrelado ali [...]. Então assim é uma coisa extremamente isolada. Porque até pra [sic] ti fazer [sic] o teu planejamento, é uma coisa isolada, tu não para [sic], para planejar aqui, por mais que tu tenha [sic] hora-atividade, mais [sic] o que são quarenta e cinco minutos de uma Educação Física, [...] E outra, que aí tu está [sic] tentando organizar tuas coisas, daqui a pouco acontece alguma coisa, daí vem um aluno da Educação Física chorando porque brigou, porque aconteceu, porque isso, por aquilo. Gente, mais [sic] o que está acontecendo? Não, tu não tem [sic] realmente a tua hora-atividade, ela é tomada por outras coisas. [...] Então assim, é uma furada na verdade porque a escola, se nós tivéssemos de fato a cada bimestre esse dia, será [sic] tirado para o planejamento, vamos estudar, vamos planejar, nós estamos com o tema tal e tal aqui tem algumas dicas de *sites*, de textos que vocês possam estar trabalhando [sic]. Só que como eu estou aqui desde 2010, naquela época de 2010 a gente tinha uma supervisora ótima. A supervisora tinha tudo muito bem organizado então assim eu tenho algumas coisas da época dela, que na época ela me deu com temas iguaizinhos que estão sendo trabalhados esse ano, então pra [sic] mim facilita muito. Mais [sic] assim, o nosso planejamento eu não sei te dizer na verdade se tem a ver com que fala o PPP. Se eu disser que eu sei, eu estarei mentindo.

Veiga (2002) lembra que o PPP deve diminuir os efeitos da fragmentação da divisão do trabalho escolar. Cabe então ressaltar que o objetivo do PPP é a organização do trabalho pedagógico em sua totalidade, e não em fragmentos, algo muito comum em muitas escolas. Segundo Flor Azul, o documento conta com várias medidas para a formação de cidadãos, contudo as atitudes de algumas pessoas na escola não condizem com o que está estabelecido no PPP da escola. Conforme o PPP (2013, p. 14, grifo no original), a escola tem por objetivo “contribuir para a formação de um sujeito ético, consequente, crítico e criativo, motivado a participar dos avanços tecnológicos de forma consciente, sem perder a essência do ‘ser’, com vistas a uma sociedade mais justa e fraterna”.

A professora Flor Azul continua:

Bom no papel, na escrita sim. Na prática não, [...], quando tu ouve [sic] alguém dizer que chamou o pai do fulano e botou a matrícula à disposição, que formação é essa? Não se busca uma alternativa porque tal aluno está com tanto problema? Por que está tão recorrente o mesmo aluno, com determinado professor acontecendo tal coisa? Não é só o aluno. Vamos parar, vamos ver o que está acontecendo, vamos pensar numa alternativa para melhorar o relacionamento desse aluno com essa disciplina, nessa sala. Não tem isso, é só simplesmente, um só [...] (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Aqui volta-se à questão de aliar a teoria à prática. Nesse sentido, Freire (2013, p,

123) diz que “[...] a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude”. Desse modo, se o que está escrito no PPP for realmente vivenciado na escola, o processo educativo será construído e reconstruído constantemente, gerando mudanças de atitudes e, por conseguinte, sua incorporação.

Mar enfatiza que conhece parcialmente o PPP, sendo que os projetos contidos no documento para serem desenvolvidos no decorrer do ano letivo auxiliam na formação do cidadão:

O PPP? É, conheço sim, partes. Ah, eu conheço que tem muitas coisas boas assim para formar o cidadão, na parte cultural, de esportes, de lazer, na parte de leitura, de projeto de poesias, de literaturas, de disciplina, as regras para os alunos, como eles devem se comportar na escola, ah, dos professores também (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

Samambaia, sobre o conhecimento do PPP, comenta: “Olha, eu conheço assim, já li tudo assim, têm algumas coisas que estão assim, é que eu não me lembro muito bem. Mais [sic] eu já peguei, já li, já [...]” Com relação à contribuição do PPP para a formação de um cidadão comprometido com a comunidade, Samambaia relata:

Não, assim, dos projetos que foram colocados para serem desenvolvidos assim que a gente está tentando fazer. É [...] Do que a gente tentou colocar ali, porque não adianta só colocar no papel para ficar ali no projeto, aí então assim porque eu acho que é ali o que tu pode [sic] está [sic] mexendo, não adianta tu só colocar [sic] no papel e não fazer. E no projeto político estava assim, há o desenvolvimento dos projetos e está acontecendo, é sobre poesia, sobre o meio ambiente, sobre vários temas ali a gente colocou no projeto e estão acontecendo, então é um ponto positivo isso aí, eu acho (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Assim como Mar, Samambaia também conta que no PPP estão contidos vários projetos e que estes estão sendo desenvolvidos na escola. Dessa forma, o PPP auxilia na formação de um cidadão comprometido com a sociedade, na concepção de Samambaia. Nesse norte, Veiga (2002, s/p) refere que o PPP “propicia a vivência democrática necessária para a participação de todos os membros da comunidade escolar e o exercício da cidadania”.

Violeta diz ter conhecimento do PPP e que ele é um documento onde estão contidas as ações que a escola irá desenvolver durante o ano. Quando questionada, responde: “Conheço”. E continua:

[...] é que o projeto, ele [sic] tem, ele tem todas as, vamos dizer assim, ele apresenta o que a escola tem que ter durante o ano todo. Desde as nossas atividades, as nossas formas de ver pedagógica [sic], as questões também do conteúdo e as questões como que nós vamos pedir para que os pais estejam sempre inseridos na escola. Tem,

porque lá no projeto político pedagógico está marcado o que é a escola, qual é o compromisso da escola com o aluno e com a comunidade e com os pais (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Veiga (2002) elucida que o PPP não tem por objetivo apenas um rearranjo da escola, mas sim visa à qualidade em todo o processo vivenciado, sendo que a organização do trabalho pedagógico da escola está relacionada com a organização da sociedade. Por isso, o PPP deve direcionar meios para a melhoria da comunidade onde a escola encontra-se inserida, além de conter os pressupostos para a formação de pessoas críticas e atuantes na comunidade.

Com relação à APP, segundo o estatuto da APP da escola Fábio Silva (2013a, p. 1), “além de ser um dos instrumentos de participação dos pais, deve avançar no propósito de ser coparticipante de todo o processo político pedagógico da escola”. Assim, a respeito do papel da APP na escola, Golfinho relata: “Papel da APP na escola. Deixa-me pensar, espera aí. Não. Nem vou te responder porque eu não sei”. Apesar de Golfinho ser membro da APP, ela desconhece o papel que tal entidade desempenha na escola.

Para Copo-de-Leite o papel da APP está relacionado ao fato de ajudar a escola, no sentido de melhorar a sua infraestrutura:

Ajudar a própria escola, em tudo, ó, eu vou falar pelo meu tempo [...] É uma melhoria numa sala de aula, um ventilador, um material de limpeza, a APP, eu acho que ela envolve tudo. É uma festa, tem que ter o tesoureiro, tem que ter tudo, a APP tem que estar junto também para quê? Ah, deu tanto de valor, o que nós precisamos? Vamos primeiro pegar, desde o primeiro que precisa, ah, eu preciso trocar o forro da escola, trocar o forro, qual é a prioridade primeiro? [sic] [...] Eu acho que prioridade é um forro caindo, é uma porta, como agora a gestora trocou os banheiros porque têm banheiros que precisavam botar coisa para deficiente, caso venha a ter alunos assim, então eu acho que a APP engloba nisso, ajudar em tudo (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Copo-de-Leite diz que na escola há uma professora, membro da APP, que incentiva, integra a escola com o meio ambiente:

Não sei, é, se tem. Eu sei que tem uma pessoa aqui que batalha muito pela escola, é a professora X, ela ensina muito nossos filhos na questão de [...] A professora X ensina muito nossos filhos as coisas de horta, ela que incentivou a fazer uma horta. [...] Ela incentivou muito na gincana que teve aqui agora, meu Deus, essa professora ela mexe com os alunos, ela [...] motiva os alunos. É assim para de comparação [sic] é que vai acaba [sic] esse bimestre, então eles fazem uma gincana entre as turmas. [...] Então a professora X é uma das pessoas mais atuantes da escola, para mim é ela. [...] ela dá aula de canto, ela ensinou como se faz uma horta, ela leva os alunos para horta, ela incentiva, ela é uma batalhadora pelo meio ambiente, por tudo, tudo ela engloba na sala dela, ela engloba tudo (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Esse processo de integração pode ser visto como um dos objetivos da APP. Laranjeira, a respeito do papel da APP, enfatiza, mais uma vez, a pouca participação dos pais na escola. “[...] APP já está dizendo: Associação de Pais e Professores e aquela questão que eu venho, que os pais deixam a desejar com a escola, então seria bem melhor, o projeto seria bem mais evoluído se os pais participassem mais das reuniões”. Talvez, se houvesse uma maior participação dos pais, na concepção de Laranjeira, a APP pudesse desempenhar melhor o seu papel.

Floresta, quanto à APP, menciona: “Até queria saber se ainda tem. Tem APP aqui na escola? Porque até parece que a minha filha estava, mais disse que um participava, outro não, acabou saindo”. A fala de Floresta, de certa maneira, complementa pensamento de Laranjeira, uma vez que Floresta evidencia a pouca participação dos associados na entidade na escola.

Flor Azul, em seu relato, deixa evidente que a APP pode desenvolver ações importantes dentro e fora da escola, no entanto, assim como já evidenciado por Laranjeira e Floresta, não ocorre o desempenho deste papel:

[...] Além do aspecto financeiro da escola, eu acho engraçado que a escola é uma entidade que não tem renda. Porque não produz nenhum tipo de renda, mais [sic] têm alguns encargos que a escola tem que pagar, que a APP tem que pagar como é o caso da contratação das merendeiras. Aí eu não entendo como que se vai pagar se não tem renda, se não gera renda. É uma coisa um tanto quanto contraditória essa que eu não consigo entender. Então a princípio seria a questão do pagamento das merendeiras, e aí a escola e a APP têm que estar preocupadas com a questão financeira para isso, seria [sic] questões de manutenção do prédio. E, como eu já falei anteriormente, ela teria que estar mais focada, trabalhando junto para ver o andamento do pedagógico, das relações comportamentais entre alunos e professor, a questão comunidade, APP seria o ponto perfeito para fazer o elo escola-comunidade, se dentro dessa APP realmente a comunidade estivesse presente. Não, nem um pouco. É distante, eu vejo a APP dessa escola como só algo meio fictício. Porque assim, ó, uma presidente que assina os documentos que são necessários, o tesoureiro que cuida das questões financeiras, só (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Com relação às atribuições da APP que constam no PPP da escola, Flor Azul compara a realidade da APP de escolas distintas:

Não, mais [sic] eu poderia, pelo que eu sei, seria ver essas questões do prédio, questões físicas do prédio. As questões financeiras relativas ao pagamento das serventes que ficam a cargo da APP. E dar uma contribuição com a direção em outras questões, a princípio isso está lá. Mais [sic] que só geralmente fica no papel. Não sai de lá. [...] porque eu já participei de APP em outra escola que eu trabalhei. Então nós éramos um grupo muito afiado com a escola e com a comunidade. Tudo, era até chato, vamos dizer assim, porque as reuniões eram muito constantes, porque a direção, ela [sic] não fazia nada, nem que fosse assim dez minutos a gente tinha

que sentar, aí vinham as mães ou os pais que faziam parte, elas às vezes assim gente é bem rapidinho, mais [sic] tem tal coisa, tem tal coisa, a gente precisa decidir isso e tal, vamos discutir. Aí o pessoal muito maduro: ‘Não, então vamos prorrogar essa reunião, vamos fazer mais um tal dia para gente definir.’ Então era tudo assim, muito. Imagina, toda atividade, por exemplo, vinha um evento de Dia das Crianças, todo mundo, a APP tomava conta, é ela que organizava tudo. Tinha a parte de recurso que precisava contratar um [...] Esses brinquedos de diversão, de [...] a APP tomava conta disso. A escola não esquentava [sic] com isso.

Fica visível, na concepção de Flor Azul, o que é uma APP atuante e participativa e uma APP pouco atuante.

De acordo com Mar, a APP da escola deve fiscalizar a parte física, sendo que esse papel é executado na escola, além de fiscalizar a parte pedagógica, a qual, na presente escola, segundo Mar, deixa a desejar: “O papel da APP é fiscalizar e assim melhorar a escola tanto na parte física como pedagógica também. É na parte de fiscalização sim, assim na parte pedagógica eu acho que não. É, deixa a desejar”. Mar ressalta que o principal papel da APP, estabelecido no PPP da escola é a questão da fiscalização: “A de fiscalização, a de compra de materiais, tudo com nota, tudo registrado. Tudo certinho. Ah, sim, é porque se não tivesse fiscalização, aí mesmo que não funciona”.

O relato de Samambaia não é muito diferente do que já foi explicitado pelos outros atores da pesquisa, que mencionam que a APP está deixando a desejar em suas funções:

É, eu acho assim, que a APP está um pouco falha em minha opinião assim, ó, como o papel fundamental é pais, professores, já está dizendo: APP, uma associação de pais e professores e, e não acontece muito assim, que eu vejo muito assim numa reunião pode vim [sic] um pai e não um professor que está ali, é um pai, então eu acho que se não tivesse, senão tivesse acompanhamento assim com pais e professores juntos, dali não vai conseguir nada senão partir dali, tem que ter um conjunto. Eu vejo assim que aqui está muito [...] parado, que eu vejo assim. [...] Eu que acho teria que sê [sic] mudado [sic] essa APP assim, não mudado [sic] até as pessoas assim não têm nada a ver com as pessoas que estão na APP. Não é isso. O que eu digo assim, ó, é tentar participar mais, buscar mais esse comprometimento com pais, ver quem é o presidente, quem é o isso, o tesoureiro, que função, resgatar alguma coisa, tentar buscar alguma coisa para escola. Está muito assim parado [sic] essa questão. Eu vejo que APP pouco funciona assim. Olha, no momento o que eu vejo é nada assim muito [...] pouco assim que eu vejo assim de APP [...] (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

O papel da APP, no entender de Violeta, é basicamente o mesmo descrito por Mar, que a associação deve fiscalizar, e para isso precisa de uma equipe diretiva para aprovar o que a escola deve fazer com as verbas recebidas das esferas governamentais:

A APP é porque ela é uma entidade que ela [sic] vai, que ela recebe as verbas que

vêm tanto estaduais quanto federais e que tem que ter um presidente para podê [sic] presidir. Ela tem que ter uma diretoria e que tudo, todos os equipamentos, vamos dizer a questão de todos os materiais que nós vamos adquirir. Tem a comunidade, ela tem que estar presente, ela tem que estar sabendo e ela tem que aprovar esses materiais que nós iremos comprar, para isso a gente, a APP, ela [sic] deve existir (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Violeta, a respeito das atribuições da APP contidas no PPP, diz que se trata da presença em atividades desenvolvidas pela escola, principalmente no que tange à gestão financeira:

As atribuições da APP é que ela tem que estar presente em todos as atividades que a escola faz, principalmente quando é na parte financeira. Olha, as atribuições mais relevantes seriam as que estão de [sic], a questão de todo, ó, vamos dizer assim, os nossos projetos que a gente tem. Não seria [sic] bem os projetos, as questões [...] A questão do recurso, dos recursos que são federais e estaduais, a APP, ela [sic] tem que estar junto para comunidade também saber, está [sic] bem ciente.

No PPP (2013, p. 55, grifo no original) estão contidas as seguintes atribuições da APP:

- Promover a integração da escola à comunidade em termos de conjugação de esforços, articulação de objetivos e harmonia de procedimentos;
- Promover a interação entre a família, o aluno, os professores, os funcionários e a administração do estabelecimento de ensino;
- Propor medidas que visem ao aprimoramento do plano de ensino aplicado, à integração do aluno e a assistência de 'modo geral' ao corpo discente;
- Fixar o valor da matrícula e da contribuição mensal junto à Direção da Unidade Escolar;
- Designar pessoas para a conscientização permanente do aluno e da família;
- Fazer a prestação de contas mensalmente, expondo-a a todos;
- Propor e auxiliar eventos com fins lucrativos e sociais, tais como: festa junina, bingos, rifas, gincanas e etc.

Já no estatuto da APP da escola Fábio Silva (2013a, p. 1), as finalidades da APP são:

Art. 2º. Constitui finalidade específica da APP a integração escola-comunidade em termos de conjugação de esforços, articulação de objetivos e harmonia de procedimentos, o que se caracteriza por:

- I. Estimular a transformação da escola em centro de integração e desenvolvimento, em estreita digo, comunitário, aprimorando-a como agente de seu próprio desenvolvimento, em estreita colaboração com os órgãos do poder público e outras entidades;
- II. Promover a aproximação e a cooperação entre pais e professores de modo a interessar os membros da comunidade pelas atividades escolares e a escola pelas atividades comunitárias;
- III. Promover na Unidade Escolar em cooperação com outras entidades, cursos, campanhas e atividades educacionais sociais, culturais e desportivas;
- IV. Participar na solução de problemas inerentes à vida escolar, dentro da harmonia

que deve orientar a convivência entre pais, responsáveis legais, professores e alunos;
 V. Cooperar na conservação do prédio e equipamentos da escola;
 VI. Administrar, de acordo com as normas legais que regem a atuação da APP, os recursos provenientes de subvenções, doações, arrecadações da entidade e sempre prestando conta aos associados; sendo responsável pela contratação e demissão de empregados, dependendo da necessidade e da possibilidade financeira da entidade.
 VII. Articular com a Gestão Escolar e Conselho Deliberativo, junto aos órgãos da Administração pública, reivindicações da comunidade escolar quanto aos benefícios para a Unidade Escolar, sempre que houver necessidade.

Com base nas atribuições sinalizadas no PPP, nas finalidades da APP contidas em seu estatuto e nos relatos dos atores da pesquisa, é perceptível que nem todas as finalidades e atribuições estão ocorrendo na escola, ou melhor, não ocorrem de maneira eficiente. A APP, se bem estruturada, é um meio que poderia favorecer o processo de integração da escola com a comunidade. Se a APP estiver articulada com algum projeto escolar, assim como de EA, pode subsidiar uma efetiva integração da escola, comunidade e meio ambiente.

A respeito da APP e sua contribuição na formação do cidadão, Golfinho diz que as pessoas envolvidas com a APP devem ser responsáveis para o trabalho ser bem desenvolvido: “Tu tens que botar pessoa responsável. Não adianta tu querer [sic] botar uma pessoa que não é responsável porque não chega certinho”. No entanto, Copo-de-Leite, sobre a APP e a formação do cidadão, limitou-se a responder: “Não sei te dizer”.

Laranjeira comenta que a APP pode auxiliar na formação do cidadão “através da orientação, orientando os alunos a ser um bom cidadão [sic]”. Além disso, enfatiza mais uma vez que a entidade “deixa a desejar, é como eu te disse desde o início, falta compromisso dos pais” (Laranjeira, mãe, não membro da diretoria da APP). Floresta compartilha da mesma opinião de Copo-de-Leite ao dizer: “Hum, pois agora aí eu não sei, isso eu não sei te responder”. Flor Azul foi enfática: “Com certeza. Eu penso assim: se ela efetivamente [...]”. Observa-se que alguns atores da pesquisa têm dificuldade em associar a APP à sua contribuição na formação do cidadão; outros dão a impressão de que se a entidade funcionasse efetivamente, tal contribuição seria muito positiva.

Mar aponta sugestões para a APP auxiliar na formação do cidadão: “Pode. É, trazendo projetos, executando os projetos, trazendo recursos para a escola. É. Na formação dos alunos, a APP [...] É, é mais na parte de fiscalização das notas, de fazer assim alguma obra na escola, assim tudo fiscalizado”. Samambaia também menciona sugestões de como a APP pode ajudar neste quesito:

Ah, eu acho porque assim, ela já trazendo pais [sic], aí tu começa [sic] a trazer pais, quando tu traz [sic] pais, aí eles vão levando para os outros também e é tão importante isso porque eu vejo assim que eu vou, eu estou ali, aí eu vejo um

problema ali, o que está causando. Aí tu discutes na reunião, passa para os pais. E os pais vão tentar buscar também uma solução. Aí não só com os professores da escola, os pais tendo essa participação, nem que sendo pouquinho porque, claro, vão ter alguns membros, só aí ele vão estar repassando [sic] depois para estar buscando [sic] até alguma ajuda também porque assim, ó, quando a gente fala professor, escola, a gente, quase ninguém dá muita importância quando tu vai [sic] buscar alguma coisa, e quando é um pai que às vezes vai lá e bate na porta, eles olham com outros olhos quando é [sic] pais, porque tudo isso envolve (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Mar sugere a fiscalização como um meio de a APP auxiliar na formação do cidadão. Samambaia reforça que a participação dos pais é um “ingrediente” imprescindível para unir a APP em prol da formação do cidadão. A APP, no olhar de Violeta, contribui com a formação do cidadão na questão dos materiais didáticos, recursos pedagógicos que a escola adquire, uma vez que a associação tem que estar a par de tudo o que a escola compra para tais fins:

Pode, sem dúvidas, porque os materiais que nós, tanto didáticos, pedagógicos quanto os materiais, os nossos tanto os materiais físicos e de consumo que nós vamos adquirir, a APP, ela [sic] tem que estar de acordo com esses materiais, e esses materiais, eles [sic] vão proporcionar na questão da aprendizagem do aluno e que vão ajudar na questão também da cidadania. [...] Então ela contribui nessa formação do aluno. Através de todos os recursos pedagógicos e das atividades que nós vamos desenvolver (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

A APP, segundo o PPP (E.E.F. FÁBIO SILVA, 2013b, p. 55), “é um órgão que atua junto à Direção, auxiliando na administração e na captação de recursos para melhorar a qualidade da educação e suprir as necessidades básicas da escola”. Nesse sentido, melhorar a qualidade da educação acredita-se ser uma forma para auxiliar na formação do cidadão crítico, atuante e comprometido com a comunidade.

A respeito da integração estabelecida entre APP, escola, comunidade e ambiente, Golfinho diz que não é realizada essa integração: “Não faz esse papel”.

Copo-de-Leite revela: “Na verdade eu nem sabia que eu era da APP”. Essa fala remete a uma preocupação: como pode ser membro de uma associação sem ter conhecimento disso? O relato de Copo-de-Leite, assim como o de outros atores da pesquisa, evidencia que a APP da escola está estruturada nos documentos da escola, mas na prática parece que não acontece, ou ocorre de modo precário:

Ela uma vez perguntou pra [sic] mim, a X. Se eu queria ser da APP. Ah, pode botar, eu já fui uma vez, ela pegou o meu histórico lá do Chapeuzinho Vermelho e pode botar. Só que falei: ‘Pode botar.’ E nunca me falou. Eu acho, eu tô [sic] falando por mim, que nem tem reunião na APP, porque eu acho que a APP só foi formada. Eu acho que ela só é formada para ter [...] oficialmente e para consegui [sic] angariar

[...] recursos para escola. Mais [sic] eu acho assim ela não é atuante. Não tem uma reunião, vamos dizer assim [...] Eu acho, eu acho que a APP daqui não tem, mesmo porque eu acho que a APP, só de pai, sou só eu. Eu acho que não, não sei te dizer porque assim, não sei nem quem é o membro da APP. Não, eleito foi dedo. A gestora chegou lá, a diretora no caso, é. E a pesquisadora que me passou isso: ‘Porque eu soube que tu eis [sic] da APP.’ ‘Sou?’ ‘É.’ ‘É, sou da APP, então tem que ser mais atuante, então e aí foi aonde [sic], não precisasse, sempre fiz mesmo, para, eu me empenhei de vir tirar prenda, eu atrás de [...] a minha filha também é muito atrás, dessa de correr atrás, e eu levei ofício, não fui lá pedir de boca, levei mesmo para mostrar e daí que eu soube que eu era da APP, mais [sic] até então eu era uma mãe de aluno (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Com relação à integração APP, escola, comunidade e ambiente, Laranjeira destaca: “Um pouco, não tanto, um pouco. [...] coletivo, se todos trabalhassem em grupo faria, seria bem mais [...] Mais produtivo em todas as áreas, ambiental e tudo”. Além disso, Laranjeira sugere que sejam elaborados projetos em conjunto com a comunidade como uma possibilidade de integração APP, escola, comunidade e ambiente:

Poderia, poderia sim. Não, eu acho assim, que a gente vai tudo pela tentativa. Se a gente tentar, a gente vai saber, e pelo pouco tempo que eu conheço pessoal daqui, eles [sic] iriam abraçar. Não, cem por cento não, nunca cem por cento, mais [sic] uns sessenta por cento eles abraçariam. Porque eu me coloco na posição de pais fora e aí nessa minha posição de pais fora, alguns que eu conheço, eles angariariam, abraçariam essa causa (Laranjeira, mãe, não membro da diretoria da APP).

Flor Azul diz que não existe a integração APP, escola, comunidade e ambiente. Porém salienta, como Laranjeira havia enfatizado, que a comunidade pode auxiliar:

Não existe. Não tem. Se a APP é uma ficção, logo ela não vai conseguir fazer esse papel. Nossa, eu acho que dentro desses projetos, já desde o ano passado, desde o projeto horta, por exemplo, que a nossa ideia era fazer uma feira aqui, trazer a comunidade para vir ver e como dizem as crianças: ‘Tia, a gente pode estar vendendo [sic] e com o dinheiro que a gente arrecadar a gente comprava mais mudas, sementes e tal.’ Tudo isso foi planejado, só que não foi possível. Então, tu imaginas se tivesse uma APP formada por pais? Olha, que bacana, já que temos na comunidade tantos pais que têm a sua horta, que sabe [sic] trabalhar, que cuidam do meio ambiente que poderiam estar fazendo [sic] esse trabalho, mantendo, ajudando essa escola a ficar limpa, organizada. Como seria diferente, nossa! Esses projetos todos que essas crianças gostariam de estar participando [sic] e que sonham fazer com certeza eles seriam viabilizados (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Mar evidencia que a integração é algo distante: “É, a integração é pouca”. E também aponta sugestões que, de certa maneira, são parecidas com outras já propostas por Flor Azul para que essa integração possa ocorrer:

Hum, é fazendo, é conversando entre eles, entre a APP, a comunidade e a escola, é vendo o que pode melhorar, é fazendo reuniões periódicas para solucionar e ter

ideias boas e sejam aplicadas dentro da escola. Sim, até para buscar mais recursos para trazer mais, assim [...] Mais parcerias com empresas privadas para desenvolver mais a escola, porque a escola precisa de bastante recursos. Por exemplo, é assim às vezes, é, podia trazer assim cursos de formação para dentro da escola, cursos de, assim de, por exemplo, é, de eletricitista. Podia fazer uma parceria com uma empresa, é, treinava assim os pais, dava o curso assim à noite na escola (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

Nesse sentido, Mar explica que oferecer cursos à comunidade visando ao seu aperfeiçoamento é uma maneira de integrar a APP, escola, comunidade e ambiente. Samambaia manifesta sua opinião sobre a integração da APP, escola, comunidade e ambiente: “[...] e já ia mudar muita coisa que eu vejo assim que está muito parado [sic] a nossa escola, com alguma coisa, é porque é uma falha da APP também”. Isso traria mudanças para dentro da escola e para o seu entorno conseqüentemente.

Na visão de Violeta, as reuniões realizadas na escola são um meio de integração da APP, escola, comunidade e ambiente:

Ela auxilia muitas vezes na questão das nossas reuniões, porque todas as nossas reuniões, elas [sic] precisam, nós temos que descrever o que nós vamos, é, no caso como nós iremos nos processar, vamos fazer e tem que estar todos de acordo tanto a comunidade quanto o pessoal integrante da APP (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Quanto à escola e à APP, Golfinho diz que a respeito de a escola favorecer a participação da APP e da comunidade no processo formativo, a escola “não faz esse papel”. Com relação à participação dos pais na APP e na escola, Golfinho conta: “Poderia [sic] ser mais pais para ajudar”. Mais uma vez evidencia-se a pouca participação dos pais na escola e, por conseguinte, na APP.

Na concepção de Copo-de-Leite, a escola cresceu muito em virtude da gestão escolar:

A escola aumentou muito pelo incentivo da diretora, é, vamos dizer assim que eu tenho mais contato agora com a gestora porque [sic], mais [sic] ela é muito batalhadora, ela batalha, ela corre atrás, ela vai pedir ajuda [...] então a escola melhorou nessa função. Não através da comunidade. A comunidade é uma comunidade que ela [sic] pouco ajuda [...] É a contribuição mensal, se eu vou estar dando contribuição mensal para quê? Então [...] É feito no começo do ano também, eles fazem uma pesquisa: ‘Cinco reais. Está bom? Dez reais. Está bom?’ É para ajuda de custos, nesse negócio de papel higiênico, de material de limpeza, que tu sabe [sic] que o nosso governo hoje, não a prefeitura, mais [sic] o estadual [...] pouco ajuda as escolas, elas ajudam numa hora que estão vendo que está na política mesmo, aí eles mandam mundos e fundos se possível, mais [sic] sobre alimentação muita coisa falta, então para isso é angariado [sic] essa contribuição mensal. É, mais assim, comparação: se tem três filhos na escola, eles só cobram de um. Não é cobrado dos três. Se tem, se tu não pode [sic], não pode dar, não pode dar (Copo-de-

Leite, mãe membro da diretoria da APP).

Laranjeira sugere que sejam feitas reuniões periódicas para reforçar a relação da escola com a comunidade e APP:

Mais uma vez eu te digo: se fosse, se tivesse [sic] mais reuniões, como, por exemplo, na minha visão uma reunião da APP e uma reunião para pais no mínimo seria assim, APP principalmente e PPP de três em três meses uma reunião para reacender as ideias e colocar em prática. Não só ter ideias, porque ter ideias é fácil, o problema é colocá-las em prática. Funcionassem de forma mais [...] mais progressiva, podemos dizer assim, teríamos mais progressos se tivesse [sic] mais reuniões (Laranjeira, mãe, não membro da diretoria da APP).

Sobre a avaliação da participação dos pais na APP e na escola, Laranjeira comenta: “Eu acho regular, ao meu ver, eles deixam a desejar. Também como eu te disse lá no início, é bem regular”. Mais uma vez é enfocada a pouca participação dos pais. Flor Azul afirma que a escola deve estimular/favorecer a participação dos pais na APP e da comunidade no processo formativo: “[...] Convidar os pais, têm que ser convidados, estimulados pelo menos a participar. Quando não tem nem isso, e aí não vai ser possível uma coisa se ela não existe, não tem como ela [...]”.

Flor Azul, ao contrário dos outros atores da pesquisa, destaca que a participação dos pais na escola é boa, ao menos dos pais das turmas nas quais ela leciona. Quanto à participação dos pais na APP, compartilha da mesma opinião dos demais:

Na APP é zero porque eles não são convidados a participar, não tem? E na escola eu acho bastante positiva. Acho muito positiva, pelos menos eu estou me referindo bastante à questão dos pais dos meus alunos, que eu sou a professora que tem mais alunos aqui sou eu, juntando as duas turmas, dá quarenta e três, quarenta e quatro alunos. Então eu acho assim bastante positivo, se é entrega de notas, eles vêm, se é Dia dos Pais ou das Mães, eles vêm, se tem algum evento que for para fazer alguma coisa, eles estão presentes assim sabe, eu acho bem bacana assim sabe (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Mar, novamente, ressalta a importância de se trabalhar com projetos na escola para integrar APP e comunidade:

A APP, é, elaborando projetos, é trazendo os pais mais para a escola, conhecer a escola, as regras da escola, o estatuto da escola e fiscalizando mais. É assim vendo como os professores trabalham, é observando se tem algum professor que não está fazendo um trabalho bom, é conversando com a direção sobre o que pode está [sic] melhorando na escola, tirando os problemas, as coisas que não funcionam e trazendo projetos, projetos de leitura, de cultura, de lazer, esporte. É sim, sendo projetos bons melhora assim, melhora bastante, tem o projeto, por exemplo, o projeto da Polícia Militar, aquele projeto, como é que é? O PROERD, aquele lá é um projeto ótimo

para as crianças. É, melhora, tira muita gente do caminho errado (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

Quanto à avaliação da participação dos pais na APP e na escola, Mar pontua: “É, só na APP são atuantes.” Sua afirmação é contrária à dos demais atores da pesquisa que apontam que a participação dos pais na APP é pequena.

Samambaia tem praticamente o mesmo entendimento de Flor Azul a respeito da participação dos pais na APP e na escola:

[...] Então da APP também é essa falha, é pouco, pouca participação. Na escola é [sic] bons alunos que a gente tem, alguns alunos, nós temos bons alunos, os pais participam, continuam, mais [sic] os que mais precisam, como eu te falei, não. E aí tu faz [sic] às vezes várias tentativas de algumas coisas para estar vindo [sic], mais [sic] muito pouco, têm pais assim que a gente nem conhece (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

No relato de Violeta é visível que a escola precisa da APP para poder funcionar e se integrar com a comunidade através da participação dos pais na associação:

Olha, vamos dizer assim que para existir uma escola, ela [sic] tem que existir um gestor, o gestor, ele [sic] vai ter que, ele vai, ele tem que ter uma entidade que seria a APP. O gestor, ele [sic] não caminha sozinho, ele vai precisar sempre de um lado financeiro, e esse lado financeiro não tem quem, só vai vim [sic] se nós tivermos uma entidade, que seria a APP, para nós contribuir [sic]. Então toda parte, tanto pedagógica, administrativa, física, a APP tem que estar junto. Então a escola, ela [sic] tem que estar relacionada junto com a APP, com a comunidade porque se não nós não vamos para frente. Olha, a APP, ela [sic], a maioria dos diretores estão presentes [sic] na APP, são professores e os pais dos alunos que estão muito por aqui. E a questão da formação para ser um aluno atuante é a questão que nós temos que estar sempre presentes nas atividades, nos ensinamentos, nos conteúdos, que nós temos que explaná [sic] com o aluno (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Sobre a avaliação da participação dos pais na escola e na APP, Violeta conta: “Eu avalio de uma forma boa. Boa” (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP). A avaliação de Violeta é contraditória em relação à dos outros entrevistados.

A respeito da participação da comunidade na APP, o PPP de 2013 (E.E.F. FÁBIO SILVA, 2013b, p. 55) estabelece que:

A participação coletiva dos sócios da Associação de Pais e Professores é fundamental para o processo educativo da unidade escolar e a implementação deste plano. Assim sendo, torna-se necessário que esta associação seja cientificada sobre o andamento e funcionamento da escola, para que possa desenvolver um trabalho voltado para as reais necessidades do aluno.

De acordo com os relatos dos entrevistados, nem sempre essa participação descrita no PPP ocorre de fato na escola. Para tanto, é necessário um trabalho que objetive essa participação coletiva, fortalecendo o vínculo da escola com a comunidade.

Para finalizar o **Bloco C**, os atores da pesquisa foram convidados a comentar a relação de cuidado entre os seres da APP e a escola. No olhar de Golfinho, é perceptível que existe a relação de cuidado entre os seres: “Eu acho que sim. Eu acho. Porque um tem que ajudar o outro, não adianta tu querer [sic] que não, porque hoje para ti, como diz o outro, hoje, amanhã a gente não sabe se precisa de ajuda ou não [...] eu acho que sim”.

Copo-de-Leite evidencia que as atividades desenvolvidas na escola ensinam o aluno a ter cuidado com o próximo, com o ambiente e com a terra: “Sim, sim, sempre houve, sempre houve. [...] (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

De acordo com Boff (2009a), deve-se sempre cuidar e respeitar a Terra e a vida em todas as suas formas e diversidades. E a fala de Copo-de-Leite relaciona-se com esse cuidado com a Terra.

No entender de Flor Azul, não há relação de cuidado no tratar as pessoas: “Bom, se ele existisse, como seria bom, por exemplo, assim, eu não sei se talvez já tenha um griteiro [sic] no pátio [...]. Então se tivesse então, se tivesse uma APP formada por pais que tivessem [sic] presentes na escola eu acho que muita coisa seria diferente.”

Em virtude do relato de Flor Azul, faz-se necessário lembrar o que Boff (2005, p. 33) propõe: “[...] o ser humano precisa voltar-se sobre si mesmo e descobrir seu modo-de-ser-cuidado”. Ou seja, é preciso rever o modo como se está tratando as pessoas e voltar um olhar/agir cuidadoso nas relações que se estabelece com os seres.

Mar atribui o cuidado à fiscalização:

É fiscalizando todo o dinheiro que chega, é tudo com nota, que não pode ser nada sem nota, é melhorando a parte física da escola, é vendo os problemas que têm dentro da escola melhorado [...] é o ambiente da escola, professores e alunos (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

Samambaia relaciona o cuidado à participação, uma vez que participando das atividades desenvolvidas na escola o indivíduo irá se sentir sensibilizado a ajudar:

Eu acredito assim, mostrando, participando, ela vai ver o que está, os problemas que estão causando, o que está causando o maior problema na escola para estar levando [sic] isso para a própria comunidade. Então eu acho que essa participação é mais para isso, para tentar ajudar o que tu pode [sic] estar fazendo [sic] para contribuir, então eles tendo essa participação ele vão ter uma outra visão, às vezes pensam que a escola está diferente e, quando participa, vê realmente (Samambaia, professora,

não membro da diretoria da APP).

O olhar de Violeta se assemelha ao de Samambaia, já que ambas enfatizam que a relação de cuidado pode ser estabelecida se houver participação dos pais, da comunidade, nas atividades da escola.

Olha, pra [sic] ter essa questão de cuidado seria só através mesmo, não tem, das chamadas que nós temos que ter com a comunidade na escola, elas têm que vir. Em que momento que seria, esse momento mais que a APP, ela [sic] está bem mais junto porque seria nas questões das nossas reuniões. Que aí nós trouxemos sempre a comunidade junto e ali a gente explana o que a gente precisa na questão do cuidado, as questões de tudo o que a gente vai adquirir [sic], por exemplo, tem a comunidade, os pais têm que tá [sic] ciente e a APP é que comunica aos pais (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

A respeito da relação de cuidado entre os seres estabelecida pela APP e a escola, foram observadas percepções distintas. Isso ocorre, no pensar de Merleau-Ponty (2012, p. 217), pois “as configurações de nosso mundo são todas modificadas porque uma delas foi arrancada de sua simples existência para representar todas as outras e tornar-se chave ou estilo desse mundo, meio geral de interpretá-lo”. Assim, pode-se dizer que as percepções são distintas porque cada sujeito interpreta a relação de cuidado de um modo.

O **Bloco D** atendeu, quando pertinente, às especificidades de cada grupo de entrevistados: pais, professores e gestor. Contudo, outros aspectos foram discutidos e interpretados conjuntamente. Logo, inicia-se o **Bloco D** com o relato dos pais a respeito da importância de os filhos estudarem e a educação como um meio para melhorar a relação do ser humano com o meio ambiente.

Sobre a importância do estudo na vida dos filhos, Golfinho considera relevante, pois assim seu filho poderá ser aquilo que deseja: “Sim. Porque um dia eu quero que a minha filha cresça, vai crescer, [...] mais [sic] eu quero que ela cresça, estude para chegar lá na frente e ter a faculdade dela como ela quer. [...] que eu quero que ela estude bastante para ela ser o que ela quer ser”. Copo-de-Leite também considera importante o estudo, visto que é por meio dele que se pode ter um futuro, uma profissão melhor:

Sim. Um futuro melhor. Eu tiro por mim, hoje, claro, sou comerciante só, se eu pegar uma loja, eu trabalho. [...] onde tu me botá [sic] eu trabalho, sim, claro que eu não vou saber entrar dentro de uma sala de aula e dar aula, que eu não estudei pra [sic] isso [...] hoje eu te digo, eu me arrependo, como já falei, de ser muito bagunceira como fui, de ser muito arteira numa sala de aula e me arrependo porque eu não escutava a minha mãe. Porque hoje eu poderia ter uma profissão melhor, um comércio, ser comerciante, ser uma balconista não é uma das melhores profissões, que é uma classe que não é muito [...] Então eu acho assim, hoje a tecnologia tá [sic]

muito avançada, muito avançada, então pega, tenta. Se tem a oportunidade de estudar, vai estudar, vai estudar porque o teu futuro está ali. Hoje tu não faz [sic] um concurso no Banco do Brasil, tu não faz [sic] um teste numa coisa assim se tu não tiver um estudo, se não tiver o segundo grau completo. Até uma faculdade, porque eu não tenho chance de fazer uma faculdade, mais [sic] vai fazer um curso intensivo, faz Cedup³, hoje nós temos muitas coisas que nós não tínhamos na nossa época. Hoje, é oportunidade. [...] até hoje eu estava escutando na rádio que estava dando que tem curso no SENAC⁴ para cuidador de idosos. [...] Então hoje a nossa vida, os nossos filhos têm que primeiramente estudar, estudar, aproveitar a oportunidade que eu estou te dando, aproveitar o calçado que tu usa [sic], aproveitar a blusa, aproveitar e não reclamar, tu não sabe [sic] o que é o dia de amanhã [...] (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Laranjeira também atribui a importância do estudo a um futuro mais promissor:

Ah, lógico, sem estudo não tem futuro. O estudo, olha, eu tiro por mim, eu desisti de estudar na minha mocidade, na minha adolescência, entre meus 15 e 16 anos e hoje sou bem arrependida. E eu não quero para meus filhos, eu tenho três filhos, eu não quero para eles a minha vida, eu quero para eles uma vida melhor. E a vida melhor é através do estudo, porque do estudo do Ensino Médio vem uma faculdade, da faculdade vem um bom emprego, um bom, como é que eu posso dizer [...] (Laranjeira, mãe, não membro da diretoria da APP).

Floresta igualmente menciona o estudo como um subsídio para uma vida melhor, além de ressaltar a questão da honestidade: “Sim, muito, muito importante. Para mais tarde ter um futuro, o futuro delas, ser alguém na vida, ser uma pessoa honesta na vida. O estudo ensina muita coisa boa, para quem quer aprender.”

A respeito da importância dos estudos, as quatro mães participantes do estudo têm a mesma concepção. Acredita-se que a ideia de um futuro melhor esteja atrelada à construção do conhecimento, pois com conhecimento pode-se ter maiores subsídios para exercer com competência uma profissão e, desse modo, garantir uma vida melhor.

Sobre a educação e sua contribuição na melhoria da relação do ser humano com o meio ambiente, Golfinho conta que se deve cuidar do meio ambiente, já que o ser humano está destruindo muita coisa:

Sim, cuidando do meio ambiente, porque estamos destruindo muita coisa. [...] faz um mês atrás eles tocaram fogo aqui nesse, no Morro do Formigão. [...] queimou tudo [sic] os matos. Aqui atrás também, aqui no meio [...] aqui no morro ali, na minha rua ali dá para ver, destruiu tudo. Não, tu pode vê [sic], passa pela beira rio tem lixo, que tem lixeiro, se não tem onde guardar aqueles computadores, essas coisas, esses dias eu passei no Centro, estava cheio de computador velho assim na beira-rio e como fica o meio ambiente assim? Eles não veem isso? Porque eu acho que tem pessoa que cuida. Debaixo perto da ponte ali, eu acho que tem que cuidar bastante do meio ambiente (Golfinho, mãe, membro da diretoria da APP).

³ Centro de Educação Profissional.

⁴ Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

Copo-de-Leite afirma que a educação para com o meio ambiente está deixando a desejar, tanto no que compete à escola quanto à população em geral. Enfatiza também que parte das pessoas gera a destruição:

É ensinamento também, tudo vem do ensinamento, da própria, é, da escola, mais [sic] também é de nós. Que se vocês, meio ambiente, tem uma árvore lá, eu vou lá cortar aquela árvore porque está lá mesmo. Mostra que aquela árvore pode dá [sic] algum fruto. Ah, mais [sic] aquela árvore não dá fruto, mais [sic] ela dá uma sombra, tu tais [sic] cansada, calor, mais [sic] aquela árvore está te dando sombra. [...] Então eu acho que o meio ambiente deixa muito a desejar nessa parte também que vem da escola e vem também [...] de nós, de casa. [...] Não, não. Ah, o negócio deles é destruição. É destruir. [...] é porque existe [...] aquela criança boa, existe aquela criança ruim, existe em todo lugar, existe em toda comunidade, como existe o adulto bom e o adulto ruim. E eu acho que isso vem deles, da própria [...] Eu acho que já vem da própria casa, da própria coisa de casa (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Ambos os relatos de Golfinho e Copo-de-Leite abordam a questão da destruição, fator que preocupa, visto que se deve cuidar da Terra, do ambiente. E a educação é um dos veículos precursores desse cuidado. Braga, Pereira e Guimarães (2012) salientam que o mundo globalizado, atualmente, assume o modo capitalista, sendo este carente de valores como ética, respeito, comprometimento, solidariedade e amor. Considera-se que um dos motivos pelos quais muitas pessoas não cuidam do meio ambiente esteja associado à carência de valores na sociedade.

Laranjeira pontua que o estudo é o elemento que possibilitará descobrir coisas boas em todos os sentidos na vida:

Porque através do estudo [...] nós, não digo, as crianças, eu digo nós, nós sabemos descobrir as coisas boas que têm no meio ambiente, certo? Porque até hoje têm coisas no estudo que eu estou aprendendo agora e através disso que eu vejo que o estudo é um excelente primeiro passo para a vida. Abre portas em todos os sentidos, em todos os ângulos da vida (Laranjeira, mãe, não membro da diretoria da APP).

Floresta menciona que a educação auxilia na relação com o meio ambiente através de práticas realizadas na escola, tais como separação do lixo e horta escolar. Além disso, ressalta que as crianças de hoje pouco manifestam um cuidado com a Terra:

[...] Aqui até os professores chegam a ensinar as crianças a separar o lixo. Ah, isso aqui dentro da escola! Da horta ela falou que ela colhia verdura, alface, colhia, eu dizia: 'Está bom, então vão comer coisa natural.' Mais [sic] eu digo assim, se a criança, se eles ensinam, ensinam as crianças a usar as coisas naturais e até separar lixo, essas coisas, eles já estão cuidando da natureza, então mais tarde até para eles. É, tem que ensinar. [...] Com a terra [...] antigamente as crianças mexiam na terra, as crianças brincavam na terra. Hoje as crianças nem brincam. Hoje as criança [sic]

nem sabem o que é brincar de pulá [sic] corda. Hoje é só computador, só *internet*. Ai, que vida é essa, ai, meu Deus! Ai, que geração, meu Deus, é geração complicada essa daí. Eu não sei o que será. Eu não sei, mais [sic] dizem que parece que já vai ter escola, lógico, escolas particulares, né [sic] que as criança [sic], os alunos só vão usar *notebook*, aquele *tablet*, *tablete* [...] para aprender? Dizem que a criança não vai mais nem escrever. [...] Que geração é essa? Isso aí eu sou contra [...] (Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

Um fato que chama atenção no relato de Floresta é que as crianças de hoje não estabelecem uma relação com a terra, com o solo. Boff (2009a) afirma que o meio ambiente, em sua esfera global, com todos os seus recursos naturais finitos, deve ser uma preocupação comum a todos os seres humanos, sendo que a proteção da vitalidade, da variedade de formas de vida e beleza da Terra é considerada um dever sagrado.

Os professores foram convidados a relatar sobre suas práticas docentes e a formação de um sujeito atuante na sociedade, as práticas pedagógicas e a melhoria da relação do ser humano com o ambiente e com a comunidade, a maneira como a sua disciplina contribui ou se sua atuação na escola contribui para uma relação mais estreita entre a APP, escola, comunidade e ambiente.

A respeito das práticas docentes e a formação do sujeito atuante e comprometido com a sociedade, Flor Azul conta que sua prática pedagógica é pautada na leitura, na discussão, no debate, sendo que essas discussões são voltadas para a realidade que o aluno vive:

[...] Bom, eu sempre trabalho com temas, eu sempre procuro trazer textos que já envolvem música, poemas, às vezes um recorte de jornal, um vídeo, algo que realmente vai facilitar, que vá favorecer o conhecimento, que eles discutam porque [...] nas minhas aulas há muito debate, sempre tem muito debate, muita discussão [...] E, digo, isso é fruto de muito debate e de muita leitura, porque a gente faz todos os dias, religiosamente quatro ou cinco alunos lerem trechos de algum livro que eles pegaram na biblioteca. E eu sempre seleciono um livro ou dois durante o ano para ler para eles. Eu, esse ano, estou no segundo, então a gente faz e para cada texto lido, mesmo que eles não leiam o livro todo, o pedacinho que foi lido a gente discute. E traz para realidade, é, talvez aqui que foi lido tal, o que vocês lembram? Tem alguma coisa a ver com o que vocês vivem no dia-a-dia? Então aí a gente vai discutindo, então não é simplesmente [...] Que até essa menina que tá [sic] de manhã, ela assim: 'Porque lá na escola que eu estou é assim [...] lá a gente parava um dia na semana todo mundo ia ler, eu disse: 'Mais [sic] como era isso?' 'É, dez, quinze minutos cada um pegava um livro, ia para o canto e ia ler.' 'E só?' 'Só.' Para mim não faz muito efeito, agora quando tu está [sic] numa sala de aula, que quatro alunos vão, pegam seu livro e aí tu vai [sic] estabelecer uma comparação o que tinha no livro do fulano que dá de aproveitar nesse daqui? Tem alguma coisa que está semelhante? Ah, tem isso [...] Está. E o que difere de um para o outro? Então tu está [sic] trazendo a discussão, e essa professora, ela [sic]: 'Nossa, é muito interessante, eu nunca tinha visto um trabalho assim.' Eu disse: 'É, porque normalmente o que é o nosso costume? Entramos na sala, bom dia ou boa tarde e quadro e copistas e [...] Não, eu gosto de trabalhar com a questão do debate, então a primeira coisa normalmente a gente canta, a gente brinca, a gente dança, bota uma música e inventa uma coisa e depois a gente vai para os livros, tem já um cronograma [...]. O aluno

que às vezes está muito agitado e tal: ‘Ei, cara, se tu continuar [sic] assim, tu não vai [sic] ler hoje [...] então, assim, a questão da leitura é tão forte neles que essa é uma punição terrível se tu fala [sic] para ele que ele não vai ler naquele dia, entendeu? [...] Então, quer dizer, é tão forte, eles assumiram essa questão da leitura que Deus o [sic] livre eles não lerem no dia que for para eles lerem. [...] eles amam ler, eles amam discutir as coisas e por isso eles conseguem essa produção.’ Foi isso que eu falei para a professora que está comigo, ele tem algo para produzir porque ele tem leitura, ele tem um vocabulário muito amplo, então não é qualquer bobagem. Claro que num universo de vinte e quatro alunos da manhã na turma do quarto ano, por exemplo, eu não vou dizer que todos os vinte e quatro têm toda habilidade, mais [sic] meu Deus, dos vinte e quatro, eu posso garantir que vinte fazem e fazem muito bem. Escrevem com muita propriedade, com muita segurança e textos bem interessantes assim que a menina, ela [sic] se admirou: ‘Nossa, como, eu trabalho com o quinto ano eu não consigo, eu tenho aluno que ainda nem lê.’ Ela diz: ‘Lá no quinto ano tem aluno que ainda não estão [sic] lendo, e aqui todos leem.’ Eu disse: graças a Deus, todos eles. Mais [sic] é porque a gente vai fazendo esse incentivo da leitura (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

A prática pedagógica adotada por Flor Azul evidencia-se como uma prática dialógica, como propõe Paulo Freire. Sobre o diálogo, Merleau-Ponty (2012, p. 227) lembra que “[...] reconhecer que, na experiência do diálogo, a fala do outro vem tocar em nós nossas significações, a nossa fala vai, como o atestam as respostas, tocar nele suas significações, invadimo-nos um ao outro na medida em que pertencemos ao mesmo mundo cultural”. Assim, entende-se que, através dos debates que essa professora sugere, seus alunos vão construindo conhecimentos e agregando outras significações através das falas dos colegas.

Para Mar, sua prática pedagógica contribui para a formação de um sujeito atuante e comprometido com a sociedade através da disciplina: “[...] é a disciplina, [...] a disciplina, mostrar os direitos dos alunos, os deveres dos alunos, é, as práticas pedagógicas, passando as regras [...], porque na vida tudo tem regras [...] seus limites, e passando lazer, divertimento, é cultura para o aluno crescer”.

Samambaia considera que, envolvendo e fazendo os alunos refletirem, possibilitará meios para uma possível mudança de atitude nesses educandos, de modo que se tornem cidadãos atuantes e comprometidos com a sociedade:

É, então, eu acho que, que, assim, envolver eles [sic], colocá [sic] eles [sic] a pensar, a ter uma mudança de atitude. Eu faço muito isso na minha prática pedagógica, porque tanto a minha área é Ciências e Matemática, mais [sic] a Ciências assim ela abrange muita coisa. Aquilo ali tu puxa [sic] situações e que eu tento [...] olha, é gravidez na adolescência, aqui tem muitos casos [...] então a gente procura já desde cedo [...] Muita orientação, tento assim fazer o que eu posso mesmo para essa questão de formação mesmo, então eu utilizo assim muitos materiais, eu peço auxílio até para o PIBID, eles trazem materiais, ajudam e eu vou atrás, porque às vezes tu não pode [sic] ficar parado esperando. [...] Então eu sei que dá trabalho, mais [sic] tem que fazer alguma coisa também, tu, que algumas vezes procurando, às vezes tu encontra [sic], eu procuro sempre tá [sic] ajudando eles [sic] nessa questão, fazendo eles [sic] ter essa consciência. É, tem que conscientizar de pouquinho que seja, mais [sic] eles vão tendo isso para a formação deles (Samambaia, professora,

não membro da diretoria da APP).

A prática educativa deve levar à reflexão e, por conseguinte, a mudanças de atitudes. Freire (2013) assevera que o homem, refletindo sobre si mesmo e sobre o mundo em que e com quem está, consegue perceber que o mundo é seu também, que o seu trabalho é um modo de amar, ajudando o mundo a ser melhor.

Práticas pedagógicas que considerem o diálogo, reflexão e conhecimento subsidiam e auxiliam no processo de formação dos alunos, a fim de qualificá-los para atuação crítica na sociedade.

Sobre as práticas pedagógicas e sua contribuição para melhorar a relação do ser humano com o ambiente e com a comunidade, Flor Azul diz que a partir do momento em que seus alunos se sintam preocupados com o papel no chão ou com o desperdício de água, sua prática pedagógica já está contribuindo para melhorar a relação do ser humano com o ambiente:

Sim. Bom, assim, [...] a partir do momento que eu vejo eles [sic] preocupados em colocar no lixo um papel, e estão andando na escola deixando, ‘ah, professora deixa eu [sic] ir lá porque eu fui no banheiro e tem um monte não sei o que [...]’ Então vai podê [sic] ir lá e juntar. Porque daí eles querem justificar o porquê irão demorar para voltar, porque viram o papel, porque viram não sei o que, então vão lá juntar. Eu digo: ‘Ótimo, parabéns, é isso mesmo. Sejam, não fiquem preocupados quem foi que jogou, quem foi que não jogou, vão lá e façam a sua parte, junta [sic] e coloca [sic] no lixo.’ Então acho que isso eles estão bem, eles têm bem essa noção. Até assim cuidado em casa, a gente conversa sobre essa questão de preservar, de não ficar desperdiçando água, mais [sic] aí tem um outro detalhe, que outro dia eles falaram para mim, tanto o terceiro quanto o quarto ano, eu achei fantástico: ‘Professora, a gente está sempre falando em economizar, cuidar do planeta, não desperdiçar água, mais [sic] aqui na escola eles não têm dó de não desperdiçar água? [sic]’ Aí, o que eu vou dizer? Porque, realmente, vão limpar as coisas tudo [sic] aqui ficam com a mangueira, a água fica correndo [...]. E os alunos estão vendo isso, e eles cobram, isso é absurdo, começa [sic] a cobrar delas também. Aí levavam carrão [...] ‘Vocês vão falando, uma hora elas vão ter que se tocar que tão [sic] desperdiçando, porque tu faz [sic] uma fala e eles que estão enxergando isso. Ah, estão falando uma coisa para nós e a própria escola está fazendo outra. [...] mais [sic] como eles têm, como eles pensam, essas duas turmas são fantásticas assim para fazer análise dessas coisas, para trazer informação, para críticas. [...] Gente, são bem críticos, são bem críticos em relação às coisas (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

O relato de Flor Azul evidencia o que Freire (2013, p. 72) preconiza: “Não é mero espectador do processo, mais cada vez mais sujeito, na medida em que, crítico, capta suas contradições.” Os alunos abordam em sala algo que na própria escola não acontece, e esses alunos percebem esse fato e criticam. Por esse motivo, a criticidade dos alunos é um “ingrediente” fundamental para um processo educativo dialógico e também para que esses educandos se tornem cidadãos críticos e atuantes no local onde residem, dispostos a buscar

soluções para os problemas constatados.

A respeito da prática pedagógica auxiliar e melhorar a relação do ser humano com a comunidade, Flor Azul acredita que ela possui esse compromisso, uma vez que já levou pai ausente para dentro da escola e também por trabalhar a autoestima dos alunos, pois os auxilia a viver melhor em comunidade:

Sim. Eu acredito. Assim, ó, eu tive aqui um aluno que ele [sic] era bem problemático, [...] O menino, quando chegou aqui, ele veio corrido de outra escola também e muito envolvido com o mundo já. Então assim eu fui fazendo um trabalho com ele, eu fui conquistando e tal, fui botando ele [sic] no prumo, consegui fazer assim um trabalho bem bacana com ele e com outras crianças. Só que chegou no ano que eu tive de licença, e veio uma professora no meu lugar e aí tudo o que eu tinha conquistado com aquele menino, infelizmente foi por água abaixo. Ele acabou saindo da escola, não quis mais saber de escola e até porque a matrícula foi colocada à disposição porque aí a outra professora não teve a paciência de lidar com ele. Então hoje é um menino que está aí bem perdido [...], mais [sic] o período que eu estive com ele, que foi meu aluno, eu consegui muita coisa boa com ele, aí o pai vinha, o pai não era e até começou a vir na escola, a gente conversava, a gente dava orientações como ele deveria fazer. E outras crianças assim que a gente sabe que os pais são usuários, pais que estão presos, eu tenho ali uns três, quatro alunos que os pais são presidiários exatamente pelo envolvimento com o tráfico, então são crianças que tinham assim uma baixa autoestima [...] e que no trabalho que a gente vai desenvolvendo, meu Deus, se sentem tão iguais quanto outros assim, que no começo eram crianças muito cabisbaixas assim, revoltadas, por nada estavam agredindo o outro, então a gente vai trabalhando, vai trabalhando, vai tentando fazer com que eles percebam que eles não são responsáveis. E um dos casos que foi [sic] mais marcantes para mim foi o caso de uma menina que um dia eu estava escutando na sala uma conversa, tinha trinta e um alunos naquela turma, foi o ano que eu cheguei aqui, e eu ouvi alguém falar em pedófilo. Escutei assim um murmurinho, aí fui e perguntei por que eles estavam falando aquele assunto. ‘Não, professora.’ Vamos, eu compro muitas brigas, vamos, vamos falar sobre isso porque eu quero saber por que. Não é à toa. ‘Não, não, professora, porque passou na televisão a gente estava [...] vendo e tal.’ Mais [sic] assim, se vocês estão falando é porque vocês estão preocupados. Se talvez vocês não queiram me falar e vocês não são obrigados a falar nada, mais [sic] eu só quero dizer uma coisa para vocês: não permitam que seja lá quem for mexam com vocês, ou maltratem vocês, peçam socorro, falem comigo se precisarem, fale [sic] com a direção, mais [sic] não deixe [sic] ninguém maltratar vocês. Eu fui bem enfática, e coloquei o telefone de denúncia que eles poderiam denunciar anonimamente e [...]. A aula foi aquilo ali, dois dias depois a orientadora me chamou, assim: ‘Ô, professora, por acaso teve alguma coisa na tua sala sobre pedofilia [...]?’ Eu disse: teve há dois dias atrás [sic] a gente discutiu assim o assunto. Ela: ‘Ah, tá [sic], foi por isso. Eu: ‘Foi por isso o quê?’ ‘Não, depois da tua aula teve uma aluna que teve coragem de contar o que tava [sic] acontecendo.’ E aquilo já foi me dando um gelo porque tu fala [sic] assim, tu vê [sic] parece uma coisa distante, quer dizer uma menina da minha sala estava sendo mexida pelo pai [...]. Então foi preciso ter aquela aula, eu falei com tanta ênfase, [...]. Realmente depois foi investigado, a polícia e tudo, a menina teve durante um bom tempo acompanhamento com psicóloga, só que vivia muito de cabeça baixa, e eu fui trabalhando a questão da autoestima dela, levanta essa cabeça, tu não é [sic] responsável por isso, tu não é [sic] culpada, não se sinta culpada [...]. Então trabalhei, trabalhei, trabalhei para manter ela [sic] responsável para fazer erguer a cabeça de novo, a se sentir [...] Então assim, é claro que me chocou muito, que eu não imaginava que teria alguém da minha sala passando por isso. E hoje ela é uma menina até bem resolvida, ainda tem muito apego comigo, tudo que se passa ela [...] ela me procura muito. Eu acho assim que eu consegui estabelecer um vínculo de confiança tão forte que tudo ela vem para mim. E eu procuro sempre estar

orientando muito ela [...] eu tenho medo que alguém se aproveite por saber da estória dela e resolva fazer alguma outra coisa, mais [sic] me parece que ela está bem assim. Pelo menos do que a gente tem conversado (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Trabalhar a autoestima dos alunos, principalmente aqueles que têm problemas com relação a isso, é um fator que auxilia esses seres a se relacionarem melhor consigo próprios e com aqueles que o cercam.

Mar relata que suas práticas pedagógicas auxiliam a melhorar a relação com o meio ambiente, pois em atividades escolares é repassado aos alunos que se deve respeitar o ambiente:

Sim, às vezes tem algum acontecimento aqui na escola, [...] a gente passa que não pode desrespeitar o ambiente, o meio ambiente é preservando [sic]: não cortando árvores, não colocando fogo em mato, é não batendo em animal, é não machucando os animais, é orientando a criança, às vezes uma criança tem um estilingue, ah, não faz isso, não mata o passarinho, é tudo meio ambiente (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

Boff (2009a) salienta que respeitar a Terra é algo sagrado, pois assim o ser humano estará respeitando os outros seres que a habitam também.

Quanto às contribuições da prática pedagógica para melhorar a relação das pessoas com a comunidade, Mar evidencia que, conforme os alunos amadurecem, irão perceber que os professores lhes transmitem coisas boas: “Sim, no decorrer dos anos eles vão amadurecendo, eles vão entendendo que o professor quer passar tudo de bom para eles”.

Isso posto, compreende-se que, além dos valores, também os conhecimentos são indispensáveis para se viver de maneira cordial e em paz com os demais.

Samambaia diz que sempre que possível busca trazer as questões ambientais para a realidade do aluno, a fim de que sua prática educativa auxilie a melhorar a relação do aluno com o ambiente:

Ai, com certeza. Ai, eu vejo assim que quando a gente obtém algum resultado, é, não é na hora que tu vai [sic] ter isso aí, então assim o que eu observo é no caso tendo uma mudança, é no caso assim, tu vai [sic] tentar sair fora, tentar ver a questão do lixo, ver a questão ambiental, tentando buscar alguma coisa assim de tudo que está acontecendo atualmente para a realidade deles. Puxar alguma coisa para o real. Não adianta tu sair [sic] muito fora. Às vezes a gente pega muita coisa ali e isso aqui não tem nada a ver com eles, então busco assim coisas mais de acordo com o real, [...] eu sempre tenho uma opinião, aquilo vai envolvendo porque tu fala [sic] coisa lá de outro estado que eles nem conhecem, é interessante tu colocar [sic] às vezes, mais [sic] não tem muito. Não, aí quando tu fala [sic] alguma situação daqui pronto, então eu faço sempre isso na minha prática, buscar mais coisas assim [...] (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Freire (1996, p. 76) alerta que “ensinar exige apreensão da realidade”, de modo que quando o professor tem conhecimento da realidade na qual a escola está inserida e discernimento da importância de levar reflexões acerca desta realidade para dentro da sala de aula, o aluno se sentirá envolvido com aquilo que está sendo transmitido, passará a se sentir pertencente ao lugar onde vive e também a aguçar a sua curiosidade em procurar meios para intervir na sua realidade.

A respeito de suas práticas pedagógicas auxiliarem na relação do ser humano com a comunidade onde vivem, Samambaia conta que é preciso valorizar a comunidade na qual a escola e esses alunos se encontram:

Com certeza, é valorizando a própria comunidade que [sic] eles estão inseridos porque, às vezes, eu até coloquei que eu morei ali e que eles acharam como que eu morei aqui, como que eu estou sendo professora aqui. Tu olha [sic], então como que isso aqui, como que essa escola é maravilhosa, tudo que tu coloca [sic] para eles, que a escola é maravilhosa, a professora estudou aqui se formou aqui [...], a valorização vem, então eu busco muito a questão assim do real, da realidade deles assim, nas minhas práticas (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

A partir do momento em que os alunos passarem a valorizar a comunidade, poderão sentir-se compelidos a buscar meios para intervir na comunidade e torná-la melhor. Todos os professores participantes parecem contribuir para uma relação mais próxima com o ambiente e com a comunidade por meio de suas distintas práticas pedagógicas, o que reflete também percepções diversas. Conforme Merleau-Ponty (2011, p. 323), “não existe objeto ligado sem ligação e sem sujeito [...]”, pois são os seres humanos os sujeitos que estabelecem as ligações, neste caso, estabelecem a ligação da teoria com a realidade onde vivem.

Flor Azul, a respeito de como sua atuação na escola contribui para uma relação mais estreita entre a APP, escola, comunidade e ambiente, revela que sua contribuição é procurar um meio para realizar eventos envolvendo a comunidade, a escola:

Ah, pode contribuir de forma muito positiva, eu acho que eu já estou contribuindo de forma positiva. Porque apesar dos pesares, a gente sempre vai dando um [...], pegando as brechinhas para estar fazendo [sic] esses eventos. Ou seja, em relação aos pais, em relação ao meio ambiente, seja a APP [...], a APP é a coisa mais distante (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

Mar frisa que por meio de sua disciplina contribui para uma relação mais estreita entre APP, escola, comunidade e ambiente:

[...] é na parte assim da disciplina [...] é passando orientações que o esporte dá à

saúde, na parte de alimentação, na parte do meio ambiente, preservando o meio ambiente, é fazendo projetos de meio ambiente, pesquisas em livros, jornais, revistas, é orientando o que o cidadão deve fazer para melhorar a vida em sociedade. Integra bastante é, às vezes têm pais que só querem andar de carro, se o professor começar a fazer atividade assim de caminhada, de passeata, até mesmo o ciclismo os pais vão começando a deixar os carros em casa e vão [...] De incentivar, é, o meio ambiente para não poluir o meio ambiente com os carros (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

Samambaia, conforme havia relatado no **Bloco C**, reitera que a APP está um pouco distante, mas diz que suas disciplinas podem contribuir para uma relação mais próxima entre escola, comunidade e ambiente através da interação da família com aquilo que o aluno está aprendendo na escola, através de entrevistas, por exemplo:

[...] é como eu falei pra [sic] ti, a APP está um pouco assim, não posso falar muito porque ela não está muito integrada assim, está tendo muito essa falha assim na APP. Mais [sic] assim, ó, é tentando, e fazendo com que os nossos alunos até que eles levem pra [sic] família o que eles estão tendo de conhecimento aqui dentro. Eu tento fazer isso até com questões que até eles têm que entrevistar os próprios pais, para eles trazerem para mim depois, para envolver um pouco a família [...] e para vê [sic] como é que eles estão pensando também, porque às vezes assim tu fala [sic] uma coisa, o pai fala outra em casa, então eles chegam aqui, o que é o certo? Então a realidade, às vezes tu diz [sic] alguma coisa mais [sic] não, o meu pai disse diferente então para eles o que é o certo? Ficam porque são adolescentes, estão tudo [sic] na fase de formação assim muita coisa assim que tu tem [sic] uma preocupação e aí as muitas vezes assim é conversado com uma mãe primeiro para ver ou com o pai o que é, como é que é a relação para poder fazer o teu trabalho porque às vezes assim têm pais que falam sobre uma sexualidade às vezes é errado dentro da escola, então têm muitas coisas assim que primeiro tem que fazer uma sondagem para ver se está tudo *ok*. Mais [sic], graças a Deus, assim sempre quando eu fiz os meus trabalhos foi sempre muito bem aceito [sic], sempre deu resultado legal, nunca tive assim problema com a família em relação à comunidade nada (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Cada professor expressa de maneira diferente o que sua disciplina ou sua atuação na escola pode fazer para aproximar a escola, comunidade, ambiente e APP. Entretanto, a APP foi o ponto menos relatado nesse sentido. Flor Azul e Samambaia reportaram novamente que a associação mantém uma relação distante da escola.

A gestora relatou a respeito da contribuição da gestão escolar na formação de um sujeito crítico e atuante na sociedade, sobre a contribuição da gestão escolar para melhorar a relação do ser humano com o ambiente e com a comunidade e para uma relação mais estreita entre APP, escola, comunidade e ambiente.

Sobre a contribuição da gestão na formação de um sujeito crítico e atuante na sociedade, Violeta ressalta a importância da escola trabalhar com projetos através de atividades que envolvam os pais:

Olha, para mim, eu senti durante esse tempo, assim, é, para gente contribuir, nós temos que ter projetos na escola. E esses projetos, eles [sic] têm que sempre estar de acordo com um tema e temos que trabalhar em cima desse tema. E sempre procurar também dentro desse projeto ter várias atividades, e dentro das atividades procurar trazer também o pai, os pais para dentro da escola, envolvendo eles [sic] nesses projetos (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Braga, Pereira e Guimarães (2012) enfatizam que o gestor escolar, enquanto dirigente do processo formativo na escola, deve atuar como líder, buscando pessoas que o ajudem nas tarefas educativas e que sejam acessíveis a transformações. Assim, para o bom desenvolvimento desses projetos que Violeta menciona, ela deve ter uma equipe coesa.

Sobre as contribuições da gestão escolar para melhorar a relação do ser humano com o ambiente e com a comunidade, Violeta salienta que estas ocorrem através das atividades e projetos desenvolvidos pela escola: “Sim, contribui. Eu vejo que sim pelas atividades que a gente desenvolve. [...] nas questões das atividades, de projetos⁵ que a gente desenvolve”.

Quanto à contribuição da gestão para uma relação mais estreita entre APP, escola, comunidade e ambiente, Violeta aponta o envolvimento da associação e da comunidade nas atividades e projetos desenvolvidos na escola:

Olha, a minha gestão, eu só posso contribuir quando eu envolvo, quando eu envolvo a APP junto com as atividades, junto com os projetos que nós vamos ter na escola e trazendo isso também, a comunidade para dentro desses projetos. Que é nesse ponto que a gente, que eu vejo que tem a minha contribuição porque a minha, as nossas atividades, [...], elas só vão começar a levar na prática quando a ideia sai lá do gestor (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Segundo o relato de Violeta, o gestor deve trabalhar em conjunto com os demais educadores. Conforme Braga, Pereira e Guimarães (2012), o gestor deve estabelecer um planejamento participativo, o qual deve agregar também objetivos e princípios da EA, evitando, assim, fragmentação das atividades, para que estas não se tornem pontuais e irreflexivas.

Dando continuidade ao **Bloco D**, Golfinho, a respeito da educação como um elemento transformador da sociedade, aponta que a educação é um meio que melhora, mas não especifica o sentido dessa melhoria: “A educação melhora [...] ai, e agora? Não sei responder”.

Para Copo-de-Leite, a educação como um elemento transformador vem a partir do

⁵ Projetos como o de leitura, atividades de Dia das Mães, Dia dos Pais, conforme já mencionados em outros momentos.

ensinamento: “Pode e muito. Eu acho que assim [...] Então [...] Porque [...] Se tu ensina [sic] o teu filho que tu não pode [sic] saí [sic] daquele reduto ali, tu não vai sai [sic] daquele reduto, bate o pé, não posso vê [sic] a vida lá fora, eu tenho que ficá [sic] assim, oh, vou botá [sic] tu numa redoma de vidro e vou deixá [sic] tu ali dentro [...]”

Laranjeira também considera a educação como um elemento transformador, pois através dela o ser humano adquire valores: “Aham, considero. Porque a educação, a educação vem, através da educação você adquire o respeito, adquire a dignidade, adquire a moral, então por isso que eu considero [...]. Considero transformadores de uma sociedade.”

Os valores são eixos condutores na vida dos indivíduos. Para Comte-Sponville (1999), os seres humanos não nascem virtuosos, tornam-se virtuosos através da educação, pela polidez, pela moral e pelo amor.

Floresta acredita que a educação transforma as pessoas em várias “coisas”, tanto positivas como negativas:

É, eu acho que sim [...] Transforma a pessoa em várias ‘coisas’. Como pode transformar a pessoa em ótima, como pode a pessoa se transformar numa pessoa negativa também. Negativo são as coisas ruins [sic]. É, têm aqueles lá, te dou hoje, amanhã tu tem [sic] que comprar, entendeu? É, é bem assim. Aí é criança inocente, cai hoje, e depois já fica para o resto da vida, como tem várias, várias crianças que entram pequenas e hoje já são adultos e continuam na mesma vida dessa, nessa mesma vida aí. E a boa é que se o pai ensinar [...] tu faz [sic] a coisa certa, está ali, mais [sic] tem que estar na tecla [...] para poder, aí a criança se torna assim um cidadão, se torna sim. Porque eu tenho três filhos e, graças a Deus, não tenho o que reclamar da educação que eu dei (Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

Todos os pais concordam que a educação é um elemento transformador, porém tecem concepções diferentes a respeito desse “transformar”. Isso é decorrente da “minha percepção, [...] exprime uma situação dada [...]” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 290). Cada ator percebe a educação por um ângulo diferente em virtude das situações vividas por cada um deles.

Flor Azul atribui a educação transformadora à postura do educador: “Sim, ele será transformador se o professor for um educador transformador. Se tiver um professor com essa visão, com esse comprometimento sim [...]”

Assim a prática docente está relacionada à possibilidade e missão de a educação ser um elemento transformador. Por isso, é preciso uma práxis educativa que promova a reflexão e a ação dos homens sobre o mundo para então transformá-lo (FREIRE, 2014).

Mar diz que a educação transforma, porém isso depende do que o aluno deseja: “Sim, é, é, [...] é, ele transforma a sociedade. Têm alunos que querem o caminho certo, ele se

transforma para o bem.”

Samambaia relata que isso é o primeiro passo da educação, sendo este um compromisso dos educadores: “Uhum, primeiro lugar. [...] é dali que se parte, senão for a educação [...] Nós temos esse grande compromisso [...]”

Para Violeta é através da educação que se terá uma sociedade melhor:

Sem dúvida. Sem dúvida, porque é através dele que nós vamos ter uma sociedade melhor, porque ao mesmo tempo hoje nós temos, assim nós temos todos os nossos materiais didáticos que a gente tem, não tem?, que ajuda [sic] e que contribui [sic], não tem?, para que o aluno, ele [sic] tenha, é, vamos dizer, que ele possa, no caso, buscar esses materiais e a partir dali estar se desenvolvendo [sic] na questão da formação, que seria o quê? Que seria a nossa, que seriam os nossos livros [...] que ajudam [...] a nossa sala de informática e as nossas atividades que a gente está desenvolvendo este ano com eles, que estamos desenvolvendo (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Para Freire (2014), é primordial inserir a crítica na realidade onde se atua através da práxis, porque nenhuma realidade pode transformar a si própria. Por isso, precisa-se de educadores que compreendam a real dimensão da educação e todo o seu poder. Segundo Freire (2011), é necessário que os docentes sejam críticos e que entendam a prática educativa em toda a sua totalidade.

Com relação à contribuição da educação para a formação de sujeitos atuantes na sociedade, Golfinho atrela essa contribuição aos cuidados com os animais:

Cuidá [sic] dos animais melhor, porque tem muito cachorro pela rua, uma ‘judiaria’, tu viu [sic] o que aconteceu? Que um rapaz lá, e para não dizer outra coisa, ele ‘judiou’ do cachorro. Tu viu [sic] a reportagem que ele fez? Que ele tem cachorro em casa, eu gosto de cachorro. Gosta, mais [sic] fez aquilo ali, ‘judiando’ do cachorro. É, eu acho que tem que cuidar mais dos animais também porque [...] são seres vivos, se tu não cuidar [sic] de um animal, quem vai cuidar? O problema é que eles tão [sic] soltando muitos cachorros na rua. E bastante [...] Esses dias tinha uns 10 na minha rua [...] (Golfinho, mãe, membro da diretoria da APP).

Copo-de-Leite menciona que professores com práticas pedagógicas diferenciadas auxiliam na formação de sujeitos atuantes na sociedade, porém também enfatiza que a escola faz a parte dela, no entanto, o aluno deve querer também incorporar o que aprendeu para a sua vida:

Sim, sim, sempre houve, sempre houve. Mais uma vez eu friso essa professora X, os alunos não sabiam o que era fazer uma horta, ela ensinou, ela tira tempo da sala de aula para levar para uma horta, os alunos não sabiam o que era uma aula de música, ela tira tempo do alfabetismo para ensiná [sic] uma aula de música. O professor de Educação Física, ele [sic] não joga o aluno dentro do ginásio, dá uma bola e vai se divertir com a bola. Não, o professor de Educação Física pega os alunos, faz

caminhada com os alunos, na ponte de arame faz [...] E lá ele mostra o meio ambiente, então isso já vem da educação, claro que do portão para fora que terminou a aula se os nossos filhos não aprendem é porque eles não querem. Do portão para fora, se os nossos filhos não aprendem como é que foi o valor de uma horta plantada, é porque eles não querem. [...] É, então eu digo assim, educação eles ensinam [...], a mesma forma tu, em casa, tu ensina [sic] o teu filho a ser uma coisa, agora se ele virou um marginal, se ele virou um delinquente, se ele virou isso aí tu não tem [sic], tu não teve [sic] a culpa geral. A nossa sociedade em si, os amigos, [...], se tu não abraçar o teu filho em casa, a droga lá fora abraça. Cadeia para mim, cadeia hoje para mim não é uma punição, cadeia hoje para mim é uma faculdade para os marginais, porque se eles entrassem lá dentro e tivessem um serviço mais rígido, uma coisa mais punida realmente não existia, mais [sic] não, lá eles têm comida, roupa, tudo no exato momento. Eu digo porque eu fui da Pastoral Carcerária e eu vivia lá dentro, então aquilo lá é um estudo para eles, para ficar preso só, mais [sic] quantos saem de lá e voltam a aprontar para voltar lá, é fácil, vai a família, ganha novecentos e oitenta reais enquanto que um pai de família aí ganha um salário mínimo para trabalhá [sic] numa coisa aí da BR-101, enquanto que o preso a mulher vai lá, faz um estado. [...] que está casado e ganha novecentos e oitenta reais? [...] É como eu te digo, a escola, em si, ela [sic] ajuda, só que do portão para fora [...] Hoje se nós não tivermos [...], a minha filha conversa muito com nós [sic] em casa, ela explica o que houve, o que não houve, o que que deixou ter. É assim, se nós não sentar e não parar, escutar nossos filhos, a *internet* escuta, a televisão escuta [...] o pedófilo escuta, a droga lá fora escuta. Para te oferecer um cigarro é pra [sic] já, já para oferecer um pão? Não. Então eu acho assim, a escola, em si, ela [sic] ajuda [...] (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Práticas educativas diferenciadas, sem dúvidas, são ingredientes que motivam o aluno. Freire (2011) diz que a prática pedagógica implica processos, técnicas, fins, expectativas, desejos, frustrações, tensão entre teoria e prática, entre autoridade e liberdade. Copo-de-Leite ainda afirma que esse tipo de professor faz a diferença na escola:

[...] Muita diferença! Por quê? Porque os alunos sabem que ali eles terão prazer de entrar na sala de aula, terão prazer de [...] ah, porque o professor não só dá bola, e joga, joga, joga, não. Porque no nosso tempo infelizmente não existia isso, [...] a professora só chegava jogava a bola, vai jogá [sic] bola e deu, e ela ficava lá falando de moda [...] e assim foi. E hoje esse professor incentiva um aluno a caminhar? Está tirando a preguiça do corpo. Ao redor. À beira-rio [...] A ponte de arame estava quebrada, eles nem sabiam, foram saber quando foram fazer a caminhada. É, então isso dá uma valorização, [...]. Na escola tem que ter o lazer, a estrutura e a educação. Para mim, e [...] e não vem me dizê [sic] que o lazer é jogar vôlei, que o lazer é fazer Educação Física, não é. Eles têm aula de vídeo, eles têm essa aula de teatro, eles têm aula de dança. Tudo depois do horário. [...] Claro que assim, eles te mandam uma folha, tu autoriza [sic] o teu filho a participar de tal coisa? Autorizo [...] (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Em suma, se o aluno for envolvido nas atividades da escola, se se sentir motivado, ele irá participar e poderá ser um cidadão mais atuante, pois compreenderá e vivenciará o que o cerca. Conforme Freire (2011, p. 151), alguns professores não centram a prática pedagógica, “[...] nem no educando, nem no educador, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas a compreende nas relações de seus vários componentes [...]”.

Laranjeira considera que a educação é um meio para formar sujeitos atuantes:

“Pois é, como é que eu posso te dizer isso com palavras, com palavras eu não sei te dizer. Com palavras eu não sei te dizer. Mais [sic] é um meio”.

Para Floresta, uma maior participação dos pais na escola é o que está faltando para a educação contribuir de maneira mais eficaz na formação de sujeitos atuantes:

Como eu já disse, puxar mais os pais para dentro da escola que isso é muito importante. Os pais têm que participar mais do que está acontecendo com os filhos na escola. Tu não acha [sic]? Pois é, é isso que eu queria sabê [sic], porque esses pais hoje eles não [...] ‘Hoje tem reunião, ah, eu não vou.’ Por quê? O que é que acontece? O que é que acontece que os pais hoje não querem participar disso? Porque eu digo assim, se os pais participarem até o aluno, já diz a minha mãe, participa de uma reunião, que bom! Quer dizer, está ajudando a escola. [...] Por isso que eu digo assim que tudo vai da família, se o pai e a mãe educar lá, o filho chegará lá na escola bom mesmo (Floresta, avó, não membro da diretoria da APP).

Flor Azul considera que os conteúdos trabalhados em sala de aula são mediadores para a formação de sujeitos atuantes na sociedade: “[...] eu acho que ela tem a ver com os conteúdos [...] que tu trabalhas, que tu traz [sic], o que tu ofereces para o aluno”.

A respeito dos conteúdos, Freire (2011) enfatiza que para quem os compreende de maneira mágica, há uma força, uma importância que, ao transmiti-los aos alunos, tal força realiza nestes a mudança esperada. Assim, os conteúdos, se bem trabalhados, com objetivos claros, podem auxiliar na formação de um sujeito atuante na sociedade.

Mar relata que os alunos, no decorrer de sua formação, escolhem a profissão com a qual desejam contribuir com a sociedade: “[...] é no decorrer da formação, eles vão fazendo os cursos, se aperfeiçoando, fazendo universidade e vendo aquele curso que eles gostam para contribuir na sociedade como advogado, médico, dentista, professor, engenheiro.”

Samambaia acredita que são as tentativas realizadas pelos professores para a mudança de atitude, para tornar o aluno mais crítico, que auxiliam na formação de um sujeito crítico. Porém relata que há falhas no próprio sistema educacional estadual, as quais são um fator negativo para a melhoria da educação:

[...] Olha, esses meios [...] Tentando tudo isso, mudando a atitude, de pensar, às vezes tentando fazer com que eles tenham esse, tenham um pensamento mais crítico, pensem um pouquinho mais para o futuro, e essas ações. [...] Tudo isso que a gente está fazendo, a escola, todos os trabalhos que a gente faz, mais [sic] assim, é, falta muito comprometimento também [...] que a gente vê do próprio sistema [...], do próprio nosso governo, das ações governamentais tudo isso a gente quer, mas sempre vai bater ali. A gente tem muita, é, tem hora assim que é um descaso com a educação, então às vezes a gente até se entristece porque às vezes tu tem [sic] vontade e não consegue muitas vezes por isso (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Observa-se que cada participante da pesquisa tem uma percepção diferente acerca de como a educação contribui para formação de sujeitos atuantes na sociedade. Isso porque, “na percepção, nós não pensamos o objeto e não nos pensamos pensando-o, nós somos para o objeto [...]” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 320).

Quanto aos valores, Golfinho não soube dizer o que entende por valores: “Valores? Que valores? Não sei”. E Copo-de-Leite explica que os valores são aquilo que é ensinado em casa, e que deve ser valorizado também:

[...] Valoriza o que tu tem [sic], tu tem [sic] uma cadeira boa, valoriza que tu está [sic] sentada, não quebra, custa dinheiro pra [sic] ti arrumar. [...] Então, eu, eu sempre mostro que o bem-estar nosso hoje não é tu ter as melhores comidas, as melhores roupas, as melhores casas, ah, que casa linda, ah, mãe como aquela casa é linda. Minha filha, tu não sabe [sic] o que tem dentro daquela casa, então eu sempre [...] a minha filha: ‘ah, porque eu não quero comer isso!’ Quantas pessoas queriam comer esse prato de comida que tu está [sic] comendo? Quantas e quantas crianças [...] O nosso Brasil hoje é um Brasil caótico de educação? É. É muito caótico de educação em questão não de ah, porque é aqui na comunidade, não, em geral. A educação, a saúde está precária em tudo quanto é lugar. Só que é assim, ajuda tu para ser ajudado. [...] Então eu acho que isso tudo vem de nós, pais, valores tu tem [sic] que ensinar desde casa [...] (Copo-de-Leite, mãe, membro da diretoria da APP).

Laranjeira vê os valores como uma vida de virtudes:

Valores é [sic] uma vida [...] posso levar pra [sic] esse lado? Valores é [sic] uma vida digna, certo? De responsabilidade, como eu te falei, de caráter. Valores é [sic] uma palavra que ele [sic] leva a várias virtudes para um cidadão. [...] virtude é um dom, se você pega o estudo, junta todas essas coisas que você me perguntou até agora, todos esses elementos, podemos dizer assim, trazer para tua vida e colocar em prática, aí tu vai [sic] ser um excelente cidadão, isso é virtude [...] (Laranjeira, mãe, não membro da diretoria da APP).

Para Floresta, os valores são as coisas boas: “Valores? Tudo assim depende que valores. Valores são as coisas positivas, coisa boa, só as boas. Isso que eu acho que é muito importante [...]”

Os valores são atitudes, pensamentos, sentimentos, na concepção de Flor Azul: “Ai, valores, para mim, envolve [sic] as tuas atitudes [sic], o teu falar, o teu pensar, os teus sentimentos. Valores, para mim, ele [sic] é o conjunto que vai estar trazendo [sic] ali, as tuas atitudes, a tua fala [...] o teu sentimento, forma de pensar o mundo, é isso”.

Mar também atribui os valores a virtudes como respeito, honestidade, ajuda ao próximo: “Valores é [sic] respeito, respeito ao próximo, é ser uma pessoa honesta também, é ajudar o próximo se ele precisar, podendo ajudar, ajuda, é tanto assim às vezes a pessoa está com algum problema, ajudar o próximo com orientações boas.”

Samambaia também relaciona os valores às virtudes, além de ressaltar que se deve passar esses valores aos alunos:

Ai, valores é [sic] tudo de bom, valores é [sic] ser uma pessoa, ser uma pessoa honesta [...] ter um [sic], é ser humilde, ter humildade, simplicidade, honestidade, e vontade para tudo, ter valores é as pessoas assim têm aquele sentimento, principalmente o amor com as coisas que tu faz [sic], com o que tu gosta [sic]. Eu acho que é isso, tem, são tantas coisas que a gente às vezes passa para os alunos de valores, como passamos valores para os alunos. O tempo todo [sic] a gente tenta, até no vocabulário, tudo, tenta estar passando [sic] valores para eles, mais [sic] infelizmente às vezes têm casos que é [sic] tão difícil, mais [sic] a gente não desiste [...] (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Violeta igualmente menciona os valores associados com as virtudes:

Como definiria valores? Olha, os valores vêm a questão, o que eu vejo assim nos valores seria nós vermos toda a questão, é o respeito, o amor. Vamos definir os valores como uma única palavra, vamos dizer assim, respeito com o outro. A partir do momento que eu sei respeitar o outro eu vou saber amar o outro, a gostar do outro e a respeitar, não somente o outro como a questão também de todo o meio ambiente, todo o espaço físico da escola. Então eu vejo, defino valores dessa forma (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Percebe-se que alguns entrevistados tiveram dificuldades em definir valores; outros associaram os valores às virtudes. Boff (2006, p. 8) afirma que “a compreensão das virtudes, no entanto, não se basta a si mesma. Ela se ordena à vida virtuosa, pois é isso que realmente conta”.

Finalmente, solicitou-se que os entrevistados falassem o que entendem por sustentabilidade ou sustentabilidade socioambiental.

Golfinho relatou que já ouviu essa palavra, mas não sabe o que é: “Eu já ouvi, mais [sic] não sei. Eu não sei te dizer”. Copo-de-Leite também não soube responder. Laranjeira também já ouviu falar e, assim como os outros atores da pesquisa, também não sabe o que significa: “Já, só não sei dizer o que é”. Floresta também não sabe o que é sustentabilidade.

Flor Azul atribui a sustentabilidade socioambiental ao uso dos recursos naturais de maneira consciente, preservando-os para as futuras gerações:

É o que tá [sic] aí, é o que todo mundo fala, tu tem [sic] que fazer uso dos recursos naturais sabendo preservá-los para as gerações futuras, sabendo ter o cuidado de usar, preservar. E por que existe [sic] a preservação e a conservação? Mais [sic] tu saber fazer uso realmente daquilo que a natureza te oferece, sabendo que tem que deixar, que as outras gerações possam fazer uso daquele recurso, e aí tem uma frase muito famosa que, se eu não me engano, foi de um índio americano, que ele diz: ‘Não sei que tipo de geração também a gente está deixando para esse planeta, para

esse mundo. Porque enquanto ainda houver esses gurizinhos jogando palito de picolé, chiclete pelo chão eles não estão contribuindo.’ Então a gente também tem que estar vendo [sic] por esse outro lado (Flor Azul, professora, membro da diretoria da APP).

A fala de Flor Azul remete a uma relação de uso com os bens naturais, que para Sauvé (2005) seria traduzido como o ambiente visto como recurso para atendimento às necessidades humanas.

Ao se referir ao fato de preservar para as gera es futuras, relembra-se o discurso, em parte, empregado para o desenvolvimento sustentável, por ocasião do Relatório Brundtland.

Mar diz que a sustentabilidade socioambiental está relacionada com tecnologias associadas com a preserva o do meio ambiente:

 , sustentabilidade socioambiental   usar assim uma tecnologia que não polua o meio ambiente.   isso? Por exemplo, aquele d ,  , usando energia solar que fizeram ali na Tractebel⁶ aquele projeto ali que vai gerar meios que não polui [sic] o meio ambiente.  , o meio ambiente traz benefícios para sociedade, para a comunidade e quanto menos poluir o meio ambiente melhor (Mar, professor, membro da diretoria da APP).

Para Samambaia, sustentabilidade socioambiental   a união de todos em prol da preserva o do meio ambiente, pensando nas questões ambientais. Também   envolver a comunidade num todo, de modo que as pessoas tenham consciência dos danos causados pelo homem ao ambiente:

Nossa,   uma,   juntar todos, uma comunidade,   pensar os nossos alunos num todo, e promover uma preserva o do meio ambiente, e pensar em todas as questões ambientais, de reciclagem, mais [sic] num todo, então assim envolver a comunidade, a própria escola mais [sic] não são assim, puxar então caso isso seria união de todos para realmente ter essa consciência do problema, dos impasses ambientais que está [sic] sendo causado pelo próprio homem (Samambaia, professora, não membro da diretoria da APP).

Sobre esse conceito apresentado por Samambaia, Carvalho (2008) lembra que há uma rela o excludente na qual, de um lado, está a natureza, com os recursos naturais e, de outro, está o ser humano, com sua cultura e as rela es sociais por ele estabelecidas, sendo que essa concep o remete a um meio ambiente est tico, habitado por uma comunidade de consumidores competitivos.

⁶ A usina termelétrica Tractebel, no ano de 2014, montou um parque para capta o de energia solar, o qual se encontra nas margens da BR-101, nas proximidades da usina.

De acordo com Ferreira (2005, p. 315):

O termo sustentabilidade foi cunhado com o propósito de nos remeter ao vocábulo sustentar. Sustentar algo, ao longo do tempo - a dimensão de longo prazo já se encontra incorporada nessa interpretação -, para que aquilo que se sustenta tenha condições de permanecer perene, reconhecível e cumprindo as mesmas funções indefinidamente, sem que produza qualquer tipo de reação desconhecida, mantendo-se estável ao longo do tempo. Entre os inúmeros conceitos de sustentabilidade que já foram elaborados ao longo dos últimos anos, o que se pretende, enfim, é encontrar os mecanismos de interação nas sociedades humanas que ocorram numa relação harmoniosa com a natureza.

Violeta percebe a sustentabilidade como uma questão colaborativa na qual as virtudes devem estar presentes:

Sustentabilidade, eu defino como [...] acho com uma única palavra, vamos dizer assim, com a questão da colaboração. Não só com uma única palavra, não é só a questão da colaboração, é a questão também do respeito, porque eu tenho que saber colaborar na questão do meio ambiente, e saber preservar o que ele me dá, seja a questão da água que uma parte importante dentro das nossas vidas e a questão do que eu vou usar, do que eu vou contribuir para o meio ambiente (Violeta, gestora, membro da diretoria da APP).

Embora tendo havido dificuldades em conceituar sustentabilidade, um fato que chamou atenção é que os entrevistados que expressaram o que entendem por sustentabilidade foram os professores e o gestor da escola. Para Carvalho (2008), o termo sustentabilidade vem sendo usado de maneira generalizada, dando a aparente impressão de que há um consenso sobre os discursos que envolvem esta temática.

Carvalho (2008) aponta três níveis diferentes que podem ser aplicados ao conceito de sustentabilidade: como um fenômeno empírico, como ideologia e como categoria compreensiva para (re)pensar o mundo.

A sustentabilidade como um fenômeno empírico é aquela que serve “[...] para designar um fenômeno empírico ou uma realidade a ser descrita” (CARVALHO, 2008, p. 49). Por sustentabilidade como ideologia, Carvalho (2008, p. 49) entende que “[...] é aquele que o situa no campo das ideologias, onde se disputa o sentido verdadeiro e correto do conceito contra seu uso falso ou ilegítimo”. E sustentabilidade como categoria compreensiva para (re)pensar o mundo, “pode ser também pensada como um modelo de compreensão da realidade” (CARVALHO, 2008, p. 50).

Assim, deve-se compreender o que está acontecendo com o mundo atualmente, seja em âmbito natural, econômico, político, cultural, das relações humanas-humanas e das relações humanas-não humanas, para que se possa refletir sobre a maneira como os seres

humanos se relacionam com seus pares e com os demais seres vivos e bens naturais que permeiam e impregnam a vida na Terra. No entanto, este (re)pensar deve promover mudanças de percepções, hábitos, atitudes, olhares e valores, agregando às relações, como um todo, com mais afeto, amor e cuidado.

No entender de Molon (2009), os princípios da EA, sustentados no diálogo, na solidariedade, na construção da cidadania, na luta e no reconhecimento da participação são elementos essenciais na transformação das relações sociais e na obtenção de uma sociedade mais justa, preocupada com as questões ambientais e, principalmente, com menos desigualdades sociais.

4 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este estudo possibilitou compreender alguns aspectos e particularidades da percepção de pais, professores e gestores da escola estudada acerca do papel da escola na formação de sujeitos críticos e atuantes na sociedade e também sobre a importância de relações mais estreitas entre a escola e a comunidade.

Observou-se que os participantes da pesquisa concebem um sujeito atuante e comprometido com a sociedade associando a ele características como: cuidado, responsabilidade, honestidade, que exerce seus direitos, deveres e cidadania. Esses elementos são fundamentais para se viver bem no ambiente onde se reside e também para favorecer as relações estabelecidas entre os seres humanos. Além disso, os relatos dos participantes da pesquisa evidenciaram que a comunidade carece desses elementos, sendo que o resgate dos mesmos pode elevar a autoestima das pessoas que residem na comunidade Fábio Silva e, conseqüentemente, aumentar a participação dessas pessoas na escola e na comunidade.

A grande maioria dos participantes enfoca o ambiente como aquele atinente a relações interpessoais e uns poucos percebem o ambiente como um problema e como recurso. Seria fundamental fortalecer os vínculos e as relações de cuidado entre as pessoas, a escola e a comunidade, de modo que trabalhando em conjunto pudessem pensar sobre a realidade local e propor soluções aos problemas por eles vivenciados. Em relação à percepção sobre a comunidade onde a escola encontra-se inserida, são ressaltados aspectos de ordem social, como tráfico de entorpecentes, violência, inexistência de áreas de lazer para os moradores, além de ser uma comunidade pouco participativa. Em contrapartida, há entrevistados que dizem que a comunidade é boa, apesar das dificuldades, e que estas não possuem a dimensão propagada pela cidade.

No que tange à relação estabelecida entre a escola e a comunidade e vice-versa, é considerada boa, contudo ressaltam a pouca participação dos pais na escola e, por conseguinte, na vida escolar dos filhos. Há atores da pesquisa que fazem sugestões para estreitar os laços entre a escola e a comunidade, como reuniões periódicas, atividades em que os pais tenham alguma participação, entre outras. Vale ressaltar que a comunidade precisa da escola e, em consequência, a escola precisa da comunidade, então ambas devem apoiar-se mutuamente e os pais dos alunos devem estar engajados nesse propósito, visando a contribuir para melhorar a comunidade e a escola. Em alguns relatos também ficou evidente que a relação de pertencimento à comunidade é frágil, sendo necessário romper com tal condição, já que as pessoas que ali vivem devem sentir-se pertencentes à comunidade e, portanto, também

responsáveis por ela.

Nesse sentido, seria oportuno incorporar a EA em projetos e práticas desenvolvidas por professores, de uma forma que essa incorporação possibilite uma maior integração da escola com a comunidade e vice-versa. Considerou-se que processos de formação aos professores, pais e gestores na escola, nos dias de planejamento, por exemplo, com pesquisadores da área da EA da universidade e de outros setores, poderia gerar, além de uma ampliação conceitual, também uma maior compreensão dos meandros que permeiam as questões socioambientais para a realidade da escola e da comunidade onde esta se encontra inserida. Transformar esses momentos em oportunidades criativas e motivacionais pode contribuir para ampliar o universo de possibilidades para uma redução de distâncias entre os sujeitos, escola e comunidade. Sato (2013, p. 23b) pondera:

Que não existe uma receita pronta a ser seguida, senão tentativas para mudanças. Que a escola não está isolada e que o sistema em crise precisa ser repensado à luz de uma complexidade de pontos e linhas que formam o tecido educativo. Mas que as pequenas ações realizadas somam-se e ecoam diferentemente em cada região. Um projeto, uma aula, um debate ambiental pode ser coisa pequena frente às atrocidades do mundo, mas tudo isso se magnifica quando consideramos a escola como centro de um universo local, articulada com a sociedade e ousando mudanças, ao invés de somente aguardar passivamente pelas mudanças que a sociedade nos impõe.

A pesquisa também mostrou que a APP da escola deixa a desejar em vários pontos, todavia, se tal associação for bem estruturada e participativa, é um elemento que pode promover inúmeros benefícios para a escola e comunidade.

Todos os pais participantes da pesquisa evidenciam a importância de os filhos estudarem, além de conceberem a educação como um meio para melhorar a relação do ser humano com o ambiente.

Os professores consideram que contribuem por meio de suas práticas pedagógicas, cada um à sua maneira, para a formação de sujeitos atuantes e comprometidos com a sociedade, além também de proporcionarem reflexões aos alunos com o intuito de auxiliar a melhorar a relação destes com o ambiente.

A gestão escolar acredita que, ao exercer sua função, através de projetos e outras atividades desenvolvidas na escola auxilia na formação de sujeitos atuantes e comprometidos com a sociedade e também, por meio das ações já citadas, contribui para reforçar a relação dos alunos com o ambiente.

Os atores da pesquisa concebem a educação como um elemento transformador da sociedade. Nesse sentido, considerou-se que para a educação alcançar seu objetivo de

transformar a sociedade, faz-se necessária uma prática educativa pautada no diálogo e participativa. Por esse motivo, Freire e Horton (2003, p. 149) enfatizam que:

Quanto mais as pessoas participarem do processo de sua própria educação, maior será sua participação no processo de definir que tipo de produção produzir, e para que e por que, e maior será também sua participação no seu próprio desenvolvimento. Quanto mais as pessoas se tornarem elas mesmas, melhor será a democracia.

A respeito da sustentabilidade socioambiental, os pais participantes da pesquisa afirmaram que já ouviram falar neste termo, mas não sabem a que se refere. Já os professores e a gestora escolar, associam a sustentabilidade ao cuidado com o meio ambiente, cuidado com os recursos naturais, visando à sua preservação para as futuras gerações. Muito se ouve falar sobre sustentabilidade e pouco se percebe de concreto sobre ela. A esse respeito, salienta Sato (2013b, p. 17, grifos da autora):

O termo sustentabilidade parece ter se banalizado, não apenas porque é repetido com exaustão, mas porque é repetido por um grupo grande de pessoas das mais diversificadas áreas do conhecimento ou atuação. Perderam-se, assim, as identidades de quem está referendando o termo, já que virou um 'jargão' pasteurizado em todas as áreas e atuações. Tecnicamente, a sustentabilidade é compreendida como algo durável que tenha a interface das 3 dimensões: economia, sociedade e ambiente. Mas acabou virando um discurso vazio, porque as 3 dimensões estão apenas no nome e na prática pouco se concretiza. Pessoalmente, compreendo que a sustentabilidade deve incluir dois grandes destaques: a inclusão social e a proteção ecológica. A economia é subjacente a isso, assim como tantas outras essencialidades como a educação, as ciências, a habitação, a espiritualidade e outras dimensões que chamamos de 'felicidade'.

Vive-se em uma sociedade em que há uma grande distorção de valores, que repercute no modo de vida das pessoas e, por consequência, na escola também. Além disso, seria importante que a escola planejasse e tomasse medidas por meio de projetos que contemplem a EA, que aproximassem a comunidade da escola e fortalecessem os vínculos entre a escola, a comunidade e a APP.

Sugere-se que a escola se abra a projetos de EA a serem realizados com base em uma ação integradora, reflexiva, crítica, transformadora e formadora visando à recuperação e formação de hábitos, atitudes e valores socioambientais. Para tanto, deve buscar junto aos profissionais das universidades, prefeituras e outros espaços da sociedade subsídios que favoreçam tal processo.

Ademais, sugere-se que sejam aprofundados os estudos e que projetos de EA crítica, emancipatória e transformadora que contemplem os aspectos aqui levantados sejam

considerados, objetivando proporcionar uma maior ligação entre a escola e a comunidade e vice-versa.

Buscar intensificar os tempos e espaços de atuação da/na escola/comunidade como: promover momentos de planejamento dos professores abertos à participação de pais e integrantes da comunidade; intensificar a participação de representantes da comunidade e da escola nas diversas reuniões promovidas; priorizar para que os projetos desenvolvidos na/pela escola integrem a comunidade e extrapolem os muros da escola; oportunizar para que escola e a comunidade sejam a extensão uma da outra. Tais possibilidades poderão suscitar outros desdobramentos com reflexos para uma prática pedagógica de comprometimento real dos contextos em que se inserem a escola e a comunidade.

Talvez isso tudo possa ser visto como uma utopia, mas a materialização de um sonho somente se dá por alguém ter acreditado nele.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Em meditação**. Campinas: Saberes Editora, 2012.

_____. **Por uma educação romântica**. Campinas: Papyrus, 2002.

AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio**. Disponível em:
<<http://www.dicionariodoaurelio.com/ambiente>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

BASSANI, M. A. Fatores psicológicos da percepção da qualidade ambiental. In: MAIA, N. B.; MARTOS, H. L.; BARRELLA, W. (Org.). **Indicadores ambientais: conceitos e aplicações**. São Paulo: EDUC/COMPED/INEP, 2001. p. 47-57.

BAUMAN, Z. **Isto não é um diário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BERTOLUCCI, D.; MACHADO, J.; SANTANA, L. C. Educação ambiental ou educações ambientais? As adjetivações da educação ambiental brasileira. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 15, p. 36-48, jul./dez. 2005.

BOFF, L. Carta da terra. In: SATO, M. (Org.). **Eco-ar-te para o reencantamento do mundo**. São Carlos: Rima, 2011. p. 11-20.

_____. **Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003a.

_____. **Ética e eco-espiritualidade**. Campinas: Verus Editora, 2003b.

_____. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 28-35, out./mar. 2005. Disponível em:
<<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/6/12>>. Acesso em: 1º jul. 2013.

_____. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Rio de Janeiro: Record, 2009a.

_____. **Respeito a todo ser, à mãe terra**. 2009b. Disponível em:
<<http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

_____. **Virtudes para um outro mundo possível, vol. II: convivência, respeito, tolerância**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BORGHI, R. H. P.; ZANCUL, M. C. S. Agir localmente e pensar globalmente: educação ambiental numa comunidade escolar na cidade de Araraquara (SP). **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 23, p. 342-357, jul./dez. 2009.

BRAGA, R. N.; PEREIRA, C. C.; GUIMARÃES, M. A importância da formação e participação do gestor educacional, na inserção da educação ambiental no cotidiano escolar. In: MENDONÇA, A. W.; SIQUEIRA, A. B.; MARCOMIN, F. E. (Org.). **Educação, sociedade e meio ambiente no estado de Santa Catarina: múltiplas abordagens**. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 67-84.

BRANDÃO, C. R. **O vôo da arara-azul: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental**. Campinas: Armazém do Ipê, 2007.

_____. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm>. Acesso em: 14 jun. 2014.

_____. **Constituição 1988**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 26. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencian.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

BRAVO, M. D. Construindo alternativas à crise socioambiental contemporânea: educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória e história oral. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 26, p. 254-269, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3497/2077>>. Acesso em: 11 maio 2014.

CANABARRO, C. L.; OLIVEIRA, C. T.; SILVA, M. F. S. Aproximações entre Paulo Freire e educação ambiental emancipatória: uma análise partindo da ética, da estética, da política e da epistemologia. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 23, p. 385-393, jul./dez. 2009.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. Educação para sociedades sustentáveis e ambientalmente justas. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. especial, p. 46-55, dez. 2008.

CARVALHO, V. S. **Educação ambiental e desenvolvimento comunitário**. Rio de Janeiro: WAK, 2002.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CURRIE, K; BASSANI, S. M. Eixo norteador: minha comunidade + meio ambiente. In: CURRIE, K. L. **Meio ambiente: interdisciplinaridade na prática**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2002. p. 69-88.

CURRIE, K. L.; COCO, A. M. Eixo norteador: minha escola + o meio ambiente. In: CURRIE, K. L. **Meio ambiente: interdisciplinaridade na prática**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2002. p. 55-68.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2005.

DEL MAESTRO, M. P. K. A percepção do sagrado na educação ambiental: entrelaçamentos de uma abordagem complexa e transdisciplinar. In: TRISTÃO, M.; JACOBI, P. R. (Org.). **Educação ambiental e os movimentos de um campo de pesquisa**. São Paulo: Annablume, 2010. p. 69-90.

DEL RIO, V. Cidade da mente, cidade real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do RJ. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p. 3-22.

DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

E.E.F. FÁBIO SILVA. **Estatuto da associação de pais e professores (APP) da Escola de Ensino Fundamental Fábio Silva**. 2013a.

_____. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Tubarão: Escola de Ensino Fundamental Fábio Silva, 2013b.

_____. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Tubarão: Escola de Ensino Fundamental Fábio Silva, 2014.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FAGGIONATO, S. **Percepção ambiental**. Disponível em: <http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html>. Acesso em: 13 maio 2014.

FERNANDES, R. S. et al. Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental. In: ENCONTRO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 2, 2004, Indaiatuba. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT10/roosevelt_fernandes.pdf>. Acesso em: 12 maio 2014.

FERNANDES, V.; SAMPAIO, C. A. C. Problemática ambiental ou problemática socioambiental? A natureza da relação sociedade/meio ambiente. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 18, p. 87-94, jul./dez.2008.

FERRARA, L. D. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FERREIRA, L. C. Sustentabilidade: uma abordagem histórica da sustentabilidade. In: FERRARO JUNIOR, L. A. (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, 2005. p. 313-322.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação e mudança**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa?** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, M. **Educação ambiental: no consenso um embate?** 2. ed. Campinas: Papyrus, 2004a.

_____. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papyrus, 2004b.

_____. **Caminhos da educação ambiental: da forma à ação**. Campinas: Papyrus, 2006.

_____. **A dimensão ambiental na educação**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1998.

HERDT, S. O. **Percepção ambiental e a agroecologia no município de Santa Rosa de Lima, Santa Catarina**. 2013. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2013.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.

LAYRARGUES, P. P. Educação ambiental com compromisso social: o desafio da superação das desigualdades. In: LOUREIRO, C. F.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. **Repensar a educação ambiental: um olhar crítico**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 11-32.

MARCOMIN, F. E. et al. Percepção ambiental com vistas à formação de educadores ambientais no complexo lagunar do sul do estado de Santa Catarina – Brasil. In: MENDONÇA, A. W.; SIQUEIRA, A. B.; MARCOMIN, F. E. (Org.). **Educação, sociedade e**

meio ambiente no estado de Santa Catarina: múltiplas abordagens. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 99-122.

MARIN, A. A. A percepção no *logos* do mundo estético: contribuições do pensamento de Merleau-Ponty aos estudos de percepção e educação ambiental. **Interacções**, Braga, v. 5, n.11, p. 48-66, 2009.

MARQUES, A. I. **A educação e o lazer**. 2014. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/ect10_ana.htm>. Acesso em: 30 nov. 2014.

MELAZO, G. C. Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. **Olhares e Trilhas**, Uberlândia, ano 6, n. 6, p. 45-51, 2005.

MENDONÇA, R.; NEIMAN, Z. **À sombra das árvores:** transdisciplinaridade e educação ambiental em atividades extraclasse. São Paulo: Chronos, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. **Conversas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: _____. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a. p. 9-30.

_____. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: _____. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012b. p. 61-78.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino:** as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MOLON, S. I. As contribuições de Vygotsky na formação de educadores ambientais. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.). **Repensar a educação ambiental:** um olhar crítico. São Paulo: Cortez, 2009. p. 141-172.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, maio/jul. 2003.

_____. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZI, M. C.; FREITAS, J. V. (Org.). **Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental**. Ijuí: UNIJUÍ, 2005. p. 85-114.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, jan./abr. 2006.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MÜLLER, M. J. **Merleau-Ponty: acerca da expressão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

NASCIMENTO, C. L. O cuidado na educação numa perspectiva fenomenológica. **Dialogia**, São Paulo, n. 18, p. 85-101, jul./dez. 2013.

NASCIMENTO, M. V. E.; ALMEIDA, E. A. Importância da realização de trilhas participativas para o conhecimento e conservação da diversidade biológica: uma análise da percepção ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 23, p. 358-368, jul./dez. 2009.

NEBIAS, M. **Secretaria de educação oferece novas oportunidades de aprendizagem**. 2014. Disponível em: < <http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/noticias/5676-secretaria-da-educacao-oferece-novas-oportunidades-de-aprendizagem>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

NEIMAN, Z.; RABINOVICI, A. Educação ambiental, mudanças de valores e geração de atitudes cidadãos-participativas: o trabalho do instituto Physis – cultura & ambiente. In: JUNQUEIRA, V.; NEIMAN, Z. **Educação ambiental e da conservação da biodiversidade**. Barueri: Manole, 2007. p. 243-258.

NORA, G. D.; SILVA, V. V. A educação ambiental e o pot-pourri da geografia urbana. In: SATO, M.; GOMES, G.; SILVA, R. (Org.). **Escola, comunidade e educação ambiental: reinventando sonhos, construindo esperanças**. Cuiabá: Gráfica Print, 2013. p. 256- 266.

PARO, V. H. Gestão da escola pública: a participação da comunidade. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 73, n. 174, p. 255-290, maio/ago. 1992.

PASSOS, L. A.; SATO, M. Educação ambiental: o currículo nas sendas da fenomenologia Merleau-Pontyana. In: SAUVÉ, L.; ORELLANA, I.; SATO, M. (Org.). **Choisis em éducation relative à l'environnement: d'une Amérique à l'autre**. Montreal: ERE-UQAM, 2002. p. 1-14.

PEREIRA, S. M. **O transitar de saberes populares de pescadores artesanais na escola**. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014.

REINHARDT, R. Parceria entre a escola e a comunidade na perspectiva da gestão solidária. **Boletim da Saúde**, 21, p. 89-96, jul./dez. 2007.

SATO, M. **Educação ambiental**. São Carlos: Rima, 2004.

_____. **Parecer: a percepção ambiental e a agroecologia no município de Santa Rosa de Lima**, Santa Catarina. Cuiabá: UFMT, 2013a. 6 p.

_____. Clusters da educação ambiental: do eu isolado ao nós coletivo. In: SATO, M.; GOMES, G.; SILVA, R. (Org.). **Escola, comunidade e educação ambiental: reinventando sonhos, construindo esperanças**. Cuiabá: Gráfica Print, 2013b. p. 15-29.

_____. **Educação para o ambiente amazônico**. 1997. 239 f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais)–Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 1997.

SAUVÉ, L. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.

SILVA, P. C. G. **A fenomenologia de Husserl**: uma breve leitura. 2014. Disponível em: <<http://meuartigo.brasescola.com/filosofia/a-fenomenologia-husserl-uma-breve-leitura.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

SILVEIRA, E. M. **Saberes locais e a escola**: entre olhares, diálogos e encantos. 2014. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014.

SMYTH, J. C. Environment and education: a view of a changing scene. **Environmental Education Research**, v. 1, n. 1, p. 3-20, 1995.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; RAYMUNDO, M. H. A. Biodiversidade e educação ambiental. In: JUNQUEIRA, V.; NEIMAN, Z. **Educação ambiental e da conservação da biodiversidade**. Barueri: Manole, 2007. p. 35-48.

STRIEDER, R.; ZIMMERMANN, R. L. G. Importância da escola para pais, mãe, alunos, professores, funcionários e dirigentes. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 2, p. 245-258, maio/ago. 2010.

TEROSSI, M. J.; SANTANA, L. C. Concepções e práticas de educação ambiental presentes nos projetos da Universidade Livre do Meio Ambiente (Umasq). **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 30, n. 2, p. 64-84, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3943/2457>>. Acesso em: 15 maio 2014.

TORRES, D. F.; OLIVEIRA, E. S. Percepção ambiental: instrumento para educação ambiental em unidades de conservação. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 21, p. 227-235, jul./dez. 2008.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Educação ambiental**: natureza, razão e história. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. Fundamentos teóricos para uma pedagogia crítica da EA: algumas contribuições. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30, 2007, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2007. p. 1-16.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel: 1980.

VEIGA, I. P. A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: _____. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. 14. ed. Campinas: Papirus, 2002. Disponível em:

<http://nead.uesc.br/arquivos/Biologia/modulo_7_bloco_4/TEXT0.3-VEIGA-ILMA-PASSOS-PPP-UMA-CONSTRUCAO-COLETIVA.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Ficha de levantamento dos atores da pesquisa

Ficha de levantamento dos atores da pesquisa – Pais, professores e gestores – E.E.F. Fábio Silva

Nome do ator da pesquisa: _____

Idade: _____

Função na APP: _____

Há quanto tempo está na APP? _____

Tem conhecimento do estatuto da APP? _____

Onde reside? _____

Aceita participar da pesquisa? _____

Aceita gravar entrevista de áudio? _____

Qual o melhor dia, local e horário para fazer as entrevistas? _____

Tem disponibilidade de cerca de 1h a 2h para a realização da entrevista?

Aceita colocar o nome verdadeiro ou um nome fictício (elemento da natureza que a pessoa goste)? _____

Telefone de contato: _____

Agendamento

Dia: _____ Horário: _____

Quantos filhos possui? _____

Quantos estão na escola Fábio Silva? _____

Idade e série desses filhos: _____

Profissão? Local de trabalho? _____

O (A) senhor (a) estudou durante algum tempo? Quanto tempo? _____

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista para gestores



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA - UNISUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO - MESTRADO
PERCEPÇÃO E CUIDADO PELO VIÉS SOCIOAMBIENTAL: a relação ser humano
– escola – comunidade

BLOCO A

1. Para você, o que é um sujeito atuante na sociedade e comprometido com ela?
2. Como você descreve o ambiente no qual a escola encontra-se inserida?
3. Como você descreve a comunidade em que a escola está inserida?

BLOCO B

1. Como a senhora (senhor) descreveria a relação existente entre a escola e a comunidade de Fábio Silva?
2. Que aspectos positivos e negativos percebe na relação escola – comunidade?
3. De que modo a escola contribui para a formação do cidadão atuante e comprometido com a sociedade?
4. Poderia nos dar exemplos de ações práticas que evidenciem essa contribuição?
5. Como a escola contribui com a comunidade e como a comunidade contribui com a escola?
6. Como a escola poderia contribuir com a comunidade e vice-versa?
7. Acha que seria necessário melhorar a relação escola-comunidade-escola? Por quê? Como?
8. Os pais costumam participar das atividades da escola? Como?
9. Como os pais podem contribuir com a formação de cidadãos atuantes e comprometidos?
10. E a escola integra a comunidade em suas atividades? Como?
11. Qual é o principal papel da escola?
12. Como se dá a integração escola – ambiente e comunidade?
13. Como a escola estabelece uma relação com o meio ambiente e com a comunidade na qual está inserida?

BLOCO C

1. Você conhece o Projeto Político Pedagógico da escola? Caso afirmativo, poderia falar um pouco

sobre ele?

2. Acha que ele tem alguma influência sobre o papel da escola na formação de cidadãos comprometidos com a comunidade?
3. E sobre a APP: qual o papel da APP em uma escola?
4. Observa esse papel sendo desempenhado pela APP dessa escola?
5. Quais são as atribuições da APP e que constam no PPP?
6. A APP pode auxiliar nesse processo de formação do cidadão? De que forma?
7. Como é a participação da APP no processo de formação dos alunos?
8. De que maneira a APP auxilia na integração escola – comunidade?
9. Como a escola pode favorecer a participação da APP e da comunidade no processo formativo?
10. Como a APP e a escola podem contribuir para uma relação de mais cuidado das pessoas entre si e com a comunidade?
11. De que maneira a escola e a APP contribuem para a formação de sujeitos atuantes na sociedade?
12. Por quais meios a APP poderia integrar a escola, a comunidade e o ambiente?
13. Você considera importante o papel da APP na escola? Quais suas contribuições mais relevantes?
14. Como você avalia a participação dos pais na APP e na escola?
15. Você pensa que a APP poderia ser atuante na comunidade?

BLOCO D

1. De que maneira a gestão escolar contribui para a formação de um sujeito crítico e atuante na sociedade?
2. Acredita que sua atuação como gestora contribui para melhorar a relação do ser humano com o ambiente? De que modo?
3. Acredita que sua atuação como gestora contribui para melhorar a relação do ser humano com a comunidade? De que modo?
4. Você considera a educação como um elemento transformador da sociedade?
5. Como sua gestão na escola e na APP podem contribuir para uma relação mais estreita entre APP, escola, comunidade e ambiente?
6. Por quais meios a educação poderia contribuir para a formação de sujeitos atuantes na sociedade?
7. Como definiria **VALORES**?
8. Como o senhor (a) definiria **SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL**?

Gostaria de falar mais alguma coisa?

Agradecemos imensamente pela atenção, dedicação, paciência, compreensão e participação.

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista para professores



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA - UNISUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO - MESTRADO
PERCEPÇÃO E CUIDADO PELO VIÉS SOCIOAMBIENTAL: a relação ser humano
– escola – comunidade

BLOCO A

1. Para você, o que é um sujeito atuante na sociedade e comprometido com ela?
2. Como você descreve o ambiente no qual a escola encontra-se inserida?
3. Como você descreve a comunidade em que a escola está inserida?

BLOCO B

1. Como a senhora (senhor) descreveria a relação existente entre a escola e a comunidade de Fábio Silva?
2. Que aspectos positivos e negativos percebe na relação escola – comunidade?
3. De que modo a escola contribui para a formação do cidadão atuante e comprometido com a sociedade?
4. Poderia nos dar exemplos de ações práticas que evidenciem essa contribuição?
5. Como a escola contribui com a comunidade e como a comunidade contribui com a escola?
6. Como a escola poderia contribuir com a comunidade e vice-versa?
7. Acha que seria necessário melhorar a relação escola-comunidade-escola? Por quê? Como?
8. Os pais costumam participar das atividades da escola? Como?
9. Como os pais podem contribuir com a formação de cidadão atuantes e comprometidos?
10. E a escola integra a comunidade em suas atividades? Como?
11. Qual é o principal papel da escola?
12. Como se dá a integração escola – ambiente e comunidade?
13. Como a escola estabelece uma relação com o meio ambiente e com a comunidade na qual está inserida?

BLOCO C

1. Você conhece o Projeto Político Pedagógico da escola? Caso afirmativo, poderia falar um pouco sobre ele?
2. Acha que ele tem alguma influência sobre o papel da escola na formação de cidadãos comprometidos com a comunidade?
3. E sobre a APP: qual o papel da APP em uma escola?
4. Observa esse papel sendo desempenhado pela APP dessa escola?
5. Quais são as atribuições da APP e que constam no PPP?
6. A APP pode auxiliar nesse processo de formação do cidadão? De que forma?
7. Como é a participação da APP no processo de formação dos alunos?
8. De que maneira a APP auxilia na integração escola – comunidade?
9. Como a escola pode favorecer a participação da APP e da comunidade no processo formativo?
10. Como a APP e a escola podem contribuir para uma relação de mais cuidado das pessoas entre si e com a comunidade?
11. De que maneira a escola e a APP contribuem para a formação de sujeitos atuantes na sociedade?
12. Por quais meios a APP poderia integrar a escola, a comunidade e o ambiente?
13. Você considera importante o papel da APP na escola? Quais suas contribuições mais relevantes?
14. Como você avalia a participação dos pais na APP e na escola?
15. Você pensa que a APP poderia ser atuante na comunidade?

BLOCO D

1. De que maneira as práticas pedagógicas adotadas por você contribuem para a formação de um sujeito crítico e atuante na sociedade?
2. Acredita que sua prática pedagógica contribui para melhorar a relação do ser humano com o ambiente? De que modo?
3. Acredita que sua prática pedagógica contribui para melhorar a relação do ser humano com a comunidade? De que modo?
4. Você considera a educação como um elemento transformador da sociedade?
5. Como sua disciplina ou sua atuação na escola ou na APP podem contribuir para uma relação mais estreita entre APP, escola, comunidade e ambiente?
6. Por quais meios a educação poderia contribuir para a formação de sujeitos atuantes na sociedade?
7. Como definiria **VALORES**?
8. Como o senhor (a) definiria **SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL**?

Gostaria de falar mais alguma coisa?

Agradecemos imensamente pela atenção, dedicação, paciência, compreensão e participação.

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista para pais



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA - UNISUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO - MESTRADO
PERCEPÇÃO E CUIDADO PELO VIÉS SOCIOAMBIENTAL: a relação ser humano
– escola – comunidade

BLOCO A

1. Para você, o que é um sujeito atuante na sociedade e comprometido com ela?
2. Como você descreve o ambiente no qual a escola encontra-se inserida?
3. Como você descreve a comunidade em que a escola está inserida?

BLOCO B

1. Como a senhora (senhor) descreveria a relação existente entre a escola e a comunidade de Fábio Silva?
2. Que aspectos positivos e negativos percebe na relação escola – comunidade?
3. De que modo a escola contribui para a formação do cidadão atuante e comprometido com a sociedade?
4. Poderia nos dar exemplos de ações práticas que evidenciem essa contribuição?
5. Como a escola contribui com a comunidade e como a comunidade contribui com a escola?
6. Como a escola poderia contribuir com a comunidade e vice-versa?
7. Acha que seria necessário melhorar a relação escola-comunidade-escola? Por quê? Como?
8. Os pais costumam participar das atividades da escola? Como?
9. Como os pais podem contribuir com a formação de cidadãos atuantes e comprometidos?
10. E a escola integra a comunidade em suas atividades? Como?
11. Qual é o principal papel da escola?
12. Como se dá a integração escola – ambiente e comunidade?
13. Como a escola estabelece uma relação com o meio ambiente e com a comunidade na qual está inserida?

BLOCO C

1. Você conhece o Projeto Político Pedagógico da escola? Caso afirmativo, poderia falar um pouco sobre ele?

2. Acha que ele tem alguma influência sobre o papel da escola na formação de cidadãos comprometidos com a comunidade?
3. E sobre a APP: qual o papel da APP em uma escola?
4. Observa esse papel sendo desempenhado pela APP dessa escola?
5. Quais são as atribuições da APP e que constam no PPP?
6. A APP pode auxiliar nesse processo de formação do cidadão? De que forma?
7. Como é a participação da APP no processo de formação dos alunos?
8. De que maneira a APP auxilia na integração escola – comunidade?
9. Como a escola pode favorecer a participação da APP e da comunidade no processo formativo?
10. Como a APP e a escola podem contribuir para uma relação de mais cuidado das pessoas entre si e com a comunidade?
11. De que maneira a escola e a APP contribuem para a formação de sujeitos atuantes na sociedade?
12. Por quais meios a APP poderia integrar a escola, a comunidade e o ambiente?
13. Você considera importante o papel da APP na escola? Quais suas contribuições mais relevantes?
14. Como você avalia a participação dos pais na APP e na escola?
15. Você pensa que a APP poderia ser atuante na comunidade?

BLOCO D

1. Você considera importante que seus filhos estudem? Explique.
2. De que maneira a educação pode melhorar a relação do ser humano com o ambiente?
3. Você considera a educação como um elemento transformador da sociedade?
4. Por quais meios a educação poderia contribuir para a formação de sujeitos atuantes na sociedade?
5. Como definiria **VALORES**?
6. Como o senhor (a) definiria **SUSTENTABILIDADE**?

Gostaria de falar mais alguma coisa?

Agradecemos imensamente pela atenção, dedicação, paciência, compreensão e participação.

